JENNY COCKELL

ATRAVÉS DO TEMPO E DA MORTE

A BUSCA DE UMA MÃE PELOS SEUS FILHOS DE UMA VIDA PASSADA

TRADUÇÃÓ: AMADEU ANTÔNIO

ATRAVÉS DO TEMPO E DA MORTE

A BUSCA DE UMA MÃE PELOS SEUS

FILHOS DE UMA VIDA PASSADA

JENNY COCKELL

Desde que se conseguia lembrar, Jenny Cockell soubera que já tinha vivido antes como Mary Sutton, uma jovem irlandesa que morrera mais de vinte anos antes de Jenny nascer. A sua constante memória-sonho era a de Mary a morrer, sozinha e desesperadamente preocupada com o que aconteceria aos oito filhos pequenos que estava a deixar para trás. Quando finalmente nasceram os seus próprios filhos, Jenny reconheceu finalmente que precisava de descobrir o que tinha acontecido à sua família perdida.

Across Time and Death é a história cativante do amor de uma mãe que se estendeu de uma vida para outra para recuperar os seus filhos. Numa voz tão honesta, simples e sincera que se sabe que a sua história deve ser verdadeira, Jenny Cockell escreve sobre os sonhos que assombraram a sua infância, a busca minuciosa por factos e detalhes que confirmaram a existência da sua vida passada, a descoberta do destino da sua família e o seu reencontro emocional.

Um livro *Fireside*, da Simon & Schuster *Copyright 1993*

Índice

Introdução

1. Um Puzzle de Memórias de Vidas Passadas
2. Viver com Mary
3. Primeiros Passos no meu Passado
4. Necessidade de Prova
5. Malahide, Finalmente
6. Busca pelos meus Filhos
7. Uma Família Perdida é Encontrada
8. Reencontros
9. Regresso a Malahide
10. O Fim da Jornada

Introdução

Mary morreu vinte e um anos antes de eu nascer, mas as memórias da sua vida e desse tempo foram sempre parte de mim, moldando e afetando a pessoa em que me tornei. Este é um relato da busca tanto pelos filhos que Mary deixou para trás como pelo autoconhecimento; ao estender a mão ao passado, tive de desenterrar e encarar os meus próprios sentimentos de inadequação e medo, e encontrar as razões por trás dessas emoções. Sabia que tinha de tentar encontrar os filhos "de ontem", ou a minha vida seria sempre obscurecida por memórias do passado, de luto, raiva e perda. Em parte, este livro é escrito para os filhos de Mary.

Antes que a busca pudesse começar, precisei de desenvolver a coragem e a força para perseguir os meus sonhos. Nunca pude ter a certeza de que seria alcançada uma conclusão satisfatória e fui constantemente perseguida por dúvidas e incertezas. O caminho nunca seria fácil. Fui movida pela obsessão em direção a um objetivo que, lá no fundo, eu sabia que estava lá para ser atingido, bastando que fosse feito esforço suficiente, durante tempo suficiente e na direção certa.

Até o processo de partilhar esta história pareceu ter um lugar na experiência como um todo. Procurar as opiniões de outros e aferir sentimentos ajudou-me a satisfazer a minha necessidade de aprovação e a descobrir como os outros veem aquilo que eu vejo como a memória da minha vida anterior. Sempre me intrigou que os outros parecessem incapazes de se lembrar de qualquer uma das suas outras vidas e, por vezes, achava difícil acreditar que não o conseguissem. Escrever este livro ajudou-me a descobrir por que razão a minha normalidade não era a normalidade vivida pelos outros.

É difícil ter a certeza de onde começa a minha história — não é propriamente na minha infância ou mesmo no meu nascimento. Num sentido, começa com a morte de Mary. Mas de uma coisa tenho a certeza: nunca teria acontecido sem o sonho...

Capítulo 1

Um Puzzle de Memórias de Vidas Passadas

Na infância, os meus sonhos eram inundados por memórias da morte de Mary. Como Mary, eu estava numa sala grande com paredes brancas; uma janela alta, de várias vidraças, quase à minha frente, deixava entrar muita luz. Sabia que estivera doente durante algum tempo, possivelmente semanas, mas a esta altura a dor física tornara-se remota. Tinha dificuldade em respirar, no entanto, e tinha de fazer um esforço para inspirar cada vez, o que por si só induzia o pânico. Havia também uma febre que trazia consigo uma distorção do pensamento e da perceção do tempo. A única certeza era que eu estava sozinha e perto da morte num local que não era a minha casa.

Tudo isto, porém, parecia inconsequente perante o meu medo pelos filhos que estava a deixar para trás. O pensamento de que estava a ser arrancada deles fazia-me querer tentar lutar contra a morte inevitável, tentar evitar aquela separação final, mesmo sabendo a futilidade da luta: pois a morte vinha, inevitável e repetidamente, através daqueles sonhos.

Acordava em lágrimas, soluçando de raiva. Mas eu era uma criança retraída e nervosa, por isso chorava baixinho e sozinha, com demasiado medo de chamar a minha mãe para me confortar, e temendo o castigo do meu pai. Estava sozinha com a minha dor, tal como Mary estava sozinha na morte nos sonhos. Mais tarde, durante o dia, talvez contasse à minha mãe um pouco sobre a Mary e os meus sonhos, mas não conseguia começar a desabafar sobre a sensação de luto aprisionada dentro de mim, e que permanecia. Não era a morte em si que animava o meu medo, pois através dos sonhos passara a compreender a morte como um processo normal e natural. Eram o luto e a perda através da morte que causavam as lágrimas. Era cedo demais para partir, cedo demais para deixar as crianças.

Também sentia, de alguma forma, que a culpa era minha, um sentimento que era incapaz de discutir, pois uma das emoções mais fortes de que me lembro era um sentimento de culpa. Sabia que tinha escapado de uma situação má, mas ao fazê-lo tinha deixado as crianças sozinhas. Foi uma libertação não procurada, mas forçada sobre mim, no entanto o sentido de culpa e responsabilidade permanecia. Eu era apenas uma criança, mas a minha mente era dominada por uma confusão de emoções com as quais seria difícil até para um adulto lidar.

Estes sonhos noturnos eram maus, mas eu conseguia recordar outros momentos da vida de Mary, geralmente durante o dia. Muitos desses pensamentos eram mais agradáveis.

As memórias mais fortes eram as das crianças. Conseguia lembrar-me de um filho mais velho que estava a ficar bastante alto e que poderia ter cerca de treze anos. Era um pequeno soldado, confiante, muito aberto e direto, um bom juiz de situações e sem medo de ser gentil. A rapariga mais velha era bastante silenciosa por vezes; tinha cabelo comprido e uma franja espessa. Esta filha era muito paciente, prestável e atenciosa — lembrava-me dela a ir buscar água a uma bomba ou a uma nascente — e eu sabia que ela era inteligente, saindo-se bem na escola. Sentia-me particularmente culpada por ela, uma vez que seria forçada a cuidar dos outros, como se

espera sempre que as raparigas façam. Ela não seria capaz de lidar com o trabalho doméstico e os mais novos, e fazer os seus trabalhos escolares.

Depois havia pelo menos um par de rapazes, o mais velho dos quais era enérgico e tinha um sentido de humor implacável; um rapaz ligeiramente mais novo que o acompanhava, ou que tantas vezes quanto isso se desentendia e discutia, era mais calado e talvez um pouco reservado. Uma rapariga mais nova, que eu sentia não ter mais de cinco anos, era muito bonita e loira com olhos azuis e uma personalidade fortemente feminina. E havia um rapazinho muito pequeno que passava a mão distraidamente pela bainha do seu casaco, mexendo na roupa; ele era um pouco desconfortável, muito silencioso, um pouco distante, algo solitário. Sentia que era uma criança de quem não se conseguia evitar gostar, mas que se sentia inquieta com demasiada afeição. Lembrava-me de querer dar-lhe um abraço, mas saber que ele se sentiria sufocado por tal demonstração.

Quando Mary morreu, senti que havia uma criança mais nova e que eram sete ou oito ao todo, mas não tinha confiança nos detalhes. Pareço, por alguma razão, ter-me lembrado particularmente de uma criança loira, pois a minha boneca de infância favorita tinha cabelo loiro areia, ligeiramente encaracolado. Tinha um mecanismo engenhoso que permitia que os seus olhos mudassem de cor, mas eu mantinha-os sempre em azul. Sendo essencialmente um boneco bebé, permaneceu na minha posse, vestida com roupas de bebé, até hoje.

Outras memórias fortes eram as da cabana e de caminhar pela ruela ao lado dela. A cabana era a primeira à esquerda numa ruela tranquila virada a oeste e ficava de lado, perto da beira da estrada e separada desta por um muro de pedra. Este não era demasiado alto para ver por cima, mas era desconfortável para se encostar; havia talvez pedras colocadas de lado ao longo do topo, e possivelmente plantas que impediam que alguém se aproximasse demasiado do lado da cabana. Havia uma abertura para um portão um pouco à frente da cabana; era bastante grande — talvez um portão de quinta. Pode ter havido algum tipo de trilho a partir do portão, além do caminho bem trilhado que atravessava o campo até à cabana.

O edifício era de pedra cor de areia (*buff*), embora eu sentisse que deveria ter sido pintado de branco; pareço lembrar-me de ambos. Por cima da porta de madeira de aspeto sólido, o telhado, que não parecia de colmo mas talvez fosse de ardósia, estava visivelmente abatido.

A cabana era pequena — certamente não muito profunda da frente para trás. As poucas janelas pequenas não deixavam entrar muita luz e pareciam estar principalmente na frente; não havia nenhuma na empena perto da estrada. Logo a seguir à porta e diretamente à frente, havia uma espécie de divisória de madeira que impossibilitava entrar diretamente; tinha de se virar para um dos lados da divisória. Não havia escadas, por isso assumi que a cabana tinha apenas um piso e, embora houvesse muito poucas divisões, lembro-me de alguns pequenos anexos exteriores.

A cozinha parecia percorrer toda a profundidade da cabana, da frente para trás, e era muito apertada e bastante escura. Os detalhes no interior eram vagos, mas creio que havia a imagem de um soldado na parede. Havia também algum tipo de mobília, uma mesa encostada à parede e outras coisas — nada ornamentado, apenas funcional.

Mary passava muito do seu tempo na cozinha a cozinhar, o que parecia envolver muita fervura sobre algo completamente desconhecido para mim enquanto criança — um fogão de cozinha (*range*) de um tipo que só vi na idade adulta e que ainda se pode encontrar em algumas casas antigas. Ela também fazia frequentemente um pão redondo e achatado, misturando a farinha com as mãos. Eu ecoava isto nas brincadeiras de infância, misturando sementes de relva com água.

Outras facetas dessa outra vida eram encenadas na minha própria vida diária como criança. Eu mantinha o abrigo do jardim limpo, varrendo o chão de madeira com uma vassoura tal como Mary varria o seu chão de pedra dura. A minha mãe tinha um aspirador e raramente usava uma vassoura, mas eu gostava de limpar daquela forma mais antiga, sem máquinas. Também não era um jogo — a tarefa era executada na realidade e minuciosamente, mesmo quando eu era bastante jovem. Estava também constantemente a arrumar e a limpar o meu quarto e os brinquedos, algo de que gostava quase mais do que brincar com eles.

Antes de se chegar ao muro junto à cabana, o lado esquerdo da estrada era ladeado por árvores e uma sebe. A própria cabana tinha de ser ultrapassada antes de se chegar à entrada, pelo que se tinha depois de voltar e caminhar de regresso pelo campo até ela. Nas traseiras, para lá de uma pequena horta, havia um bosque. Mais adiante na ruela, passando a entrada da cabana, havia um riacho que atravessava a ruela sob uma ponte. A cabana de Mary marcava o início de um pequeno lugar de talvez dez a doze

casas, principalmente distribuídas ao longo do mesmo lado da ruela. Embora houvesse uma casa um pouco mais adiante, do outro lado, junto a uma curva à direita, a maior parte do lado oposto da ruela consistia em prados pantanosos não adequados para construção.

Lembro-me da aldeia vizinha em detalhe. Todas as deslocações de e para ela eram feitas a pé; como Mary, lembro-me de caminhar com as crianças para a igreja, e sozinha quando ia às compras. A maioria das lojas ficava numa estrada de norte a sul no meio da aldeia, onde também havia uma pequena igreja. Desta estrada era possível ver um grande par de portões de madeira no lado oposto da estrada principal e à direita do cruzamento; estes tinham algum significado. A estação de comboios ficava recuada em relação à estrada principal, que percorria o topo da aldeia num arco. Mary tinha algum interesse em comboios a vapor e eu sonhava frequentemente com eles, mas não me consigo lembrar de viajar neles. Sabia que a aldeia ficava a norte de uma grande cidade que seria talvez demasiado longe para ir a pé. Sentia também que a aldeia da infância de Mary era bastante próxima, pois sabia de alguma forma que ela se tinha mudado para esta zona vinda de outro lugar.

Eu era bastante boa a desenhar quando criança, e desenhava repetidamente mapas rudimentares da aldeia de Mary, marcando as lojas, as estradas principais, a estação e a casa dela. Por vezes surgiam outros pontos de referência recordados, mas havia uma consistência notável ao longo dos anos.

Embora houvesse viagens ocasionais à cidade (sem os filhos) e outras na direção oposta — virando à esquerda ao sair da cabana — as principais saídas eram para a igreja. Pelo menos, eu presumia que eram para a igreja, porque todos estavam presentes e vestidos com roupas que não eram de trabalho. (Sempre senti que Mary era católica.) Havia também um sentimento diferente nestas visitas, nada parecido com necessidade ou obrigação. Todas as crianças vinham, assim como alguns outros adultos. Uma era uma amiga com quem havia um sentimento de proximidade. Esta mesma amiga ficava na cabana a conversar enquanto Mary trabalhava na cozinha. Lembro-me que ela falava muito. A dada altura, o nome Molly, ou algo semelhante, pareceu ficar ligado à memória desta amiga.

Quando eu própria era jovem, costumava vestir-me melhor aos domingos. Quando me perguntavam porquê, eu dizia, simplesmente:

«Porque é domingo». Não compreendia por que razão isso poderia parecer uma explicação inadequada. Fazia todo o sentido para mim, embora a minha família não fosse frequentadora da igreja.

Levei anos a perceber e aceitar que o marido de Mary também estava presente nestas idas à igreja. A memória dele era como um caleidoscópio, mudando de uma imagem vaga para outra. Ele parecia ser um homem taciturno, raramente presente, embora houvesse clarões de uma pessoa mais jovem e feliz, alguém que era muito importante para Mary. Na maior parte do tempo ele parecia periférico — quase como se eu estivesse a tentar bloquear as memórias dele.

Muita da recordação era feita de fragmentos isolados e, por vezes, eu tinha dificuldade em fazer sentido deles. Mas outras partes eram completas e muito detalhadas. Era algo como um puzzle com certas peças desbotadas e outras temporariamente perdidas, mas com as suficientes presentes e claras para dar um todo geral razoável. As crianças ocupavam uma grande parte das memórias, tal como a cabana e a sua localização. Outros locais e pessoas pareciam menos precisos.

Havia um cão preto pequeno, por exemplo, mas devia pertencer às crianças, pois não me lembro de o passear. Havia outros animais perto da cabana, animais de quinta, mas não conseguia ser mais específica. Pareço lembrar-me também de um animal encurralado.

Havia uma preocupação com as compras. Nunca parecia haver dinheiro suficiente para comprar muita comida e, embora se pudessem cultivar vegetais no canteiro que eu recordava ao lado da cabana, eu sentia que ou o canteiro ou os vegetais eram, de certa forma, emprestados. Também associava as compras a bancas de mercado que se estendiam ao longo de um dos lados de uma rua empedrada que terminava numa caixa de correio na esquina. Lembro-me de caminhar a partir da extremidade onde a caixa de correio ficava à minha direita. Este era também o lado onde as bancas estavam, e elas estendiam-se por quase toda a rua empedrada.

Atrás das bancas havia lojas, mas eram demasiado caras para se comprarem produtos nelas e, por isso, mal eram consideradas. As bancas vendiam uma variedade de artigos, principalmente géneros alimentares — vegetais, peixe fresco, por vezes carne. Havia algumas bancas com roupa que poderia ser de segunda mão, e uma ou duas com artigos domésticos.

Toda a cena era de azáfama, e o objetivo de ali estar era tentar encontrar uma pechincha. Não me lembro de comprar propriamente muita coisa. O que confundia era que este mercado não parecia ser na aldeia, por muito que eu tentasse localizá-lo ali.

Havia outras imagens — memórias mais pequenas e fragmentadas que por vezes pareciam desconectadas no tempo, de tal modo que é difícil ter a certeza de que parte da vida dela vinham. Lembro-me, como Mary, de estar num pequeno pontão de madeira à espera que um barco chegasse. Usava um xaile escuro que não me protegia do vento frio. Estava a anoitecer e havia poucas pessoas por perto. Não consigo lembrar-me de por quem esperava ou quando foi isto.

Havia também pensamentos sobre o pai da Mary e dois irmãos mais velhos, que pareciam ter partido. A relação com o pai era calorosa — um homem baixo e entroncado, calmo, gentil e com um bom sentido de humor. Vestia-se de forma desalinhada, com roupas velhas — provavelmente bastante desleixadas — e eu sentia que parte do seu trabalho envolvia cuidar dos campos. Tenho pouca memória da mãe da Mary — uma mulher silenciosa que se mantinha em segundo plano. Os sentimentos relativos a ela eram menos fortes, mais subtis, ou talvez apenas vagos da mesma forma que a memória dela era vaga.

O mais velho dos dois irmãos era gentil, com uma voz profunda e suave. O mais novo tinha uma constituição física nervosa e uma energia sem fim; estava sempre a brincar e a sorrir. Embora tivesse a certeza de que eles se tinham ido embora muito antes, pareciam muito familiares e só muito mais tarde é que percebi porquê. Até aos sete anos, como muitas crianças, tive dois amigos imaginários que mais ninguém parecia ser capaz de ver ou ouvir. Estes homens faziam-me perguntas e discutiam ideias, contavam-me coisas divertidas que lhes tinham acontecido e, o melhor de tudo, ouviam-me. Os seus carácteres — um apenas um adulto, sempre a rir; o outro mais calmo e fácil de comunicar — eram muito semelhantes aos dos irmãos da Mary.

Ainda acho difícil ver a própria Mary. Era mais fácil ver o que a rodeava, o que não surpreende, pois vejo através dela e da vida recordada como sendo ela. Sinto sobretudo a sua personalidade e lembro-me das suas roupas. Havia uma preferência por blusas com mangas que não chegavam ao pulso, mas paravam logo abaixo do cotovelo e eram franzidas num

punho. Mesmo agora, como adulta, dou por mim a arregaçar as mangas das camisas, ou mesmo a prender com alfinetes e a coser os punhos das blusas.

As roupas para trabalhar eram escuras e recordo uma saia de lã comprida e escura. Para mim, a criança, era difícil compreender por que razão as minhas saias pareciam curtas demais para serem confortáveis. A imagem na minha mente era de que deveriam chegar a meio da perna, mas as saias das crianças nos anos 50 eram pelo joelho. O tecido também parecia sempre errado — muito mais leve do que eu esperava.

O cabelo da Mary era comprido e parecia ligeiramente ondulado; não era pesado e encaracolado como o meu. Quando criança, não gostava do meu cabelo cortado curto; parecia errado dessa forma, embora realisticamente fosse mais fácil de tratar. À medida que crescia, percebi que a Mary devia ter apenas uma altura média ou ligeiramente abaixo da média. Comecei a sentir-me demasiado alta, pois aos treze anos já tinha atingido a altura de 1,78 m (*5 foot 10 inches*). Sentia-me desajeitada e canhestra, embora como Mary me sentisse de certa forma asseada, quase contida.

Ligadas às memórias de pessoas, lugares e emoções, estavam um par de certezas apreendidas. Sempre soube que o período de tempo envolvido era de aproximadamente 1898 até aos anos 30 — que este fora o tempo de vida da Mary. Também sabia que a sua vida fora vivida na Irlanda. Não consigo explicar porquê nem como — o conhecimento estava simplesmente ali na minha consciência. Causava perplexidade de certas formas: por exemplo, os meus irmãos, que tinham conhecimento da minha predileção de forma limitada, sabiam que eu só brincava aos soldados com eles se me fosse permitido ser um soldado irlandês.

Um dia, em criança, tive a certeza de que, se pudesse olhar para um mapa da Irlanda, saberia, lá no fundo, onde a aldeia estava localizada, e poderia fazê-la corresponder aos mapas que andava a desenhar desde que tive idade para segurar num lápis. O único mapa que consegui encontrar foi no meu atlas escolar; com a Irlanda inteira em apenas uma página, o detalhe não era muito grande, por isso seria improvável que tivesse sucesso na correspondência esperada, mas tentei na mesma.

Sentei-me com o mapa à minha frente e depois fechei os olhos por uns momentos para deixar que a memória assumisse o controlo. Tentei várias vezes e, em cada uma delas, era atraída para o mesmo ponto no mapa.

Mary, tinha eu a certeza, devia ter visto mapas, senão eu não teria sido capaz de desenhar aqueles meus próprios mapas. O local para onde fui atraída chamava-se Malahide, e ficava logo a norte de Dublim.

Capítulo 2

Viver com Mary

Não tinha razões para duvidar de que estas memórias fossem reais. Assumia que memórias deste género eram normais e esperava que todos os outros as tivessem também.

A primeira vez que falei sobre o assunto foi quando ainda não tinha quatro anos. Lembro-me de estar sentada no banco alto da cozinha a conversar com a minha mãe. Embora a minha família não fosse à igreja, eu tinha acabado de ir à escola dominical com o meu irmão mais velho. A minha mãe perguntou-me se eu tinha gostado. Tinha — havia um sentimento reconfortante no cantar e na discussão séria. Mas eu disse que não conseguia compreender por que razão, se iam falar sobre a vida e a morte, não mencionavam as nossas outras vidas.

Nesse dia descobri que a reencarnação — o nome para o que eu estava a viver — era considerada uma crença, não um facto. Além disso, era uma crença geralmente não aceite na Grã-Bretanha. Esta revelação — de que a minha verdade não era uma verdade aos olhos de todos os outros e de que eu era diferente — foi um grande choque para mim e fez-me preocupar e questionar-me constantemente. Tinha consciência de que os adultos geralmente sabem mais do que as crianças e eu não queria estar errada.

A minha mãe lidou bem com a situação, embora sinta agora que ela não tinha a certeza de como reagir ao que eu estava a dizer. Ela sempre respeitou a minha individualidade e a dos meus irmãos e, naquela primeira vez, respondeu cuidadosamente, não revelando qualquer surpresa. Isso deve ter ajudado, e a sua atitude de apoio e consideração continuou a encorajar-me durante o resto da minha infância.

Foi alguns anos mais tarde que descobri que havia ainda mais coisas que as outras pessoas não experienciavam, o que foi uma surpresa igual para mim. A maioria das pessoas, ao que parecia, não tinha sonhos sobre as coisas antes de elas acontecerem, como eu tinha. Novamente, pensei que a

premonição era normal e não tinha dúvidas porque era possível ver o resultado passadas umas semanas após o sonho. Estava a acontecer-me agora, nesta vida, não num passado longínquo, e não podia ser ignorado ou negado. A partir desse momento, decidi que os adultos nem sempre tinham razão e que as opiniões dos outros não teriam permissão para criar dúvidas na minha mente sobre as coisas que eu sabia serem reais.

Por esta altura tinha cerca de oito anos. Se as outras pessoas iam rejeitar a premonição que eu sabia ser real, então, decidi eu, os meus outros sentimentos eram provavelmente rejeitados por elas por uma falta de experiência semelhante. Isto fez-me sentir mais segura. Tive de formar os meus próprios parâmetros de realidade e aceitar a minha própria normalidade. Só discutiria as coisas "invulgares" com a minha mãe, em quem podia confiar. Era cautelosa com todos os outros, até com os meus irmãos, e como resultado tornei-me uma criança introvertida.

Senti-me sempre diferente das outras crianças, mas não conseguia estimar quanto disso se devia à memória da vida passada. Como isto era parte de mim, deve ter sido uma parte integrante, contribuindo para a pessoa como um todo e, portanto, não quantificável. Mas achei difícil ser criança. Não conseguia compreender as coisas inconsequentes que as outras crianças pareciam considerar importantes. Aceitava as coisas pelo seu valor aparente e não apreciava o sentido de humor dos outros, mas eu própria ria-me de algo completamente diferente. Isso nunca mudou. Eu era uma estranha então, e assim permaneci durante toda a minha infância e adolescência, nunca me sentindo realmente integrada por completo.

No entanto, as minhas memórias de vidas passadas não eram a única razão para o meu sentimento de alteridade e para o meu sentido de autodefesa, de preservação do eu. As coisas eram muito infelizes em casa e havia uma tensão impossível entre os meus pais. Tínhamos todos medo do meu pai que, por várias razões, tentava viver uma vida na qual não conseguia encaixar-se. Nem ele era feliz no seu casamento. Ele não pretendia gerar tal medo, tenho a certeza, mas a situação era má e tornou-se progressivamente pior. Cada um de nós — a minha mãe, os meus dois irmãos e eu — aprendeu a lidar através do evitamento; sem dúvida que cada um de nós bloqueou alguns daqueles anos e cada um foi influenciado de forma prejudicial.

A minha avó paterna disse-nos mais tarde que nos achava crianças muito bem comportadas e silenciosas. O triste foi que ela não percebeu que o éramos de forma invulgar, nem parou para se perguntar porquê.

Esta atmosfera em casa pode ter sido o fator preponderante que me fez mergulhar nas minhas memórias de Mary, embora seja impossível saber qual foi maior — se o medo dentro da vida quotidiana ou o tormento do sonho e de morrer vezes sem conta, sabendo que estava a abandonar as crianças. Uma vez tentei mudar o sonho, como se faz com qualquer pesadelo comum, para escapar dele. Não funcionou, porém, porque eu sabia que qualquer outro final era uma mentira e que não podia mudar algo que já era história. Acordei nessa noite com lágrimas piores e com uma maior consciência da realidade daquele sonho em comparação com sonhos que apenas derivam da imaginação.

Talvez por causa deste esconder-me, deste existir a um nível de consciência diferente, o elemento psíquico que estava presente em mim teve permissão para se desenvolver. Quase certamente que a necessidade de me agarrar às memórias de Mary tão fortemente foi ajudada pela negatividade da minha própria infância. Algo tinha de preencher o vazio criado pelo meu desinvestimento na vida.

Eu era uma criança com os sentimentos tanto de uma criança como de um adulto numa mistura precária no meu interior, e isto colocava exigências enormes às minhas emoções. Tornada ainda mais vulnerável pela raiva e agressividade suportadas em casa, eu sonhava acordada até na sala de aula, de modo que os meus professores começaram a rotular-me de lenta ou preguiçosa. Ninguém parecia considerar mudar esses rótulos para "altamente stressada", ou investigar de uma forma mais construtiva o que estava a acontecer. Como resultado, embora mais tarde se tenha descoberto que eu tinha um QI muito elevado, odiava a escola e os meus colegas, sentia-me entediada com a previsibilidade das lições e não tinha bons resultados.

Provavelmente era considerada uma criança solitária. Brincava habitualmente sozinha e a única companhia de que desfrutava regularmente era a dos meus dois amigos imaginários. Mas embora me sentisse por vezes solitária, era infinitamente mais confortável estar sozinha do que estar com demasiada gente, como na escola, ou na companhia de alguém com quem

não queria passar tempo. Geralmente não se percebe que um introvertido pode ser realmente feliz sozinho e infeliz numa multidão.

Por vezes pergunto-me quantas pessoas esquecem as suas vidas passadas. O puzzle que é a minha memória da vida de Mary contém muitas peças, com vários graus de nitidez e clareza, e algumas praticamente desapareceram. Se eu não tivesse olhado repetidamente para aquelas peças de memória e as mantido nítidas, teriam elas todas desaparecido, deixando apenas os sentimentos? E que tipo de sentimentos ficariam para trás — medo pela segurança de todas as crianças e medo de me separar delas? Ou seria aquele estado de espírito onírico tanto relacionado com a própria memória e uma necessidade de recordar, como com o evitamento do presente? Talvez as duas facetas estivessem interligadas, e o repassar constante de pensamentos do passado possa ter ajudado a fixá-los de uma forma que o presente deveria ter sido gravado na minha memória.

Senti que tinha de me agarrar às minhas memórias de Mary e daquela pequena aldeia na Irlanda porque elas personificavam propósito e necessidade. Mesmo bastante cedo, agarrei-me a um desejo hesitante de que talvez pudesse um dia ser capaz de encontrar a cabana e começar a descobrir respostas para aquele tormento interior sobre as crianças. Mas era um desejo secreto, pois apenas a minha mãe sabia sobre a Mary.

Não conseguia crescer na minha própria vida adequadamente porque não havia lá o suficiente. Tinha o amor da minha mãe para me manter e um desejo de tentar proteger os meus irmãos, mas havia tão pouco mais para desfrutar ou encontrar sentido. O meu escape para o passado cresceu à medida que eu cresci, e foi como uma pequena morte na minha própria vida, uma morte de parte de mim que substituiu parte da minha vida.

Aos cinco anos tinha embalado e arrumado todos os meus pertences, pronta para uma mudança que sabia ser inevitável — fui sempre muito arrumada, de forma neurótica — mas só aos treze anos é que os meus pais se separaram. Entre essas idades, quando não estava a arrumar e a embalar vezes sem conta, mantendo os meus pertences no mínimo, continuava a sonhar. Por vezes era sobre o futuro, por vezes sobre o passado, mas quase nunca sobre o presente. O passado tinha de ser sobre a Mary e a Irlanda; o futuro era sobre coisas ainda por vir. E quando essas coisas futuras se tornavam realidade, como a separação há muito antecipada dos meus pais, isso não me parecia invulgar.

A minha mãe, os rapazes e eu partimos praticamente sem nada e sem lugar para ficar, exceto por um curto período com amigos da família. Durante algum tempo as coisas tornaram-se realmente piores. Já não tínhamos o medo e a repressão para enfrentar, mas agora havia problemas muito reais em tentar encontrar onde morar e tentar sobreviver. No entanto, apesar disto, o meu trabalho escolar começou a melhorar e pareceu tornar-se mais fácil falar com as pessoas. Nunca fácil, talvez, mas certamente mais fácil.

Durante um ano ou pouco mais, houve pouco tempo para passar sozinha a pensar, e Mary ficou para segundo plano na minha mente. Depois, à minha mãe foram dados dois quartos numa casa grande e um emprego como governanta. De algum modo, ela conseguiu conciliar isto com educação de adultos a tempo inteiro. Pensando no passado, não me lembro de a ver comer com muita frequência enquanto estivemos lá.

Quando eu tinha quinze anos, a minha mãe conseguiu obter uma hipoteca privada para uma casa velha, estruturalmente sólida, mas desesperadamente decrépita. Depois de muito esfregar e limpar, mudámo-nos, arranjámos um inquilino e embarcámos finalmente numa vida que parecia valer a pena viver. A casa estava sempre cheia de gente e disto lembro-me como sendo a parte mais feliz da minha vida anterior.

Mais uma vez pude pensar na Mary e na Irlanda, e nas crianças, mas de alguma forma o desespero tinha mudado para otimismo. Ajudou o facto de me ter tornado mais comunicativa e de agora me sentir mais capaz de falar sobre coisas psíquicas, e sobre a Mary, a outras pessoas além da minha mãe. Estávamos nos anos 60, quando quase qualquer ideia seria considerada e as pessoas estavam mais dispostas a abrir as suas mentes. E mesmo que não estivessem, havia a hipótese de uma boa discussão. Talvez, também, um elemento de "inaceitabilidade" seja mais atraente para os adolescentes e, por isso, parece que a idade da rebeldia abriu espaço para mim.

Precisava de exteriorizar e começar a enfrentar algumas das emoções presas, mas não tinha percebido o quanto de emoção tinha sido reprimida. Tudo o que estava a ser libertado era simplesmente o transbordo. Mas pelo menos era um começo e eu podia verbalizar os meus medos há muito retidos sobre as crianças. Continuava a não compreender totalmente por que razão a Mary estava tão assustada, mas as reações dos meus amigos,

muito mais positivas do que eu esperava, deram-me confiança. Comecei a ver as minhas memórias da Mary e dos seus filhos, e os meus pensamentos hesitantes de provar que essas memórias eram verdadeiras, como uma demanda a ser cumprida.

O que eu não percebi nesse momento foi quanto tempo levaria até que eu pudesse viajar para a Irlanda para encontrar a aldeia e realmente começar a descobrir a verdade sobre as crianças. Tínhamos pouco dinheiro, nenhum carro e quase não viajávamos; na verdade, havia uma familiaridade em ir a todo o lado a pé, e isso não parecia ser um problema. Sabia que a minha demanda era algo que teria de ser retomado mais tarde, nem que fosse por razões financeiras; havia primeiro a necessidade de me compreender a mim própria e aprender a lidar com a minha vida e com todos os sentimentos e medos envolvidos — não apenas os gerados pela memória em si, mas também os criados pela minha própria vida até então e pela minha própria personalidade. Pois eu continuava a derivar para o meu mundo privado de transe, alheia à atividade externa, e estava sujeita a oscilações de humor. Ocasionalmente, via-me dominada por uma depressão sombria que durava meses a fio, sem causa aparente e sem alívio. Isto foi mais tarde diagnosticado como um problema metabólico que estaria sempre comigo, e que bem pode ter sido herdado do meu pai.

A minha mãe progrediu durante este tempo através da formação de professores e entrou no ensino, complementando isso eventualmente com cursos da *Open University* e formação de pós-graduação. Enquanto ensinava, fez uma amiga cujo marido era membro dos *St Albans Morris Dancers*. A importância disto para mim foi que, pela primeira vez, fui exposta a música próxima da minha própria preferência inata. Enquanto crescia, apenas tinha encontrado os tons sombrios do contrabaixo do meu pai (ele tocava numa banda de jazz tradicional aos fins de semana) e o gosto abrangente da minha mãe por música clássica.

A certa altura, pedi emprestada uma flauta a um dos músicos de *Morris*; numa semana consegui tocar um par de melodias nela e tinha cortado algum bambu para fazer uma flauta de seis furos própria. Nunca fui uma executante muito boa, mas pelo menos consegui comprar um livro de melodias irlandesas e tentar decifrar as notas.

Não me lembro exatamente de quando ouvi pela primeira vez música tradicional irlandesa, mas lembro-me de que foi como voltar a casa. A

música da dança *Morris* era agradável de uma forma que outra música não conseguia ser, mas ainda não era propriamente a certa. A primeiríssima vez que ouvi o som da voz gaélica sem acompanhamento, uma porta pareceu abrir-se para um mundo diferente, mais antigo, que detinha um estranho sentido de mistério e beleza. Sentia a certeza de que a Mary tinha desfrutado de tal música, mas não tinha memória de quando isso poderia ter sido.

O tempo passou e eu pareci emergir do casulo da infância de consciência parcial para uma jovem idade adulta mais agradável. Durante algum tempo, a Mary foi posta de lado em favor do presente; tanta coisa estava a acontecer. Com a vida a tornar-se mais convidativa, tirei os *A-levels* no colégio, não sendo capaz de aguentar mais tempo a atmosfera da escola onde me sentia tão deslocada. Consegui continuar para o ensino pós-secundário, para me qualificar como podologista credenciada pelo Estado (*state-registered chiropodist*).

Trabalhei arduamente para obter essas qualificações. Até então, a vida fora cheia de insegurança, primeiro emocional, depois financeira, e eu precisava de criar um futuro seguro para mim. A minha mãe tivera de lutar pela sua própria independência financeira e segurança através da educação mais tarde na vida, e fê-lo enquanto cuidava de uma família em crescimento. Eu queria proteger-me de qualquer vulnerabilidade desse tipo.

Isto, claro, nunca teria sido possível, particularmente porque eu não tinha levado em conta os problemas inevitáveis em relacionar-me adequadamente com outras pessoas. Tinha-me tornado melhor com as pessoas em geral, mas os meus relacionamentos com homens eram carregados de mal-entendidos e medos para além do que a maioria das mulheres jovens parece encontrar. Ao longo dos meus anos de faculdade, passei de um desajuste para outro, incapaz de me compreender a mim própria, quanto mais a estrutura de um relacionamento adequado. Parte disto deveu-se, sem dúvida, ao meu medo e à falta de afeto nas relações com o meu pai; mas quanto se deveu às memórias? Não conseguia evitar pensar em todas as influências que me tinham moldado, no passado presente e no passado distante. Mary tinha gostado do seu pai, e esse tinha sido obviamente um relacionamento feliz, mas por que era tão difícil lembrar do marido da Mary?

Durante esses anos de casos catastróficos, o último dos quais se deteriorou ao ponto de eu viver com medo, tentei muitas vezes lembrar do relacionamento da Mary com o marido, e se este fora bom. No início, ele era fácil de recordar. Um homem atraente, impressionante, que pareceu aparecer em cena logo após a Primeira Guerra Mundial; ele era um pouco um forasteiro — irlandês, mas de outra zona. Eu tinha a certeza de que ele tinha sido soldado na guerra.

Parecia ter tido vários empregos ao princípio, mas principalmente havia algo relacionado com grandes madeiras e trabalhos em telhados, uma tarefa muito qualificada na qual havia um orgulho nítido. Um homem calado, incapaz de discutir sentimentos, começou por ser o centro da vida da Mary. Mais tarde, parecia estar em casa cada vez menos. Ele nem parecia ter um papel nos pensamentos dela sobre o futuro das crianças naqueles sonhos terríveis de morte.

No entanto, sentia a certeza de que ele continuou a viver depois disso. Perguntava-me se as minhas memórias dele, se fossem mais claras, poderiam ter-me ajudado a compreender o meu medo de relacionamentos próximos e as dificuldades criadas por confusões que pareciam carecer de qualquer base.

Pouco depois de me qualificar, conheci o meu futuro marido, tendo o destino feito uma escolha melhor do que qualquer uma que eu alguma vez fizera sozinha. Antes de passar um ano, estávamos à procura de casa em Northamptonshire. Lá encontrámos uma pequena cabana em banda junto a campos abertos, num lugar de cerca de uma dúzia de casas a sul de uma aldeia bastante grande. Esta foi a única casa que visitámos que pareceu um lar. Não tentei conscientemente seguir a memória da Mary — foi muito mais instintivo do que isso — e escolhemo-la juntos.

Por vezes perguntam-me como é que o meu marido se sente em relação às memórias. Isto é difícil de responder, porque não me consigo lembrar de um tempo em que ele não estivesse ciente delas. Ele nunca pareceu indevidamente preocupado nem com as memórias de vidas passadas nem com qualquer uma das outras manifestações psíquicas — eram apenas aceites como parte de mim. Percebo que tive muita sorte.

À medida que aprendia a ser esposa — e era feliz — também aprendia através do meu trabalho a compreender melhor as pessoas e tornava-me

mais relaxada. As incursões da vida da Mary eram menos frequentes, pois novas experiências mantinham-me ocupada. De tempos a tempos, porém, fragmentos de memória emergiam — alguns que poderiam ter sido temporariamente esquecidos enquanto a vida estava tão cheia, ou alguns talvez que não tinham sido recordados anteriormente.

Por vezes, um cheiro ou um som era o gatilho. Conseguia ver grandes máquinas a pavimentar a estrada em frente à cabana na Irlanda. Havia crianças a ver, o cheiro de alcatrão derretido e o som de máquinas a vapor. A colheita de Northamptonshire, num certo ano, criou um cheiro seco e poeirento que me lembrou de estar sentada fora da cabana a encher um colchão com palha e a fechá-lo cuidadosamente com pontos pequenos. Depois tivemos de o meter de volta pela porta, o que exigiu ajuda de várias das crianças maiores (a mais velha tinha então apenas cerca de oito anos). Acabou com todos em ataques de riso, lutando com o colchão excessivamente grande no espaço limitado.

Os cheiros de palha, serradura e aguarrás evocavam imediatamente pensamentos de uma sala pequena, sensivelmente quadrada, com uma pequena janela dividida num número de vidraças menores. A maior parte da sala parecia ser ocupada por uma cama grande, ou talvez a sala fosse tão pequena que a cama preenchesse demasiado espaço nela. Os cheiros pareciam estar associados às roupas de trabalho do marido. Havia também um odor ligeiramente bafiento de edifícios antigos.

Outro dia quente e poeirento trouxe à mente uma viagem acidentada de carroça onde mercadorias, pelo menos duas crianças (uma ainda apenas um bebé de colo) e eu saltitávamos na estrada seca e irregular. Este deve ter sido o dia da mudança para a cabana perto de Malahide. Havia uma sensação de nervosismo em relação à viagem e alívio por ter chegado. Mas não creio que tivéssemos viajado para longe. Como eu própria estava feliz, penso que as memórias da Mary que me vinham nessa altura eram as mais felizes.

Sabia que queria filhos próprios e passei vários anos a preparar e a fazer roupas para eles antes de ser necessário. A confeção de roupa, algo que no presente descobri ser uma competência bastante instintiva, regressa frequentemente como parte da memória da Mary. E por alguma razão o casaco do rapaz mais novo fica retido na minha mente, talvez porque ele costumava mexer na bainha enquanto caminhava. Era um casaco de lã e

consigo lembrar-me de o fazer desmanchando um casaco velho, virando o tecido e o forro para apresentar a superfície interior não gasta, e fazendo o novo casaco para a criança à mão. Um sentido de orgulho na qualidade do trabalho manual faz parte da memória.

Quando o meu próprio filho nasceu em 1979, senti-me uma pessoa completa e seguiram-se alguns anos que guardarei sempre com carinho. Fiel à minha necessidade de segurança e independência financeira, não desisti inteiramente do trabalho; mas havia também a necessidade de ser mãe, por isso foi dada prioridade a isto. Na maternidade e na vida familiar, finalmente comecei a encontrar-me. No casamento já não me sentia sozinha.

O nascimento é uma experiência única e que eu nunca quereria esquecer. Agora eu era mãe e conseguia partilhar aqueles sentimentos que estiveram comigo durante tanto tempo — a necessidade de cuidar dos meus filhos. Desta vez, porém, tinha uma criança real que podia abraçar.

Durante esses anos aproximei-me da compreensão de algumas das emoções mais fortes e estranhas relacionadas com as memórias, em particular os sentimentos de culpa. Para as mães, a culpa é uma emoção peculiarmente frequente. Quando algo corre mal, é sempre tomado sobre si mesma como se tudo fosse da sua própria responsabilidade. Eu conseguia agora apreciar, num sentido muito mais urgente e real, o poder da emoção da Mary sobre deixar as crianças quando morreu.

Eu não conseguia sequer deixar o meu filho por algumas horas, quanto mais suportar o pensamento de uma separação total. Sabia que veria os meus filhos crescer (tinha visto algo do meu futuro); mas ao olhar para o meu filho, os sentimentos de ser separada das crianças, como Mary, faziam emergir mais pensamentos. Estava confiante de que o meu marido podia cuidar dos seus filhos e sentia-me feliz por ele assumir parte da responsabilidade, mas perguntava-me se Mary não teria essa mesma confiança. Nunca consegui chegar totalmente para lá das barreiras do seu sentido de culpa e da intensidade da sua angústia, mas algo parecia muito desconfortável.

Em breve seríamos atingidos por uma crise económica que me forçou a trabalhar mais horas, embora ainda muito em regime de tempo parcial. Durante este período, em 1983, nasceu a minha segunda filha. Ela foi

planeada quando as coisas estavam más, mas na altura em que nasceu as coisas tinham piorado muito. O meu marido trabalhava agora por conta própria, num período em que empresas por todo o lado estavam a falir. Ele estava no setor dos transportes: os custos fixos estavam a tornar-se paralisantes e os lucros desapareciam rapidamente. A nossa segurança foi estilhaçada. Tirei muito pouco tempo antes de a minha filha nascer e apenas três semanas depois. Eu também trabalhava como trabalhadora independente e tinha de trabalhar para que pudéssemos comer.

A obsessão com o passado, embora menos em destaque, nunca foi esquecida. Ficou à espera do momento certo e reemergiu lentamente. À medida que os meus filhos cresciam e a força do meu sentimento maternal era nutrida pelo amor deles, crescia também a necessidade de encontrar aquela outra família. Aquelas crianças tinham sido privadas, numa idade precoce, daquilo de que os meus próprios filhos estavam agora a desfrutar, e eu sentia que tinha de fazer algo a esse respeito.

Não me parecia coincidência que a necessidade de procurar se intensificasse à medida que eu me aproximava da idade que Mary tinha quando morreu — o início dos seus trinta anos. E talvez também não fosse coincidência que isto fosse, simultaneamente, o início de uma das fases mais stressantes da minha vida. Pois não me tinha ocorrido que, ao procurar e encarar o passado, eu também desenterraria as minhas próprias inadequações e teria de me encarar a mim própria também.

Ao longo dos anos, estive a tomar notas sobre as memórias, a falar com pessoas sobre a Mary e a partilhar os meus sentimentos. Tinha estado também — de uma forma bastante assistemática, devo admitir — a procurar mapas da Irlanda, para ver se conseguia encontrar um que desse uma imagem mais clara de Malahide, a aldeia que eu acreditava ser a casa da Mary, e que correspondesse aos mapas que eu desenhara na infância.

Em 1980, uma nova livraria, a *Towcester Bookshop*, abriu perto da nossa casa e, um dia, encomendei-lhes um mapa na escala de um quarto de polegada por milha que cobria a área de Malahide. Sabia que não podia ser muito detalhado, mas seria melhor do que o atlas escolar e tudo o resto que eu tinha visto até então. Disse ao proprietário da livraria, o Sr. Peter Gooding, por que queria o mapa e mostrei-lhe as minhas versões desenhadas à mão. Se ele achou que eu era apenas um pouco estranha, não o demonstrou.

Quando o mapa chegou, o Sr. Gooding telefonou-me e levei o meu próprio mapa comigo à livraria para comparação. Todas as estradas que eu tinha marcado apareciam no novo mapa. Eu tinha colocado as estradas e pontos de referência de modo que o norte estivesse corretamente posicionado no topo, e as distâncias entre as estradas estavam razoavelmente à escala. A estação estava onde eu a tinha marcado, e a estrada que eu tinha marcado como "Para a Cidade" era a estrada de Dublim.

O que o Sr. Gooding e eu testemunhámos juntos foi uma prova forte de que, desde sempre, eu andara a desenhar um mapa bastante preciso de Malahide. Esta foi a minha primeira confirmação de que os sonhos e memórias eram reais, e não apenas um produto da minha imaginação. Este foi exatamente o estímulo de que precisei para começar a minha busca pela vida da Mary e pelas crianças que ela tinha deixado para trás.

Capítulo 3

Primeiros Passos no meu Passado

Tendo tomado a minha decisão, percebi que tinha muito pouco por onde começar. Tudo o que tinha era uma coleção de "instantâneos" mentais de uma jovem irlandesa, da sua família e filhos, da sua casa e da sua morte. Tinha identificado onde pensava que ela tinha vivido na Irlanda e isso, acreditava eu, fora provado pelo novo mapa. E por onde deveria começar? Eu não tinha sequer um apelido para a Mary e a sua família. Isso não foi surpresa para mim, pois sempre fui má com nomes.

Uma vez esqueci-me do nome do meu próprio irmão ao apresentá-lo a outra pessoa e, se o apelido da Mary tivesse surgido nas memórias ou sonhos, seria perfeitamente típico de mim tê-lo esquecido. No entanto, sem esse nome, não via como algo positivo poderia ser feito a tal distância. Se tivesse algum dinheiro, teria visitado Malahide pessoalmente, mas já estávamos em dificuldades e tal despesa era impossível.

Falei sobre tudo isso incessantemente com o meu marido, com a minha mãe e com amigos próximos, e o apoio deles foi inestimável. Não reagiam exageradamente, mas o simples facto de chamarem a minha atenção para qualquer assunto psíquico ou histórias de vidas passadas —

"ouvi uma coisa no outro dia que te pode interessar" — era em si uma confirmação de aceitação. Mesmo ao falar com pessoas que não conhecia muito bem, encontrava um forte interesse tanto em assuntos psíquicos como na reencarnação. Muitos viam nisso uma oportunidade para desabafar algo nas suas próprias vidas que os tinha mistificado, algo que normalmente não teriam discutido por medo de ridículo ou descrença — as mesmíssimas emoções que me tinham reprimido durante tanto tempo.

Tive também muitas discussões com um vigário local, que era perfeitamente capaz de aceitar que havia mais no mundo do que apenas o óbvio ou o comum. Assim que comecei a expor os meus sentimentos sobre coisas psíquicas, o assunto era garantido surgir em todas as ocasiões em que nos encontrávamos. Ele também tinha uma série de histórias de acontecimentos inexplicáveis que estava entusiasmado por explorar de uma forma aberta e imparcial.

Também conheci pessoas que partilhavam as minhas capacidades psíquicas. Inscrevi-me numa aula noturna de uma das artes marciais — na qual existe uma compreensão do espírito e do *chi*, a energia interior — e depois de uma aula mencionei os meus interesses psíquicos ao instrutor. Olhando para ele, percebi que ele também tinha, e conseguia usar, capacidade psíquica. Primeiro pedi-lhe algo dele que eu pudesse segurar; isto pretendia demonstrar psicometria, a fim de definir o que eu estava a tentar explicar. Ele deu-me as chaves da sua carrinha, mas sem dizer o que eram.

Descrevi o interior da sua carrinha e quando disse que, em baixo à minha esquerda, perto do travão de mão, havia metal nu onde deveria haver tapete, ele ficou muito entusiasmado. Tudo o que eu tinha descrito era completamente exato. Nesse ponto, expliquei que não era uma capacidade assim tão invulgar; dei-lhe o meu anel e projetei pensamento para encorajar uma resposta. Ele sentiu calor vindo do anel e foi capaz de descrever sentimentos que eram meus, sentimentos suficientemente alheios a ele para o convencer de que este era um fenómeno muito real.

Uma das pessoas fora do meu círculo familiar mais restrito com quem me sentia mais capaz de discutir estes assuntos era o Sr. Coulter, um senhor reformado, originário do sul da Irlanda, que possuía uma cultura vastíssima. Foi durante as conversas com ele que o tema da reencarnação foi levantado pela primeira vez de forma séria como uma explicação

possível para as minhas memórias. Inicialmente, no interesse de investigar todas as vias, ele questionou se haveria algum tipo de relação genética com a família de Mary. Eu sabia que tinha uma bisavó irlandesa, mas ela era da costa oeste, sem ligações a Dublim; vivera em Malta e na Índia nos seus anos de juventude e, tanto quanto eu sabia, nunca chegara sequer a ver a Irlanda. O outro lado da família tinha sido rastreado até ao *Domesday Book*, pelo que havia documentação completa. Algum tipo de telepatia genética não era, certamente, a resposta neste caso particular.

Eventualmente, foi a força das emoções e das memórias que experimentei como Mary que nos convenceu de que a vida dela tinha sido real, e de que eu estava a reviver uma vida passada através da reencarnação. Nenhuma criança poderia ter inventado o que eu vivi, e o relato das discussões com a minha mãe convenceu o Sr. Coulter de que as memórias tinham feito parte de mim durante toda a minha vida.

A reencarnação é provavelmente a crença mais antiga de todas, apesar de três das principais religiões — o Cristianismo, o Judaísmo e, em menor grau, o Islão — a negarem. Basicamente, os defensores da reencarnação acreditam que todos os seres humanos possuem um elemento ou energia eterna e não física que não morre quando o corpo físico morre, mas que deixa esse corpo e entra noutro algum tempo depois, fazendo-o repetidamente.

Isto é bastante consistente com o pensamento científico. É enunciado como uma lei da física que a energia não pode ser criada nem destruída, mas apenas transformada. A reencarnação permitiria que esta energia fosse preservada. Também se alia à ideia cristã da imortalidade da alma. Se a alma é imortal, então, logicamente, não pode ter princípio nem fim. Parece haver um contínuo, ou continuidade, com a sobrevivência da alma através de muitas vidas e muitos corpos, talvez até ao longo de milhares de anos. Eu própria tinha memórias vagas de outros tempos, que seriam talvez outras vidas, embora todas fossem muito menos claras do que a de Mary.

O Sr. Coulter e eu discutimos muitos outros aspetos da reencarnação e livros escritos sobre o assunto. Um dos livros mais interessantes era *Children Who Remember Previous Lives* (University Press of Virginia), do Dr. Ian Stevenson, que estudara crianças, muitas delas da Ásia (onde, naturalmente, a reencarnação é muito mais aceite do que no Ocidente).

Algumas destas crianças tinham memórias espontâneas e incrivelmente detalhadas de vidas anteriores bastante recentes.

A maioria recordava vidas que tinham terminado antes do seu tempo lógico — por violência ou doença — e o Dr. Stevenson oferecia a explicação de que as "almas" poderiam sentir-se incompletas, de que havia uma sensação de vida inacabada, justificando assim a reencarnação relativamente rápida. (A investigação do Dr. Stevenson também foi auxiliada por esta "rapidez", uma vez que muitos dos familiares das pessoas cujas vidas tinham terminado ainda estavam disponíveis para serem entrevistados.)

Para mim, esta sensação de "assuntos pendentes" soou a verdade como uma explicação possível para a urgência das memórias de Mary, para a sua consistência notável e para a tenacidade com que tinham permanecido na minha consciência ao longo de toda a minha vida. A responsabilidade pelos filhos era, como eu agora sabia por experiência própria, a emoção primária de uma mãe, e a culpa de Mary ao deixá-los imbuía o meu ser e as minhas emoções com um forte sentido de uma tarefa inacabada e incompleta. O facto de haver ali também uma sensação de medo era menos fácil de compreender. No entanto, por amor a Mary, se não por mim própria, eu teria de levar a investigação mais longe e encontrar os seus filhos.

Por alguma coincidência, precisamente quando eu começava a sentir que as minhas experiências não eram demasiado anormais, envolvi-me num pequeno estudo científico. A esposa do instrutor de artes marciais falara com uma professora que estava a atualizar as suas qualificações através de uma licenciatura. A professora perguntara se ela conhecia alguém que fosse psíquico, pois procurava voluntários para uma experiência que pretendia realizar como parte da sua tese.

Quando a professora e eu entrámos em contacto, falei-lhe da viga de madeira que tínhamos colocado como prumo para rematar a borda de uma parede removida. A madeira tinha sido recuperada e, quando lhe toquei pela primeira vez, senti que estava no alto do telhado de um celeiro. Enquanto explicava isto, tocava na madeira para lhe mostrar e, antes de eu terminar a história, a professora descreveu também a sensação de que a madeira provinha de um celeiro. Ambas sentimos essa experiência psicométrica simultaneamente.

Como ela pretendia realizar um teste de capacidade psíquica em cada indivíduo antes de ser incluído na experiência, isto teve valor. Cada voluntário seria depois testado individualmente quanto à atividade psíquica enquanto ligado a um eletroencefalógrafo, um dispositivo usado por médicos e psicólogos para registar a atividade elétrica no cérebro. Os elétrodos captam esses impulsos elétricos, ou ondas cerebrais, e convertem-nos em sinais que são registados como linhas numa tira de papel em movimento. Um traçado normal de EEG tem algumas oscilações nas linhas; a atividade cerebral elevada é registada por picos e vales violentos, semelhantes aos criados por um sismo num sismógrafo.

No Nene College, em Northampton, os elétrodos foram fixados à minha cabeça com o adesivo resinoso necessário para conduzir a corrente elétrica. Para a parte psíquica do teste, usei novamente a psicometria — segurando um objeto pertencente a uma pessoa, visualizando e descrevendo depois imagens relacionadas com essa pessoa, tais como ambientes que lhe fossem familiares e, por vezes, sentimentos de alguma emoção predominante.

Quando me concentrei no objeto — um relógio pertencente à técnica — o gráfico registou um nível de atividade cerebral extremamente intenso, muito superior ao da primeira parte, a normal, do teste. Após alguns minutos de conversa, a técnica pegou no relógio de volta e interrompeu a experiência. Os detalhes que eu estava a dar sobre os pensamentos dela em relação à sua casa e ao seu trabalho tinham começado a fazê-la sentir-se emocionalmente exposta. No entanto, ela concordou com o que eu tinha revelado. Isto foi obviamente de grande ajuda para a área de investigação da minha amiga professora, mas para mim foi mais um passo em direção a uma aceitação mais geral das minhas experiências.

O encontro com a professora teve um desdobramento importante, porque através dela fui apresentada a um homem cujo passatempo era a regressão hipnótica. Ele estava a investigar o fenómeno real de vidas anteriores, não exercendo como terapeuta. Hipnotizava os seus sujeitos e depois dizia-lhes para recuarem no tempo, fosse a fases anteriores das suas próprias vidas presentes, fosse a uma possível vida ou vidas passadas.

No final de 1987, o hipnotizador ia dar uma palestra e demonstração numa escola em Northampton, e a professora sugeriu que eu fosse. Nessa altura, eu estava a recuperar de uma das minhas depressões periódicas —

pareciam regressar de dezoito em dezoito meses — e não me apetecia realmente enfrentar multidões. Mas, talvez devido àquele impulso interior implacável de descobrir mais sobre as minhas experiências, acabei por ir.

Durante a palestra, dada perante uma assistência de cerca de sessenta pessoas, utilizou-se hipnose individual e de grupo. Foi reservado tempo para perguntas e senti que tinha de perguntar se o hipnotizador já tinha encontrado alguém como eu. Ele já sabia da minha existência e fui convidada a ir à frente, o que foi bastante enervante. Discutimos as minhas memórias e o sonho, e ele perguntou então se eu estava preparada para ser hipnotizada ali mesmo; eu disse que estava demasiado consciente de mim própria e com medo da experiência em si para aceitar.

Contudo, na segunda vez que encontrei o hipnotizador, numa reunião em casa de alguém bastante perto de minha casa, permiti ser hipnotizada perante cerca de uma dúzia de pessoas — membros de um grupo de mulheres. Isto aconteceu a 6 de janeiro de 1988. Sob hipnose, descrevi a rua empedrada com bancas de mercado de um dos lados e os últimos momentos de Mary. Eu conhecia bem esta cena. Muitas vezes, em criança, acordara desse sonho conhecendo a angústia de uma mulher destinada a morrer antes de os seus filhos terem crescido. Chorei como ela chorou; conhecia a sua dor como a minha. Eu não queria partir, mas sabia que o faria e que nada podia fazer para o impedir. Havia medo pelas crianças e preocupação sobre como elas se arranjariam. A raiva e a injustiça sobrepunham-se a qualquer dor que a morte pudesse trazer. Esta memória era aquela de que eu nunca fora capaz de escapar, aquela que geralmente me surgia quando estava sozinha à noite.

Ao passar pela morte de Mary novamente desta forma, dei por mim com lágrimas a correr pelo rosto de uma maneira totalmente incontrolável. Normalmente, eu não permitiria que me vissem chorar em público, mas a hipnose levou-me a um nível de mente onde parecia incapaz de aplicar as restrições normais.

Após esta sessão, foi-me oferecido um curso de regressão hipnótica, com início marcado para 10 de fevereiro, que seria documentado e gravado em fita. Não envolvia qualquer pagamento, pois era um passatempo. Aceitei; era disto que eu precisava. Sentia que podia fundamentar muitas das memórias, talvez até aprender mais sobre Mary, a sua vida e os seus filhos. Poderia até acabar com uma imagem mais clara dos nomes,

particularmente daquele apelido esquivo, sem o qual achava que não poderia prosseguir na minha busca.

A regressão hipnótica começou com um psicanalista e hipnoterapeuta francês, o Coronel Albert de Roches, que em 1903 escreveu um livro no qual afirmava ter feito pessoas regredir através das suas infâncias, através de memórias pré-natais e até mais atrás, através de vidas passadas. (Ele também afirmou ter pacientes que deram relatos de vidas futuras. A minha própria experiência mostra que este tipo de consciência também é possível sem hipnose.)

As pessoas ficaram muito céticas em relação às suas afirmações, na altura e depois, até ao famoso caso americano dos anos 50 de Bridie Murphy, a regressão a uma vida passada de Virginia Tighe, pelo hipnotizador amador Morey Bernstein. Depois disso, outros hipnotizadores começaram a descobrir que os pacientes estavam a regredir, muitas vezes acidentalmente, e o interesse pelo assunto cresceu.

Embora a regressão hipnótica se tenha tornado tão popular, aparentemente não é muito valorizada por investigadores sérios, pois a informação dada por um adulto sob hipnose pode ter vindo de diversas fontes. Contudo, para mim esta foi uma experiência nova, e o objetivo não era tanto tentar procurar memórias de vidas passadas, mas sim acrescentar algo de útil a uma memória que era comprovadamente detalhada desde a tenra infância. Queria utilizar todos os meios possíveis para encontrar detalhes suficientes para ter a certeza de que, se uma família fosse encontrada, eu pudesse estar convicta de que era a minha família.

A hipnose é uma experiência estranha, mesmo sem o elemento da regressão. Todo o tipo de memórias que foram escondidas profundamente no subconsciente e que normalmente não podem ser acedidas podem ser trazidas à superfície. Isto é uma faca de dois gumes — uma experiência maravilhosa e perturbadora ao mesmo tempo. Algumas das memórias que as pessoas empurram para os recessos profundos das suas mentes estão lá por uma boa razão — talvez porque são as memórias que são incapazes ou não estão dispostas a enfrentar, e que foram escondidas para autoproteção. Ao levantar e expor qualquer memória profunda, a pessoa é forçada a olhar novamente tanto para o esquecido como para o reprimido.

Eu era a primeira pessoa com quem o hipnotizador trabalhava que já possuía uma memória de vida passada antes da hipnose. Uma sala tinha sido requisitada para dar espaço a equipamento de gravação, ficheiros de registos e uma cadeira grande e confortável onde eu pudesse relaxar o suficiente para permitir a intrusão necessária na minha mente. Sabia que isto me pareceria algo invasivo, mas a minha necessidade de descobrir era suficientemente grande para suprimir o meu instinto de privacidade. A cooperação era, sentia eu, a única forma de destrancar as portas e libertar mais detalhes que pudessem ajudar-me a localizar a família de Mary.

Sentei-me desconfortavelmente na cadeira excessivamente grande, quase tão nervosa como na primeira ocasião. Ele perguntou-me se tinha deixado um gatilho (*trigger*), um comando subconsciente que o ajudasse a adormecer-me mais rapidamente. Eu disse-lhe que sim, mas não tinha a certeza se, passado um mês, ainda funcionaria. O gatilho era um toque no meu ombro, e funcionou tão depressa que mal consegui terminar a frase antes de escorregar naquele sono estranho. Houve uma sensação de queda, seguida de luta, resistindo um pouco, e depois, finalmente, afundando-me num abismo vasto e profundo de semiconsciência.

Primeiro que tudo, ele pediu-me para recordar um momento do meu próprio passado. Felizmente, foi a primeira infância que ele me pediu para recordar, por isso as memórias não foram demasiado desconfortáveis. Tive de descrever a minha primeira escola e a pessoa ao lado de quem me sentava no autocarro. Depois, etapa a etapa, fui levada mais atrás até ele me pedir para regressar a um tempo antes de eu nascer e para falar sobre o que lá descobria.

Encontrei-me reconhecivelmente como Mary, mas não era na cabana e era antes de os filhos nascerem. Esta era uma Mary jovem, antes do casamento, algo de que eu não me recordara conscientemente antes. Ele fazia perguntas e eu tinha consciência de as estar a ouvir, mas também ouvia as respostas, e pareceu levar algum tempo até eu perceber que era a minha própria voz que respondia. Era como se eu fosse uma espectadora, existindo em parte naquele lugar que conseguia ver e em parte no presente.

No entanto, eu era Mary, e o passado tinha-se tornado muito real. Conseguia cheirar a erva nas encostas fora de uma grande casa de quinta, e inspirei o ar fresco da primavera. Senti que era ali que eu trabalhava para a família Lett. A casa de quinta ficava perto de uma pequena aldeia, mas ali

eu estava em campos abertos. O hipnotizador perguntou-me como estava vestida. Embora eu soubesse que ele estava a fazer as perguntas à Mary, parecia que era o meu outro eu que respondia, porque agora eu era Mary e estava demasiado envolvida com o que se passava para responder. Olhando para baixo para as minhas roupas, ouvi a minha voz dissociada responder: «Uma saia de lã comprida e escura e um avental. O avental não é muito comprido, mas a saia quase chega ao chão.»

Na casa de quinta, sentindo que aquele era um lugar que eu conhecia, vi Mary a limpar a lareira e a preparar o lume. Vi uma série de divisões na casa. Esta não era a memória que eu esperava ver. Estava tão habituada a ver a cabana em Malahide que assumira que seria ali que me encontraria.

Alguém disse: «1915». Percebi que era a minha voz, por isso o hipnotizador deve ter perguntado o ano e ela respondera. Eu derivava entre as duas personalidades. Ele perguntou também a idade; houve alguma hesitação e depois: «Dezassete».

Desci a colina a passo rápido, da casa para a aldeia. O local ficava a norte de Dublim, mas não era Malahide, embora eu sentisse que não era longe dali. Na aldeia ficava a casa onde vivia a minha família. Havia uma pequena casa de pedra isolada, e vieram-me pensamentos sobre o pai da Mary e sobre os seus irmãos. O hipnotizador pediu nomes, mas tudo o que consegui dar foi uma rua chamada algo como "Walldown Lane". Vi também uma forja e uma loja que ficava na frente da casa de alguém. Pediram-me para a descrever e dizer que tipo de coisas vendia. A minha mente focou-se em fitas e no facto de, aparentemente, ficar muitas vezes sem pão.

À medida que as perguntas eram feitas e respondidas desta forma estranha e mecânica, eu parecia estar livre para deambular pelos lugares que via — lugares tangíveis, vívidos. Sentia o vento no meu cabelo; conseguia tocar e cheirar o ar como se estivesse lá.

Ele pediu para ver 1919. Mary caminhava por uma rua principal. Atrás de mim, um muro alto de tijolo descrevia uma curva em direção a um par de portões de madeira. Na esquina da rua havia uma caixa de correio e o chão era irregular. Ele perguntou o que eu vestia e descrevi uma saia feita à mão, pelo meio da perna, com uma orla recortada sobreposta, sendo a

camada de baixo num tecido contrastante. Senti orgulho no trabalho de agulha.

Ao lado de Mary estava o seu marido, um homem elegantemente vestido de talvez vinte e cinco anos. Nesta altura ele era o centro das atenções da Mary; ainda não havia filhos. Ele parecia um pouco distante, talvez arrogante e, enquanto Mary olhava para ele, ele virava-se para ver se estava a ser notado por mais alguém.

O tempo derivou e pediram-me para descrever o que conseguia ver, que percebi ser Malahide. Estava na estrada principal norte-sul, no meio da aldeia, e mencionei um talho no lado oeste, a cerca de dois ou três edifícios de distância da extremidade norte.

Perguntaram-me sobre o marido. Pressionada por um nome, acabei por dizer, relutantemente: «Bryan», um nome que eu utilizara em brincadeiras de infância. No entanto, não tinha a certeza se era o correto aqui. Perguntaram-me o que é que ele fazia profissionalmente, e descrevi as grandes madeiras no alto e alguns outros trabalhos antes de ele regressar — mas regressar onde? Não sabia. Houve perguntas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial, mas embora eu tivesse sempre pensado nele como um soldado, a minha resposta pareceu turva e confusa. Talvez eu estivesse a esforçar-me demasiado para dar as respostas certas.

Mais tarde, perguntaram-me sobre uma igreja que eu sabia situar-se na mesma estrada e no mesmo lado do talho, mas bastante mais abaixo. Havia uma grande empena perto da estrada, com pedras de remate ao longo do topo e pilares de cada lado com uma pedra por cima. À frente, havia um painel de anúncios de madeira com alguns entalhes em volta. Esta empena era a vista principal da igreja. O exterior era fácil de descrever, mas o interior não, o que sugeria um edifício pelo qual se passava regularmente, mas onde não se entrava necessariamente. Senti que esta igreja não era católica, mas como eu sempre assumira que a Mary era católica, houve alguma confusão. Não parecia haver uma razão imediata para que esta igreja fosse relevante.

Perguntaram-me sobre casamentos, e vi um nesta igreja em particular. Poderia ter sido o casamento de uma amiga, embora me tivessem perguntado sobre o meu. Ou a Mary poderia estar a atuar como testemunha paga, uma forma bastante comum na altura de ganhar um pouco de

dinheiro extra. Parecia haver tão poucas pessoas que esta era uma possibilidade distinta. Outras cenas que bem poderiam ser do casamento da Mary fundiram-se na imagem, de modo que houve uma confusão de tempos e eventos, e senti que aquilo tinha pouco valor real. Também recebi instruções para olhar para o registo e dar um nome e uma data, que foram oferecidos com uma clareza improvável. O nome dado foi O'Neil, e a data foi 1921. Não tinha a certeza absoluta de que estivessem corretos.

Mais tarde vi a casa da Mary, aquela de que habitualmente me lembro. Era uma cabana bastante tradicional, a primeira à esquerda ao longo da ruela reta e poeirenta que seguia para oeste a partir da extremidade sul de Malahide, e ficava a pouco menos de uma milha de onde a ruela começava. Outros detalhes pareciam ser consistentes com os meus sonhos e memórias anteriores.

Fui levada mais para a frente no tempo e descrevi uma menina a correr a meus pés. Tinha uma cabeleira de cabelo escuro com talvez um toque de ruivo quando a luz do sol incidia nele. Dei a sua data de nascimento como 4 de fevereiro de 1922 e, embora isto parecesse menos confuso do que a igreja e o casamento, mais uma vez dei por mim a questionar a precisão da resposta. A data aproximada parecia certa, mas duvidava do rigor exato.

Demasiado cedo, estavam a acordar-me, tirando-me daquilo que eu tentava compreender e recordar. Acordei lentamente, tentando mexer-me, mas a princípio os meus membros não respondiam, como se estivessem paralisados. Após alguns momentos, a consciência plena regressou, tal como a mobilidade. O que parecera durar apenas dez minutos, garantiu-me um olhar para o relógio, fora uma hora.

Quando cheguei a casa, mais tarde nessa noite, tomei notas rápidas, esperando que pudesse haver apenas uma peça de informação útil. Os nomes O'Neil e Bryan não pareciam estar bem certos, mas eu tinha aventurado-me mais atrás na vida da Mary do que nunca e visto muitas coisas novas. Marquei as posições do talho e da igreja num dos meus mapas para que pudessem, um dia, ser verificadas. Notei inclusivamente as datas sobre as quais estava tão hesitante. Precisava desesperadamente de encontrar uma chave para iniciar a minha busca, e qualquer coisa poderia vir a ser essa chave. Senti como se tivesse dado o primeiro passo para completar uma demanda que esperara meia vida para cumprir.

Duas semanas mais tarde, voltei para a minha segunda consulta com o hipnotizador. Desta vez, ele estava interessado em analisar o tempo entre a década de 1930, quando Mary morreu, e o meu próprio nascimento em 1953. Isto era mais relevante para a sua própria investigação sobre o fenómeno das vidas passadas do que para a minha busca pela família de Mary, embora eu estivesse interessada. Poderia até ser útil para compreender ou provar a continuidade da «alma», que é um dos conceitos fundamentais na maioria das teorias de reencarnação.

Desta vez, quando me tocaram no ombro, recebi instruções para ir às últimas memórias de Mary. Mais uma vez fui forçada a suportar a dor física e a angústia que, de uma forma perversa, eu quase precisava de experienciar, como se a própria familiaridade fosse reabastecer a minha determinação. Movendo-me lentamente através da dor até ao ponto em que restavam apenas emoções, comecei a entrar nesse outro estado.

Era outono quando Mary morreu. Ela parecia magra enquanto o meu ponto de vista derivava para um ponto acima e um pouco ao lado do seu corpo agora vago. O quarto era branco e vazio. Tinha morrido sozinha no que parecia ser um hospital. O tempo parecia irrelevante, por isso não saberia dizer quanto tempo mais tarde o marido da Mary entrou no quarto. Sentou-se junto à cama, curvado sobre ela. Pela primeira vez tive consciência dos sentimentos dele. Ele parecia menos capaz, naquele momento, de esconder as suas emoções sob a indiferença ou o desdém. Tarde demais, tive alguma perceção do homem que ele poderia ter sido se tivesse sido mais capaz de expressar os seus sentimentos. Eu já não estava perto, mas continuara a derivar para mais longe, para uma escuridão muito calma. O próprio tempo deixou de ser definível; tudo parecia abafado como se estivesse em animação suspensa ou hibernação.

Algures na escuridão, enquanto era guiada através dos anos pela voz do hipnotizador, surgiu uma pequena memória. Em 1940 ainda estava tudo escuro, mas houve uma mudança subtil de consciência que só posso descrever como uma necessidade de «ser algo» novamente. Por volta de 1945, havia uma criança pequena. Nada foi muito claro desta vez, mas havia uma sensação de estar sozinha ou apenas solitária. Havia ruído, confusão e desarrumação.

O hipnotizador, aquele controlador quase esquecido desta incursão noutro reino, afastou-me, de volta no tempo, novamente para a Irlanda. Vi

uma família em crescimento, e houve um pouco de impaciência à medida que Mary se via menos encantada com as alegrias da maternidade, agora que havia uma casa cheia de crianças. Descrevi brevemente várias das crianças de forma consistente com a memória anterior, e mencionei um bebé que morreu ao nascer. Foi um olhar breve e não consegui obter mais do que uma impressão vaga.

Ouvi a voz a orientar-me novamente para derivar mais para trás, muito para trás — várias centenas de anos. Por acaso, encontrei-me numa das memórias que me acompanhavam desde a infância, embora não a tivesse reconhecido como tal ao início. De entre as várias memórias, a de Mary fora sempre a mais forte e a mais detalhada.

Pareci parar, subitamente petrificada. Durante vários minutos descrevi os medos de uma rapariga rural francesa de sete anos — Anna, creio — que fora vendida para servir numa casa em Bolonha. Imagens de uma família numerosa e de uma casa de quinta deixada para trás. Uma viagem com o pai e o medo de nunca mais ver a família. Muitos detalhes, o ano de 1716. Como se o trauma das memórias da Mary não bastasse, este terror ficava agora na minha mente consciente. Sentimentos familiares de injustiça e raiva misturavam-se com o medo, todos com tangibilidade neste outro tempo e lugar.

Demasiado cedo a voz trouxe-me de volta ao presente, e fiquei com farrapos de memória, alguns tentadores, outros aterradores...

Comecei a sentir que esta experiência de regressão através da hipnose estava a consumir os meus pensamentos. Portas deixadas entreabertas estavam agora a abrir-se de par em par, e a tal velocidade que havia pouco tempo para processar o significado do que estava a acontecer. Estava a achar os detalhes avassaladores e tentava lidar com eles questionando a precisão ou demasiado ou insuficientemente.

Irritava-me que, com a hipnose, fosse tão fácil obter um nível de recordação e de detalhe que eu era incapaz de alcançar sozinha, mesmo após anos de prática. Incomodava-me que tivesse demorado tanto tempo a descobrir que isto era possível, e perguntava-me se teria desperdiçado todos aqueles anos. O tempo tornou-se o meu inimigo. Queria saber tudo e encontrar a minha família agora. As duas semanas entre cada sessão começaram a doer.

Era como um vício e eu não queria que parasse até ter todas as respostas que desejava. Nunca me ocorreu que eu poderia precisar deste tempo e de um pouco mais de maturidade antes de estar pronta para avançar. Era simplesmente demasiado difícil aceitar que a paciência era necessária para aqueles primeiros passos.

No entanto, a sensação de abrir uma caixa de Pandora permanecia. Até então, eu tinha encerrado numa parte menos proeminente da minha consciência a minha frustração por não poder fazer nada para encontrar as crianças e a minha raiva avassaladora sobre a situação. Tivera de o fazer para poder funcionar na vida normal. A hipnose, contudo, estava a quebrar todas aquelas barreiras que eu erguera para me proteger de parte da dor.

Embora pudesse sempre recordar e sentir sempre a dor, eu racionalizara tudo para me permitir continuar a ser eu própria. A intensidade da recordação sob hipnose deixava-me com a sensação de estar aberta, em carne viva, vulnerável e confusa. Havia um conflito tremendo entre a autopreservação e as necessidades do passado. De um ponto de vista psicológico, é muitas vezes melhor enfrentar as coisas do que reprimi-las, mas o trauma de o fazer não deve ser subestimado.

Na sessão seguinte, guiada diretamente de volta à Mary, falei sem que me perguntassem: «O meu bebé morreu.» O hipnotizador fez perguntas que pareciam ser respondidas de forma quase mecânica, mas eu estava envolvida com o passado. Conseguia ver uma mulher — uma enfermeira, presumi. Entregou-me o bebé morto para que eu pudesse segurá-lo e dizer adeus.

O luto pela perda estava presente naquela altura, nesta altura, e ainda está presente, cada vez que a memória me vem à mente. Segurei o bebé e compreendi. Senti gratidão por ser possível dizer adeus desta forma, olhar para a criança destinada a não viver. Muito mais fácil do que ser informada, mas não autorizada a ver ou a dizer adeus. Teria havido outra altura em que Mary não dissera adeus? Talvez. O sentimento de que esta era uma forma melhor era forte. Não havia sentido de frustração ou injustiça — apenas luto, um sentimento de perda libertado no momento da perda, sentimentos normais fáceis de aceitar agora.

Era um rapaz. Mary tinha vários rapazes e estava agora na casa dos trinta. Perguntaram-me se era uma boa idade para ter filhos e respondi que

não era invulgar. Mas, por dentro, havia raiva perante a pergunta — uma pergunta estúpida. Como se houvesse escolha sobre ter filhos. De quem são os pensamentos, perguntava-me eu, que estou agora a pensar?

Ele levou-me de volta novamente. A minha mente obedeceu docilmente à orientação e dei por mim sentada numa encosta relvada. Diante de mim havia uma vista panorâmica de colinas ondulantes que desciam até à água, lá longe, na distância. Não água doce, creio, mas talvez um braço de mar, pois parecia haver terra para além da água; ou talvez fosse o mar e diante de mim estivesse uma ilha. Eu, a observadora, não sabia, e eu, a pessoa do passado, não me preocupava. Conseguia cheirar a terra e as plantas húmidas. Queria ser capaz de me levantar e caminhar por aquelas colinas durante milhas, de tal forma a paisagem era bela.

O hipnotizador estava a falar sobre trabalho, fazendo perguntas. Mary não queria pensar em trabalho enquanto estava ali sentada. Que idade? Quinze. Estar presa naquela casa grande a limpar o dia todo. Não, era muito melhor estar aqui fora do que pensar em trabalho. Esta Mary jovem era de constituição mais leve do que mais tarde, e talvez ainda um pouco irrealista na sua perspetiva. Mas tinha o mesmo otimismo e alegria que haviam de ajudar mais tarde.

Mary gostava da Sra. Lett. O hipnotizador perguntava-me todo o tipo de coisas sobre ela e a casa. Havia pilares brancos de cada lado do pórtico, mas não era uma mansão, apenas uma grande casa de quinta. A Sra. Lett sentava-se na sala principal, que ocupava toda a profundidade do lado direito da casa e tinha janelas à frente e atrás. Ela era bastante velha e não saía muito. A sala principal era maravilhosa, com um tapete grande, rico em cores, vermelhos quentes e tons de ferrugem, preenchendo a maior parte do chão. Nas paredes havia espelhos emoldurados e pela sala encontravam-se cadeiras com braços e muitos outros móveis belíssimos. Secretárias e mesas, nada de grande, tudo elegante — até a Sra. Lett com o seu colar de pérolas e o rosto pálido. Havia ali coisas que estavam obviamente para além da experiência habitual da Mary, um nível de riqueza que ela não fora capaz de ver de perto até trabalhar ali.

Ele deixou-me percorrer a casa e descrever o que conseguia ver. Havia vários pisos. No primeiro andar havia um patamar comprido com cerca de três ou quatro portas que davam para quartos. Os quartos do segundo andar

eram tornados pequenos pelo ângulo do telhado e eram usados principalmente para arrumos.

Havia outras pessoas — alguém na cozinha, uma cozinheira provavelmente. A cozinha ficava na parte de trás, do lado esquerdo da casa, onde havia também uma pequena lavandaria e divisões de serviço. A cozinheira não fazia os trabalhos cansativos ou sujos. Mary limpava, esfregava e lavava. A divisão exterior fria onde estes trabalhos eram feitos só foi vislumbrada brevemente — não havia magia ali, nenhuma razão para demorar ou olhar; era apenas um lugar para estar quando havia trabalho para fazer.

O hipnotizador pediu-me para avançar um pouco no tempo. Agora Mary estava casada, com família, e a limpar a cabana. Perguntou-me sobre as tarefas domésticas e o que estava a usar para limpar. Parte de mim compreendia por que razão ele fazia estas perguntas, mas outra parte de mim era daquele tempo e não compreendia. As respostas eram por vezes rudes: «Um pano húmido.» Todas as superfícies eram limpas com um pano. Perguntou-me sobre lavar a roupa. Conseguia ver um bloco de sabão que era usado para esfregar a roupa antes de a lavar. Perguntou-me depois sobre a loiça. O nível de irritação subia enquanto eu descrevia sabão em pequenas escamas que era usado para lavar a loiça, sabendo perfeitamente que não havia nenhum em casa: custava demasiado.

Estava silêncio — a maioria das crianças estava na escola. Ele perguntou sobre a escola, mas eu não consegui ver um nome: apenas a letra C. Não sabia se usavam ardósias, mas vira um livro onde a filha mais velha tinha escrito. Ela era brilhante e saía-se bem na escola. Eu tinha grandes esperanças nela. Era inteligente, paciente e trabalhadora o suficiente para atingir coisas mais altas — tornar-se enfermeira, talvez. Um dos rapazes mais velhos — não o primogénito, contudo — era difícil por vezes e excessivamente enérgico. Descrevi as outras crianças tal como as descrevera anteriormente.

Novamente veio a instrução para ir para algum outro lugar no tempo, de volta à França e à Anna em Bolonha. Depois, para a frente novamente, para além de Mary e, passo a passo, para a criança entre 1940 e 1945. Muitos detalhes, nomes, um nome de rua em Hendon, Londres (que mais tarde se descobriu existir). Uma memória curta de uma vida curta.

Depois fui levada para a frente novamente, através da escuridão, lentamente, até haver uma luz à frente que ao início era apenas um ponto. Quis ir em direção a ela. Quando a alcancei, houve um sentimento de calor, calor físico real e conforto, e isto ocorreu após um tempo de ausência de consciência física. Havia agora um sentido sem outros sentidos, um sentido de ser.

Como observadora, achei isto difícil de aceitar, mas na altura parecia compreender do que se tratava. O meu eu consciente sabia que tínhamos chegado a um ponto antes do meu próprio nascimento, e que o que estava a acontecer se relacionava com a memória pré-natal.

A consciência e os sentidos cresceram; depois houve uma segurança confinada, como se eu fosse segurada com firmeza, seguida de luz, ruído e pessoas. A minha cabeça emergiu virada para a esquerda e depois virou-se para cima. Já não havia segurança, apenas ruído e confusão; depois, passado pouco tempo, a necessidade de ser segurada tão proximamente confinada como antes, para conforto e segurança. Em breve essa necessidade estava a ser satisfeita, mas de forma demasiado breve; muito rapidamente, pareceu, eu estava a ser levada e não queria ir. Não estava a ser segurada com firmeza, e não estava nem segura e próxima, nem onde queria ter ficado.

Tudo isto foi observado com espanto e alguma incredulidade, mas o hipnotizador falou novamente e elevou-me daquele tempo, trazendo a minha mente de volta ao presente. Ele tentou acalmar a ansiedade que permanecia, falando de uma atitude positiva e dizendo que as tarefas inacabadas do passado deveriam ser deixadas. Comecei a pensar que tais pensamentos da parte dele eram contrários à minha própria direção. Eu tinha o hábito de uma vida inteira de não deixar o passado — ou, pelo menos, seria mais exato dizer que ele não me deixava, nem poderia.

Talvez ele se tivesse apercebido, finalmente, do sentimento de culpa que a morte de Mary me causava, ou talvez pensasse ser improvável que eu conseguisse encontrar a família ou qualquer paz. Ele pode até ter pensado que fora a inquietação e a insegurança da minha entrada nesta vida que suscitaram a preocupação.

Verifiquei mais tarde com a minha mãe a posição da minha cabeça durante o nascimento e sobre o facto de ter sido levada, e descobri que

tinha "visto" tudo com bastante precisão. Ela lembrou-se especialmente da minha cabeça a virar para cima, pois conseguia ver o meu rosto. Quanto ao ser levada, foi o primeiro parto da parteira e ela ficou tão encantada por eu ser um bebé tão grande e de aspeto maduro que me levou por todo o hospital para me mostrar a toda a gente antes de me devolver à minha mãe. Pergunto-me se isto terá algo a ver com a minha aversão a multidões e ao ruído, e ao facto de estar no centro das atenções?

A investigação provou que, sob hipnose, as pessoas conseguem recordar a posição da sua cabeça no nascimento. Todas as pessoas na experiência sobre a qual li tinham descrito com precisão a sua própria posição de nascimento a um investigador que não teve acesso aos registos de nascimento senão após o interrogatório sob hipnose. Mas a memória pré-natal é menos fácil de provar.

O projeto começou a afetar a minha vida diária, mas como nunca saía da minha mente, isto não deveria ser surpreendente. A profundidade da emoção entrelaçada nas visões do passado que emergiam era extrema e, por vezes, insuportável. As memórias também surgiam entre as sessões de hipnose, acrescentando informações que precisavam de ser avaliadas e compreendidas.

Fiquei imensamente frustrada, principalmente porque tudo parecia avançar a um ritmo demasiado pausado. O próprio hipnotizador era lento e metódico, provavelmente um pré-requisito da tarefa. Sentia-me como uma criança à espera do Natal, mas sem compreender o período de tempo que a espera envolvia.

Na minha visita seguinte ao hipnotizador, ele continuava interessado em analisar muitos tempos diferentes. A nossa primeira incursão foi a um lugar de há mil anos — o País de Gales na Idade das Trevas. Surgiram alguns detalhes, como o modo de vestir e o tecido tecido utilizado, que se revelaram mais tarde historicamente corretos. Isto exigiu um pouco de investigação, mas reforçou a minha confiança crescente de que havia precisão nas coisas que eu tinha visto.

Ele levou-me de volta para encontrar Mary, mas houve tantos saltos para trás e para a frente no tempo que foi difícil recordar tudo. A intenção era verificar datas, nomes e eventos para garantir a continuidade. Lembrei-me de um número de telefone que foi dado como sendo o da casa dos Lett

— 71 34 com alguns algarismos à frente, talvez 61 ou 6 qualquer coisa. Isso foi útil, pois podia ser verificado. (Mais tarde descobri que os números de telefone irlandeses são compostos por seis dígitos em três pares — tal como eu os tinha dado — e o número indicado seria viável para a zona onde eu esperava que a casa de quinta estivesse, perto de Dublim.)

Vi um médico que visitava a Sra. Lett, em parte como amigo. Usava um casaco comprido escuro e um chapéu com uma mossa na copa. Conduzia o único carro que eu tinha visto; era preto e brilhante, com enormes arcos de rodas.

Havia livros na sala principal, numa estante para as traseiras da casa, encostada a uma parede interior. O hipnotizador perguntou-me os títulos, mas não respondi. Conseguia ver um de Tolstoi e outros clássicos, mas o meu eu atual era incapaz de aceitar que tal detalhe pudesse ser exato. Confusa, disse demasiado pouco, embora conseguisse ver toda a sala em detalhe perfeito.

A própria casa de quinta estava situada no alto de uma colina com vistas amplas, especialmente para as traseiras, creio que na direção sudoeste. Também pareço recordar um interesse em alguém em cima de um telhado, num dos anexos — poderia ter sido o jovem que se tornou marido da Mary?

Esta foi uma sessão menos satisfatória. Embora fosse fascinante olhar para trás, para outros tempos e lugares, alguns familiares e outros não, perguntei-me sobre a relevância. Estas memórias pouco contribuíram para a minha própria demanda.

Por esta altura, o meu entusiasmo corria sem freio, como um comboio sem maquinista. Sentia-me incapaz de controlar os extremos de emoção que borbulhavam através do meu subconsciente e ocupavam tanto do meu tempo. O facto de ainda ter informações insuficientes, e de possivelmente ainda não ser o momento certo para avançar, não era uma consideração.

Recebi um impulso extra através de um presente do Sr. Coulter. Eu tinha estado a falar obsessivamente com ele e com outros amigos no intervalo de todas estas sessões de hipnose, e a lamentar a falta de detalhes verificáveis em tantas áreas. Após uma das suas viagens à Irlanda, ele trouxe-me um mapa da *Ordnance Survey* da zona de Dublim, na escala de

uma polegada por milha. Este era muito mais detalhado do que os mapas que eu já tinha consultado, e mal conseguia conter o meu entusiasmo.

Não só a estação e as igrejas estavam marcadas onde eu as tinha colocado, quer originalmente quer mais tarde após a hipnose, como as conformações das estradas eram ainda mais claramente as que eu tinha desenhado em criança. Nomes saltaram subitamente à minha vista — "Gay Brook" (geralmente escrito como uma só palavra) em particular — mas, o mais emocionante de tudo, vi a linha do riacho que eu sempre soubera estar perto da cabana da Mary.

Agora sentia uma grande necessidade de verificar mais detalhes, e comecei a perguntar-me como o poderia fazer. Decidi contactar alguém com o apelido que eu tinha dado sob hipnose, confiando, talvez ingenuamente, que fosse mais preciso do que eu pensara. A impaciência causada por esperar mais de trinta anos antes de poder fazer algo definitivo para encontrar a família da Mary afetava qualquer cautela natural. Embora sentisse que era inevitável que alguns dos detalhes estivessem corretos — tanto correspondia às memórias existentes — eu sabia que era extremamente improvável que encontrasse alguém desta forma. Mas tinha de haver algo a que me agarrar, algo para fazer.

Então fui à biblioteca local e consultei a lista telefónica de Dublim; sob "O'Neil", anotei vários que viviam num raio razoável de Malahide. Escolhi um e enviei-lhe uma carta.

Caro Sr. O'Neil,

Por favor, desculpe a intrusão, mas estou a tentar localizar uma família que viveu bastante perto de si. Poderão ter tido o mesmo apelido de família, e eu perguntava-me se haveria alguma ligação familiar.

A família que procuro viveu na primeira cabana à esquerda na estrada assinalada no mapa anexo. Isto foi durante as décadas de 1920 e 1930. Havia pelo menos seis ou mais crianças, e a mãe, cujo nome creio que era Mary, morreu na década de 1930.

Com os melhores cumprimentos, Jenny Cockell

Com a carta seguiu uma cópia do mapa das ruas que eu tinha desenhado, agora com os nomes identificativos de Malahide, Swords e Gaybrook. Fiz com que a pergunta parecesse ser meramente genealógica,

pensando que seria irrazoável esperar uma resposta se fosse dada a razão real; a maioria das pessoas acharia isso demasiado estranho para lidar.

Esta primeira carta representou uma explosão de toda a minha frustração acumulada e necessidade emocional. Tinha tentado ser paciente e esperar que o hipnotizador estivesse pronto, mas algures por aí estava a resposta, e já não conseguia aplicar restrições àquela necessidade urgente, desesperada e apaixonada. Esta carta foi o meu primeiro passo real no sentido de aceitar o fenómeno numa base de vida real, e trouxe as memórias um passo mais para fora da repressão, um passo mais para a luz do dia.

Capítulo 4

Necessidade de Prova

O pensamento principal na minha mente nesta altura era encontrar a família e descobrir como as crianças se arranjaram após a morte da sua mãe. Tentativas improváveis como a carta ajudavam a atingir esse fim. Pouco tempo depois, enviei cartas semelhantes a outros O'Neils na zona, e esperei com ansiosa antecipação pelas suas respostas.

Inegavelmente, a força motriz por trás da minha busca era mais emocional do que racional. Houve tal acumulação de medo e conflito reprimidos que isso afetava o meu julgamento — a instabilidade emocional da minha infância, a incerteza e a falta de confiança nas minhas interações com os outros, somadas às tendências isolantes daqueles surtos intermitentes e angustiantes de depressão. Como consequência, houve alturas em que provavelmente prejudiquei o progresso constante ou lógico da minha demanda. Ficava insuportavelmente frustrada com o tempo que tudo parecia levar, e dava por mim a fazer as coisas mais estranhas apenas para fazer algo, qualquer coisa. Noutras alturas, um grande medo impedia-me de dar o próprio passo que poderia levar-me a avançar, pois a minha preocupação em causar qualquer tipo de dor às crianças (que eram tão importantes) fazia-me temer o contacto que eu tão desesperadamente procurava. Estava constantemente a fazer malabarismos com um espetro de emoções fortes e, por vezes, conflituosas.

Mas, ao mesmo tempo, o entusiasmo corria sem freio, como um comboio sem maquinista. Sentia-me incapaz de controlar os extremos de emoção e pensamentos que borbulhavam através do subconsciente e ocupavam uma parte tão grande da minha vida diária. Era como se eu fosse uma passageira numa viagem extraordinária que ia continuar, uma vez iniciada, fosse esse o meu desejo ou não.

Havia uma sensação de irrealidade em relação a tudo aquilo. Tinha consciência daquela parte de mim que era Mary, como sempre, mas agora ela partilhava a minha mente de uma forma que talvez nunca o tivesse feito antes. Havia também a consciência das minhas próprias necessidades, mas eu não poderia ser uma pessoa completa sem tentar satisfazer as necessidades relacionadas com aquilo que era Mary. A memória de eventos na vida da Mary começou a encontrar o seu caminho de volta à minha mente consciente numa base diária, tal como acontecia na infância. Passava muito tempo a concentrar-me nos rostos das crianças e a recordar as suas personalidades; elas estavam a tornar-se mais familiares novamente.

Ideias e pensamentos libertados pela hipnose começaram a ficar tão perto da superfície que se tornaram mais parte de mim do que tinham sido durante muitos anos. A compartimentação que levara tanto tempo a desenvolver estava a quebrar-se. Novamente, eu passava pelos tormentos da separação das crianças. A lógica dizia-me que elas já tinham crescido há muito e vivido as suas próprias vidas durante muitas décadas, mas eu precisava de saber o que acontecera para poder permitir que elas crescessem na minha memória tal como tinham feito na realidade.

Embora estivesse entusiasmada por dar os primeiros passos na minha demanda, também estava hesitante. Ainda havia tantas incertezas. A hipnose estava sem dúvida a ajudar, mas até que ponto podia eu confiar no que ela estava a desenterrar? Havia a consciência de que, embora estivesse a revelar muito do que eu não recordara, este novo conhecimento carecia dos detalhes finos que eu acreditava serem necessários para uma busca bem-sucedida.

Cada vez que era hipnotizada via muita coisa, mas não a registava propriamente em palavras — geralmente porque não me perguntavam sobre isso, ou porque me faziam a pergunta errada. A minha própria reserva natural também deve ter tido muito a ver com isso, e tenho a certeza de que as fitas deviam conter lacunas e silêncios entre as perguntas

e as ocasionais respostas. Se eu não tivesse feito deliberadamente o máximo de notas possível assim que chegava a casa das sessões, tenho a certeza de que não teria obtido quase nada.

Por exemplo, numa das sessões tive uma imagem muito clara de um animal encurralado. Os rapazes mais velhos, e talvez uma das raparigas mais velhas, tinham armado uma armadilha (*snare*). Isto foi numa fase tardia, porque o rapaz mais velho tinha cerca de onze anos. A armadilha era verificada todos os dias e, certa manhã, entraram apressadamente, todos a falar ao mesmo tempo sobre terem apanhado algo. Todas as crianças correram para ver, e lembro-me de ser a última a sair porque tinha as mãos molhadas e ainda as estava a secar num pano enquanto me juntava ao grupo. Olhei por cima das cabeças reunidas em volta da armadilha e vi uma lebre. Estava presa pela parte inferior do corpo, de modo que parecia muito comprida e magra. Devia ser um dia fresco ou bastante cedo, porque as minhas mãos continuaram a sentir-se húmidas e frescas, tal como o pano no qual tinham sido secas. A armadilha fora colocada junto a um grupo de árvores e matagal perto da cabana. Creio que a lebre ainda estava viva, mas não podia ter a certeza. "Vi" tudo isto na minha cabeça, e registei-o mais tarde, mas sei que tudo o que disse em voz alta foi: «Ainda está viva!»

O facto de eu ser capaz de dar imagens amplas, mas não detalhes finos, foi confirmado até certo ponto por algo que o hipnotizador fizera na sessão anterior. Ele queria testar o meu sentido psíquico — a capacidade de ver coisas não visíveis de forma comum, ou de saber coisas através da clarividência. Eu ainda estava sob hipnose quando ele me trouxe de volta ao presente, mas não me acordou.

Pediu-me para "subir" em direção ao teto e parar perto e acima de um armário alto. Ele talvez tivesse sido influenciado pela minha experiência fora-do-corpo como Mary, após a sua morte, quando olhei para baixo para o marido. O sentimento era semelhante ao da psicometria, na qual é possível à mente ver através das paredes, passar por elas e descrever o que está para lá. (No passado, tive muitas das minhas descrições deste tipo confirmadas, por isso confio na sua precisão.)

Vi o armário como que de cima. Ele disse-me que tinha posto algo ali e pediu-me para o descrever. Vi a forma retangular do topo do armário e, sobre ele, duas formas quadradas bastante achatadas, cada uma cobrindo um lado do topo, e cada uma do tamanho de um disco de gramofone, mas

mais grossa. Outra forma que vi ali foi um tubo comprido de cartão ou papel, estendendo-se ao longo do topo. Depois o hipnotizador acordou-me e eu lutei para regressar à consciência.

Ele tinha posto uma pequena moeda numa caixa que esperava que eu encontrasse, mas eu não captei tal detalhe fino. As formas quadradas do tamanho de discos eram, de facto, dois gira-discos, e do tubo ele tinha-se esquecido completamente. Era um cartaz enrolado que não podia ser visto de todo a partir de baixo na sala.

Como teste de clarividência sob hipnose, isto foi meramente interessante. Mas como teste da precisão das informações que eu dava geralmente sob hipnose foi bastante valioso, confirmando a minha capacidade de dar contornos gerais e imagens que careciam de detalhes finos. Senti que isto se podia aplicar também à regressão: eu conseguia "ver" Mary, os seus filhos, a cabana, a aldeia — mas não conseguia "ver" nomes de pessoas ou estradas, nem datas, com qualquer precisão garantida.

Dos detalhes consistentes tanto na memória que sempre tive como na dada sob hipnose, o mais fiável era o próprio nome, Mary. Estava convencida de que esse se revelaria correto. As duas principais áreas geográficas das memórias pareciam estar bastante próximas uma da outra, e situavam-se ambas a norte de Dublim: uma era a casa dos pais e a aldeia — embora eu não soubesse o seu nome — e a outra era Malahide. Poderá ter havido outros locais, mas não por longos períodos de tempo.

Na casa dos pais havia memórias do pai da Mary e de dois irmãos mais velhos, que saíram de casa em algum momento durante a adolescência da Mary e foram para longe. Eu não tinha qualquer noção do seu apelido. A casa dos Letts, perto da casa da família da Mary, e onde a vi a trabalhar, só foi vista sob hipnose. Foi lá que vi Mary por volta de 1919 com o marido. A ideia de que ele não era um homem da terra e que bem poderia ter combatido na Primeira Guerra Mundial estava presente tanto nas memórias como na hipnose; tal como a consciência de o seu trabalho envolver madeiras e ser feito nas alturas, e detalhes básicos de personalidade. Sempre que pensava nele, fosse como Mary na minha própria vida ou como Mary sob hipnose, as memórias eram as mesmas. Eram claras num ponto inicial, mas eram apagadas numa fase posterior, e eu não sabia porquê. Vi o jovem, extremamente atraente, e nessa memória havia todo o tipo de sentimentos que eram edificantes. Mas mais tarde havia as crianças e

sentimentos diferentes, sendo o mais preponderante um sentido de cautela silenciosa.

Eu dava por mim continuamente a tentar justificar ou tolerar os problemas dele, embora isso já não fosse necessário. Perguntava-me sobre a motivação por trás disto. Ele gostava de atenção, mas era incapaz de se abrir sobre preocupações ou inquietações. Mary estava preocupada com as crianças e parecia ter pouco tempo para pensar nele, ou tinha desistido de tentar compreender. A atitude dele para com as crianças, que variava entre a indiferença e a hostilidade, poderia ter sido causada, em parte, pelo facto de elas receberem o tempo e a atenção da esposa de uma forma que ele não recebia.

Mas eu sentia que havia outro lado da sua personalidade que raramente era visto — que estivera lá no início, mas fora enterrado juntamente com demasiado de si próprio. Perguntava-me sobre o efeito que a guerra poderia ter tido nele. A sua vida parecia ter sido uma desilusão na maior parte do tempo. Estava preocupado com o trabalho, do qual creio que retirava alguma satisfação, mas raramente estava em casa. Como jovem era autoconfiante e notado, mas tornou-se um homem de cada vez menos palavras, à medida que parecia ficar menos feliz com a vida: ranzinza e retraído, não propriamente uma boa companhia em casa, embora talvez melhor entre os seus amigos.

Continuava muito insegura quanto ao nome dele tal como dado sob hipnose. Mais tarde, o hipnotizador concordou que provavelmente estaria errado — demasiado semelhante ao da estrela de cinema americana Ryan O’Neal.

A cabana em Malahide foi sempre a característica mais consistente. De todos os detalhes, este pareceu-me talvez o mais fiável. As descrições das crianças eram também consistentes, embora o seu número não o fosse. Parecia haver um mínimo de cinco, mas eu tinha a certeza de que poderiam ter sido até oito. Num registo escrito antigo eu mencionara oito crianças, mas quando hipnotizada parecia descrever apenas cerca de cinco.

Sob hipnose, a quatro das crianças foram dados nomes, mas a minha resposta às perguntas foi tão casual que eu tinha tantas dúvidas sobre estes nomes — James, Mary, Harry e Kathy — como sobre o nome do marido da Mary. O bebé que morreu, que vi apenas sob hipnose, talvez no início da

década de 1930, era, senti eu, o penúltimo filho. O talho e a igreja foram vistos apenas sob hipnose.

As datas gerais e a cronologia eram tão consistentes que senti que se podia confiar nelas, caso em que a morte da Mary ocorreu na década de 1930, quando ela estava em meados dos seus trinta anos. Nada sei da família após a sua morte, o que era como deveria ser para permanecer consistente com a minha afirmação de que as minhas memórias eram as da Mary.

Com toda esta absorção e preocupação com o início da investigação, o meu tempo era passado a rever constantemente os detalhes para ver o que poderia ser feito para descobrir mais. Nenhuma parte de qualquer dia ficava intocada pela necessidade de saber. Havia pouco mais no conteúdo das minhas conversas, uma obsessão que outros poderiam muito bem considerar irritante — e, de facto, eu preocupava-me com isso. Mas era incapaz de parar de pensar e falar sobre o assunto, mesmo a bem daqueles que me rodeavam.

Não são muitas as pessoas que têm a oportunidade de responder a um sonho, literalmente. Havia uma sensação de estar muito viva, uma nova realidade exuberante. Ainda sem me preocupar com a falta de respostas às cartas enviadas a vários O'Neils, comecei a apressar-me à procura de coisas para fazer e de pedidos de informação a realizar. Reconheci em mim, novamente, aquela impulsividade movida pela emoção que dificilmente alcançaria um trabalho cuidadoso e resultados positivos.

A biblioteca tornou-se um local de visita frequente; não só continha listas telefónicas de toda a Irlanda, mas também livros de referência que forneciam endereços úteis, como os de conservatórias e arquivos (*records offices*). Numa ocasião, procurei o nome Lett. Havia vários listados na zona, mas não havia necessidade real de dar seguimento a isto; embora fosse uma informação útil, não havia garantia de que o nome tivesse sido usado corretamente. Por outras palavras, tinha agora a confirmação de que era um nome local, um que Mary poderia ter conhecido ou ouvido, mas com a minha incapacidade de recordar nomes adequadamente, era imprudente assumir que seria o correto para os ocupantes da casa de quinta.

Através de outra destas visitas à biblioteca, descobri que muitos arquivos no Gabinete de Registos de Dublim (*Dublin Records Office*)

tinham sido destruídos por um incêndio durante a revolta de 1922. Estes, percebi eu, poderiam incluir alguns que me teriam sido úteis. No entanto, pensei que faria sentido, nesta altura, tentar localizar um registo mais recente — talvez a certidão de óbito de Mary. A precisão dos detalhes ainda estava em questão, mas iniciar uma busca era melhor do que não fazer nada.

Também descobri que os registos eram mantidos por padres, pelo que esta poderia ser outra via a explorar. Tentei, portanto, identificar a igreja que vira sob hipnose; quando encontrei na lista telefónica aquela que pensei ser a correta — a igreja na estrada principal em Malahide — escrevi uma carta ao padre responsável, expondo o problema de forma muito semelhante à que fizera aos O'Neils. Foi apenas muito mais tarde, quando a minha carta foi devolvida, que notei que tinha lido mal o endereço. Nessa altura, estava novamente mergulhada em incertezas, principalmente sobre o apelido, e senti que talvez estivesse a agarrar-me a palhinhas. Lá no fundo, sabia que havia uma forte probabilidade de estar fora de rota com a informação que utilizava.

Finalmente, investiguei o custo de viajar para Dublim, o que me permitiria perguntar sobre a família na aldeia onde tinham vivido. Voar seria o mais rápido e causaria o mínimo de perturbação na vida doméstica. Sabia que custaria demasiado para toda a família ir, mas ao mesmo tempo odiava a ideia de me separar deles — uma admissão nada surpreendente, uma vez que toda a base da minha busca se prendia com a separação dos filhos. Contudo, continuava a não ter meios para ir, mesmo sozinha, por isso abandonei a ideia.

Esperar por respostas a cartas que poderiam, em todo o caso, não ser respondidas, tornou-se um esforço intolerável. A hiperatividade criava uma falsa impressão da passagem do tempo. Realizei um ato de malabarismo entre tentar suprimir a maior parte da minha efervescência e canalizar essas energias para vias produtivas — mas foi, na maioria, infrutífero. A minha mente queria descansar e ser livre, ao mesmo tempo que queria trabalhar e ser produtiva, mas não conseguia fazer nem ser nenhuma das duas coisas. Sabia que tinha de encontrar a família ou tentar esquecê-la. Recordar, mas não ser capaz de os encontrar, tornar-se-ia insuportável.

Parecia importante lembrar-me constantemente de que havia outros como eu algures, mas os estudos bem documentados de crianças cujas

memórias pré-vida tinham sido cientificamente verificadas faziam-me sentir inadequada. Quando li sobre eles pela primeira vez, perguntei-me se deveria contactar o investigador, o Dr. Stevenson, mas senti que a minha incapacidade de recordar nomes corretamente significaria que ninguém estaria suficientemente interessado em ajudar.

Em alguns casos, as famílias foram encontradas, e isso deveria ter tornado as coisas mais fáceis para mim. Mas tais casos tendiam a ser usados com vista a provar a reencarnação (que eu acredito não poder ser provada em retrospetiva); e o facto de as discussões não incluírem os sentimentos dos principais interessados, ou a forma como lidavam com as suas memórias, oferecia-me pouco conforto.

Mais uma vez, comecei a pensar em porquê e como tinha as memórias, para tentar racionalizar o meio pelo qual se tinham tornado minhas. Existem várias perspetivas sobre o assunto. Uma é que pode ser um "eco" de uma memória recolhida por volta da altura do nascimento. Como sempre tive várias memórias desse tipo, para que esta teoria funcionasse, elas teriam de ter sido recolhidas como memórias em sequência, e elas parecem certamente vir com um intervalo de até oito anos entre cada uma.

Não é uma teoria com a qual eu concorde, e parece canhestra. A outra opção principal é que as memórias são de vidas anteriores e correm em sequência porque são uma continuação da mesma "alma" ou "pessoa" essencial. Por muito difícil que esta ideia possa ser de aceitar, se for encarada de forma inteiramente lógica, sem rejeição emotiva, é viável.

A terceira perspetiva que ouvi ser apresentada é que se trata de uma coleção de ideias coligidas através da escuta de outras pessoas e montadas numa espécie de "pseudo-memória". Infelizmente para esta hipótese, eu não tive uma série de historiadores a discutir vários períodos de tempo enquanto eu estava sentada no carrinho de bebé. E, por acaso, o meu próprio conhecimento de, e interesse pela, história é embaraçosamente pobre. No que diz respeito às minhas memórias principais, a minha família não conhecia ninguém de Malahide, e os seus primeiros pensamentos sobre a família de que eu me lembrava foram iniciados por mim.

Agarrava-me à precisão estatisticamente improvável do mapa desenhado à mão, que era provavelmente o detalhe confirmado mais

interessante até à data, e que não poderia ter sido produzido pela imaginação. É altamente improvável que eu tivesse estudado tal mapa enquanto bebé. Esta hipótese em particular inclina-se para ser uma explicação inventada após o evento e não faz um uso analítico completo da informação sobre as memórias de vidas passadas.

Era comigo mesma que eu argumentava — era a minha própria necessidade de ter a certeza, a minha própria confusão que precisava de ser satisfeita, a preocupação lancinante sobre a família de Mary que me impelia a encontrar respostas. Como a memória estava agora tão presente na minha mente, havia um sentimento de que tinha negligenciado o que deveria ter sido feito muito antes: a busca deveria ter sido realizada muito mais cedo. No entanto, também me maravilhava com o mistério do destino que me levara a procurar numa altura em que tinha uma família própria e em que os sentimentos associados aos filhos faziam parte da minha experiência diária.

Sentia uma culpa tremenda por não ter feito justiça às memórias de Mary. Se o desejo era ter a certeza de que as crianças estavam bem, então tinha demorado tempo demais. Estariam agora na casa dos sessenta anos ou por aí, e teriam feito as pazes com o seu passado. Não via que pudesse ser de qualquer valor para eles. Apenas o pensamento de que talvez a busca tivesse de esperar até este momento podia estancar os meus sentimentos de falha e de inutilidade.

Tinha agora cerca da mesma idade que Mary na altura da sua morte. Tinha filhos e tinha vivido alguns problemas bastante graves na minha vida que me poderiam ajudar a compreender um pouco melhor a família que fora deixada para trás. As memórias que eu tinha eram de uma mulher digna, e talvez agora pudesse considerar-me digna o suficiente para carregar a sua memória comigo.

Na sessão de hipnose seguinte, fui mergulhada uma vez mais nas profundezas da minha mente; memórias foram saqueadas e fragmentos capturados e expostos como papel ao vento. Desta vez fui mais autocrítica, menos distanciada; estava a achar tudo demasiado traumático, demasiado perturbador.

O toque no meu ombro direcionou-me de volta a 1850; depois pediram-me para descrever o que conseguia ver. Havia um navio com três

velas. A minha voz murmurou enquanto a cena se abria lentamente. Tentei ver tudo o que era possível para poder pintar o quadro em detalhe. O hipnotizador fez perguntas, mas a minha resposta foi fraca ao início, como tendia sempre a acontecer se a hipnose fosse muito profunda. Contudo, consegui descrever a vida de uma rapariga de cerca de quinze anos chamada Jane Matthews, a viver em Southampton. Mencionei um nome de rua e dei detalhes do lado da doca a oeste da cidade. Descrevi uma vendedora de flores, trabalhadores das docas, marinheiros, um pai que era violento, uma pequena casa em banda com duas divisões e sem janelas nas traseiras, e uma vida terminada como fugitiva, escondida num celeiro com os cavalos.

Avançámos novamente, desta vez para 1922. Era o início do ano e o hipnotizador perguntou-me sobre os problemas (*Troubles*) na Irlanda, mas eu não compreendi. Havia sempre problemas em algum lado, pessoas zangadas. Ele pediu-me para tentar olhar como se fosse de fora, como quem vê um filme, mas fui incapaz de o fazer — só conseguia ver a memória através dos olhos de Mary. Eu vivia realmente a memória; não a via apenas como se fosse uma espectadora.

Perguntou-me sobre os Letts, mas eu sabia pouco. Ofereci a informação de que achava que se tinham mudado para longe. Ele perguntou-me sobre isto, esperando obter alguma informação relacionada com os *Troubles*, mas como Mary, no estado de espírito dividido em que me encontrava sob hipnose, tal não estava lá para dar. Mary era bastante insular e mais preocupada com a sua própria família e problemas.

Perguntaram-me sobre a igreja onde as crianças foram batizadas, mas não consegui encontrar um nome. Houve uma pergunta sobre um padre e eu não tinha a certeza; mas havia um nome na minha mente — Michael. (Este foi um dos pontos sobre os quais mais tarde questionaria a validade dos detalhes dados sob hipnose. O meu irmão mais velho, Michael, um capelão na RAF, morreu num acidente de voo à vela quando tinha trinta e quatro anos, e pensamentos sobre ele e o seu sacerdócio estariam certamente alojados no meu subconsciente, particularmente porque a perda ainda não era uma experiência que eu sentisse ser capaz de enfrentar devidamente.) Não podia saber onde estaria a verdade.

Houve perguntas sobre a cabana. O nome da estrada onde se situava começava pela letra S — algo como "Salmons". Era alugada a um homem

com a alcunha Mac. Tive outras imagens sobre ele a trabalhar ao longo da costa. Quando questionada, não tinha a certeza se o Mac possuía outras propriedades. Houve muitas perguntas sobre uma variedade de coisas, algumas das quais eu, como o meu eu atual, seria capaz de responder, no entanto, como Mary, não conseguia. Isso era confuso em si mesmo e intrigava-me.

Recebi instruções para ir à memória mais feliz da vida de Mary. Imediatamente vi o nascimento do seu primeiro filho. O que é que ele esperava?, perguntei-me. Ele fez mais perguntas, perguntas tontas, e houve alguma impaciência e um pouco de sarcasmo nas respostas.

Ele levou-me de volta ainda mais atrás, desta vez para 1650. Havia um celeiro grande e eu tinha consciência de observar homens a trabalhar, e serradura no chão, mas era completamente incapaz de compreender o que estavam a fazer. Demasiado completamente, pois havia um nível de incompreensão que era anormal. Havia um sentido de isolamento, de algo errado, de dificuldade na comunicação. Era um rapaz de talvez dez anos, mas com um sentimento estranho de estar sozinho. Talvez surdo, pensei mais tarde, ou autista. Fui retirada deste tempo antes que fosse possível compreender mais. Era difícil comunicar com o hipnotizador, e ele não tinha forma de saber que eu estava a ver algo, embora não conseguisse falar sobre isso ou descrevê-lo.

Lutar para acordar novamente era sempre difícil. Havia muito para discutir, mas neste ponto eu iria fazer uma pausa na hipnose durante um par de meses. Isto foi imensamente frustrante no que dizia respeito à busca, mas ao mesmo tempo um certo alívio. O hipnotizador achava que eu deveria evitar ficar demasiado envolvida na experiência. Eu queria negar que fosse algo difícil de gerir, mas só mais tarde percebi o quão envolvida e afetada eu tinha estado.

Como sentia que precisava de fazer algo, continuei os meus esforços para investigar a família. Telefonei ao primeiro Sr. O'Neil a quem tinha escrito, pois não conseguia lidar com a falta de respostas. Não é da minha natureza pressionar as pessoas, por isso senti-me desconfortável com o assunto, mas as coisas acabaram por correr bem e ele foi bastante interessado e prestável.

«Ah sim, andámos a perguntar por aí e havia uma família na estrada de Dublim que poderia ter sido», disse ele.

«A estrada de Dublim?», respondi. «Não, tenho quase a certeza de que a família que procuro vivia na estrada para Swords, como no mapa que enviei.»

Ele disse que não conseguia situar bem as estradas no mapa, mas ofereceu-se para fazer algumas buscas. Senti que, se ele ia fazer algo por mim, eu tinha de ser honesta sobre os meus motivos. Por isso, em resposta à sua pergunta sobre a minha ligação à família, disse-lhe que era um pouco estranho e não era fácil de explicar — que o mapa e outros detalhes tinham vindo, em parte, de sonhos que eu tinha desde a infância.

Ele ficou muito calado e depois disse: «Está a brincar!»

Senti-me extremamente embaraçada e algo tonta, mas consegui explicar que, até agora, algumas coisas se tinham revelado corretas, como o mapa. Falei-lhe também sobre o bebé, o penúltimo filho, que tinha morrido à nascença. Ele teve a paciência de ouvir, mas com óbvias reservas. Os telefones nunca foram o meu meio preferido de comunicação. É muito mais fácil avaliar situações e respostas cara a cara e modificar explicações. Tinha escrito cartas porque sabia que no papel era mais fácil ter cuidado com o que dizia. Agora, ao telefone com o Sr. O'Neil, tinha sido apanhada desprevenida e começara simplesmente a falar sobre Mary, esquecendo que aquilo era algo fora do comum.

Comecei a sentir-me um pouco paranoica. Deveria ter antecipado a reação do Sr. O'Neil e, como ainda não tinha recebido resposta a nenhuma das outras cartas, imaginei todas as pessoas a quem tinha escrito na zona de Malahide a reunirem-se e a decidirem que tudo aquilo era demasiado bizarro para merecer qualquer resposta. Isto poderia comprometer investigações futuras.

Contudo, um dia ou dois depois, o Sr. O'Neil voltou a ligar. Tinha olhado novamente para o meu mapa desenhado à mão e verificado os detalhes contra um mapa das ruas de Malahide. Tinha achado o meu mapa mais preciso do que esperava, dado que tinha sido desenhado a partir de sonhos. Ofereceu-se novamente para ajudar e senti-me consideravelmente melhor por ter sido honesta com ele. Só o facto de estar ciente de que, após

a sua dúvida inicial, ele percebera que havia alguma verdade possível no que eu estava a fazer deu-me confiança.

Ao saber da existência do mapa das ruas de Malahide, escrevi imediatamente para o Posto de Turismo irlandês (*Irish Tourist Board*). Em breve estava a olhar para um mapa muito detalhado do local, e tudo o que eu sabia sobre ele saltou para um plano de maior destaque. Como anteriormente, o caminho-de-ferro e as igrejas estavam marcados. A estrada com a igreja que eu vira sob hipnose — bem como o talho — chamava-se na realidade *Church Road*! A estrada principal que corria de este para oeste era *The Mall*, tornando-se mais tarde a *Dublin Road* que seguia para sul em direção à cidade. O pontão para o estuário era claramente visível e Gaybrook — um nome que significava algo para mim, embora não tivesse a certeza do quê — era precisamente onde a cabana tinha estado.

O melhor de tudo, porém, é que agora eu tinha o nome da estrada de Mary. Não era Salmons, mas sim *Swords Road* (bastante óbvio, na verdade, pois levava à aldeia de Swords). No entanto, foi um enorme passo em frente e ofereceu uma grande esperança porque, embora fosse apenas uma aproximação (no sentido do S no início do nome), era o mais próximo que costumo conseguir chegar quando tento recordar nomes.

Agora conseguia ver como toda a minha abordagem para encontrar a família poderia mudar de direção. Em vez de confiar no apelido da família — sobre o qual eu estava muito insegura de qualquer forma — seria muito melhor voltar ao básico e tentar localizar a família que tinha vivido na primeira cabana à esquerda na *Swords Road*. Se, ao encontrá-los, os detalhes da sua história familiar parecessem encaixar, eu poderia passar a ver se alguma das suas memórias pessoais coincidia com as minhas. Era importante estar certa, por isso as correspondências teriam de ser extremamente boas antes de eu ou essa família ficarmos satisfeitos: sem a garantia do apelido correto, tudo o resto teria de se correlacionar até um ponto onde não pudesse haver dúvida.

Utilizando apenas as memórias da minha infância, queria primeiro descobrir quem tinha vivido na cabana cinquenta anos antes, e depois avançar cuidadosamente passo a passo. Como continuava incapaz de seguir esta linha de investigação pessoalmente, tive de pensar em formas de fazer perguntas à distância, e a quem as fazer.

Antes de mais, coligi todas as dúvidas que tinha e que poderiam ser facilmente respondidas, e elaborei uma espécie de questionário. Este incluía informação colhida do novo mapa das ruas, pois havia, naturalmente, muito mais estradas marcadas nele do que no meu mapa de infância. Presumi que as que ficavam perto da *Swords Road* pertenciam a urbanizações — teriam eles drenado os pântanos?

Esperava ser capaz de encontrar alguém que estivesse disposto e fosse capaz de localizar as respostas. Mas nunca gostei de pedir às pessoas que façam coisas por mim, por isso mantive a lista curta e simples. Se conseguisse algum tipo de pista, eu própria poderia assumir e fazer o grosso do trabalho. Pensei em quem poderia responder a algumas das perguntas — sociedades históricas locais, o *Rotary Club*, grupos de mulheres e o conselho local — ou talvez pudesse encontrar um voluntário. O questionário dizia o seguinte:

Poderá não ser possível responder a todas as perguntas, mas qualquer resposta encontrada será útil.

1. Existe alguma cabana ainda de pé na posição marcada no mapa anexo?

2. Se existir, qual seria a idade aproximada do edifício?

3. Existia uma cabana nessa posição na década de 1920?

4. Se existia, é possível descobrir o nome da família que lá vivia na década de 1920?

5. A julgar pelo estilo de habitação, é provável que as áreas habitacionais tenham sido construídas antes ou depois de 1940? *Seabury Millview Lawns Ard Na Mara*

6. Se for possível, poderia descobrir algo sobre a história de qualquer família que possa ter vivido na cabana na posição marcada no mapa fotocopiado de Malahide, e anexá-lo ao devolver este questionário? Creio que havia de cinco a oito filhos, e que a mãe, Mary, morreu em algum momento da década de 1930.

7. É possível dar uma descrição das três igrejas em Malahide?

Agradeço qualquer ajuda que possa dar para a minha busca. Compreendo que algumas das perguntas podem exigir mais trabalho do que o razoável, pelo que não espero que tudo seja respondido.

Enquanto decidia a quem enviar cópias do questionário, redigi um anúncio para o suplemento irlandês da *Mensa Magazine*, publicada pela *British Mensa Limited*, uma organização à qual eu pertencia desde 1988. Dizia o seguinte: «Necessita-se de ajuda para uma quantidade limitada de investigação de natureza invulgar na zona de Malahide.»

À medida que o meu entusiasmo crescia — parecia que finalmente estava a chegar a algum lado — tornava-me mais relutante em ser hipnotizada novamente. À medida que o momento se aproximava, sentia que não queria mesmo passar por aquilo outra vez. Como esta seria a última sessão, percebi que era necessário verificar as respostas e ver se eram as mesmas, mas estava reticente. A investigação em si não estava nem perto de terminada — de facto, mal tinha começado — mas poderia ser continuada sem passar por mais hipnose.

Comecei a encará-la como uma provação e perguntei-me se seria assim tão boa ideia continuar. No entanto, os preparativos tinham sido feitos e eu sabia que esta parte da investigação deveria ser concluída para ter algum valor. A pausa dera-me a oportunidade de me distanciar um pouco e ser realista sobre o efeito que a hipnose exercia sobre mim.

Surpreendentemente, descobri que estava mais relaxada do que o habitual, embora a sessão tenha sido confusa. Tratou-se de rever datas e nomes, pelo que houve muita mudança de lugar para lugar e de época para época. A maioria dos nomes era a mesma, mas houve algumas alterações — o suficiente para me deixar desconfiada em relação aos nomes em geral. A minha principal preocupação após a sessão era a de que eu poderia estar a recordar o que dissera anteriormente, em vez de estar a recordar dentro das próprias memórias.

Quando tudo terminou, senti-me como se tivesse sido deixada quase onde estava antes de a hipnose começar. Tinha uma família para encontrar, que vivia num local específico, sobre a qual tinha detalhes relativos à história pessoal, mas nenhuns nomes em que pudesse confiar, ou pelo menos nenhum apelido definitivo.

Talvez a maior dificuldade com a hipnose tenha sido o facto de eu querer descobrir mais sobre a Mary, enquanto o hipnotizador queria investigar a regressão hipnótica. O resultado de qualquer empreendimento onde existe um conflito de interesses, mesmo quando cada parte tenta ajudar a outra, é que nenhuma é servida particularmente bem. Não posso negar que me atirei à oferta da hipnose como uma mulher que se afoga: parecia uma oportunidade extraordinariamente valiosa a ser agarrada. Foi uma experiência que não esquecerei e que não quero esquecer, apesar da falta de detalhes concretos, como aquele apelido eternamente esquivo. O facto de outras memórias também terem sido examinadas foi de interesse e benefício.

A busca pela família de Mary teria ainda de assentar nos detalhes que me acompanhavam desde a infância. Teria sido possível realizar a investigação sem a hipnose, mas alguns dos detalhes que surgiram ajudaram a completar o quadro, e vários foram muito úteis para confirmar que eu sabia, de facto, coisas sobre a família que ninguém fora dela poderia saber. A hipnose também desempenhou um papel importante no aumento da minha motivação e confiança, sem as quais a busca poderia não ter sido possível.

Ainda não tinha recebido resposta a nenhuma das outras cartas enviadas aos O'Neil, nem do Registo Civil em Dublin. No entanto, conheci alguém de quem o Sr. Coulter falara — Colin Skinner, um amigo seu que estudava teologia em Dublin. Ele fora anteriormente professor de história com um forte interesse pela história da Irlanda e estava muito interessado em ajudar. Levou consigo para Dublin uma cópia do mapa desenhado à mão, todos os pormenores que eu conhecia sobre a família e onde viviam, e o questionário. Também lhe entreguei a descrição e o desenho da igreja que eu descrevera sob hipnose — aquela com a empena grande e com pedras de remate; continuava a pensar que seria ali que os registos da família poderiam estar guardados.

O Sr. Skinner perguntou se poderia usar as memórias como parte de uma tese para a sua licenciatura, uma vez que elas suscitavam uma série de ideias de interesse teológico. Isso não me preocupou, pois sempre aceitei de bom grado que existe uma variedade de visões e respostas para qualquer situação. O facto de ele analisar a informação e discuti-la do seu ponto de

vista só poderia ser benéfico, mesmo que viesse a verificar-se que ele era totalmente oposto às minhas crenças.

Também achei que era uma boa ideia partilhar a investigação, uma vez que uma verificação independente deixaria menos margem para erros ou interpretações erradas, dado que eu ainda estava incerta sobre tanta coisa e me questionava se teria realmente detalhes suficientes para prosseguir devidamente. Embora a confiança que os outros depositavam em mim ajudasse, também aumentava o meu sentido de responsabilidade em realizar a tarefa de forma adequada. Por vezes, sentia que a realidade de agora era tão frágil como aquelas memórias de ontem.

Depois, recebi uma resposta ao anúncio na revista do clube. Uma jornalista independente que vivia em Swords, a cidade vizinha de Malahide, respondeu dizendo que estava constantemente a fazer investigação e que um pouco mais não seria problema. Escrevi-lhe uma carta em resposta.

Cara -----,

Obrigada pelas suas ofertas de ajuda. Primeiro, peço-lhe que me desculpe por apenas poder oferecer despesas limitadas e não um pagamento propriamente dito.

Procuro algumas respostas ao questionário anexo na busca por uma família que viveu em Malahide. É difícil o facto de eu ainda não ter o apelido com qualquer certeza.

Além disso, antes de lhe pedir que faça o que quer que seja, para ser justa, devo explicar por que razão a investigação é invulgar, porque poderá sentir que prefere não se envolver. Trata-se de "investigação de memórias de vidas passadas", independentemente da forma como isso possa ser interpretado.

Se quiser ajudar, estaria disposta a explicar-me melhor, caso o deseje. Obrigada. Sinceramente sua, Jenny Cockell

Nunca mais tive notícias dela.

O tempo passava, faziam-se muito poucos progressos e havia pouco *feedback* dos novos contactos — e absolutamente nada de todos aqueles a quem eu tinha escrito. Ainda era possível que eu estivesse a investigar da forma errada, ou que estivesse a confiar demasiado em detalhes dados sob

hipnose — o duvidoso apelido, por exemplo. O que eu realmente precisava era de estabelecer contacto com alguém que tivesse vivido em Malahide durante vários anos e pudesse recordar-se das famílias que ali viveram nas décadas de 1920 e 1930. Idealmente, eu precisava de lá ir pessoalmente, mas, nesta altura, nem sequer podíamos permitir-nos férias em família, por isso tal visita estava fora de questão.

A espera era profundamente frustrante e deprimente, mas também havia um lado positivo. Tendo iniciado a busca após tantos anos a desejar fazê-lo, mas sem me sentir capaz, tudo tinha vindo à superfície e as memórias tinham-se aglomerado, empurrando tudo o resto para fora de perspetiva. E, tal como os problemas parecem mais fáceis após uma boa noite de sono, o tempo, como curador, deu-me uma melhor perspetiva sobre as memórias. Elas tinham-se acomodado na minha vida a um nível mais consciente, mas já não eram tão perturbadoras como tinham sido durante a regressão hipnótica. Conseguia lidar um pouco melhor com a espera. Não iria desistir, e pensaria no maior número de formas possível para concluir a busca, mas, entretanto, sentia-me mais capaz de continuar com a vida normal.

No entanto, apesar do meu otimismo, à medida que o final de 1988 se aproximava, comecei a abrandar. A hiperatividade — bem como o stresse da hipnose — tinha-me exaurido. O meu metabolismo mudou para uma marcha mais lenta e cansada e, ao começar o inverno, entrei num estado quase de hibernação. Sabia que pouco poderia ser feito durante vários meses porque não teria nem energia nem entusiasmo até ser aliviada deste surto de depressão. Foi o pior que me senti em muitos anos. Acabei por ter de recorrer, pela primeira vez na minha vida, à correção química através de medicação. Tinha atingido o meu ponto mais baixo.

5

Finalmente Malahide

Mesmo quando começava a pensar que a vida era um poço sem fundo de miséria negra, e que todas as minhas esperanças eram impossíveis de alcançar, algo mudou. Em janeiro de 1989, completamente do nada, foi-me oferecido muito mais trabalho — por parte de um podologista credenciado que se ia mudar. Há anos que eu tentava aumentar a minha carga de trabalho e, consequentemente, os meus rendimentos, mas tinha verificado

que o processo era lento. Continuava a trabalhar a tempo parcial para a Autoridade de Saúde, mas precisava de aumentar a vertente privada. Agora, subitamente, tinha uma oportunidade de avançar.

Num par de meses, durante os quais a minha depressão se dissipou lentamente e os meus rendimentos cresceram, uma coisa tornou-se clara: eu ia conseguir visitar Malahide. Depois de discutir o assunto com o meu marido, o dinheiro foi posto de parte e a viagem organizada para o primeiro fim de semana de junho. Com bastante antecedência, reservei voos de fim de semana baratos — de ida para Dublin, a partir do Aeroporto de Luton, na sexta-feira, dia 2, às 18h30, e de regresso às 16h30 de domingo, dia 4.

Reservei estadia num hotel modesto, o Grove, na extremidade leste de Malahide, que constava de uma lista enviada pelo Posto de Turismo da Irlanda juntamente com o mapa das ruas. Efetivamente, ia ter menos de dois dias em Malahide, mas não podia dar-me ao luxo de ficar mais tempo e, de qualquer modo, não queria estar longe da minha família por muito tempo.

Finalmente ia visitar o lugar onde Mary vivera — onde eu tinha vivido nas minhas memórias dela — e ter a oportunidade de ver algumas verdades confirmadas. Tinha imagens na minha cabeça que me acompanhavam desde a infância, e tinha ganho memórias e perceções adicionais nas sessões de hipnose. Agora seria capaz de ver por mim mesma.

Não fora apenas o dinheiro que me impedira de ir mais cedo, embora fosse um fator de peso — era também uma questão de justificar a despesa. Tinha de acreditar em mim o suficiente. Os sentimentos que me tinham dominado nos últimos anos, desde o nascimento dos meus filhos, e a hipnose durante o ano anterior, tinham sido necessários antes que eu pudesse aceitar que isto era mais do que uma procura infrutífera. Apesar dos percalços de saúde, à medida que ganhava confiança, também crescia na minha demanda. De repente, parecia haver uma espécie de sentido por trás de todos aqueles meses de tentativas, de espera em vão, e de toda a frustração e depressão subsequentes. Senti que tudo isto precisava de ter acontecido para criar em mim motivação suficiente para dar este passo psicologicamente enorme — e dispendioso.

Apesar da brevidade da visita, os benefícios potenciais eram óbvios. O principal, no que me dizia respeito, era que eu seria capaz de caminhar à

procura de detalhes e marcos específicos das minhas memórias originais ou que tinham sido descritos sob hipnose. Segundo, o facto de estar realmente lá poderia suscitar novas memórias para tornar o quebra-cabeças mais completo, e assim ajudar na busca pela família de Mary. Também seria capaz de tirar fotografias, o que poderia revelar-se útil. E poderia até conhecer alguém do meu outro passado...

Precisava de verificar muito mais do que aquilo que seria possível fazer num fim de semana, por isso tive de decidir prioridades e esperar cobrir as áreas mais importantes. Não haveria tempo para verificar registos ou nomes — e, claro, continuava sem estar confiante quanto ao apelido O'Neil. Em todo o caso, os locais que poderiam conter registos — repartições municipais, bibliotecas locais e assim por diante — estariam muito provavelmente encerrados durante o fim de semana.

Dava por mim constantemente a repassar mentalmente os locais que precisavam de ser vistos e registados, e escrevi inúmeras listas. A casinha em Swords Road era a primeira prioridade, pois ocupava um lugar dominante na minha memória. Comecei até a ter sonhos com ela — que tinha sido derrubada e que apenas restavam os alicerces, escondidos sob tufos de erva e botões-de-ouro. Curiosamente, havia sempre pessoas comigo durante estes sonhos — por uma vez, não estava sozinha.

A igreja em Church Road era a segunda imagem mais clara na minha mente; esperava compará-la com a minha imagem mental e com o desenho que tinha feito e copiado para o estudante de teologia. O talho, o pontão e a estação de comboios eram outros elementos do meu conhecimento mental de Malahide. Parecer-me-ia o resto da aldeia tão familiar?

Tinha esperado a vida inteira para poder fazer esta viagem — para os padrões de muita gente, uma viagem muito curta. Temia o fracasso ou a desilusão, mas também o sucesso. Percebi que o sucesso poderia trazer os seus próprios problemas e stresse para mim e para a família, caso fossem encontrados. O que eu esperava alcançar eram respostas parciais e limitadas, mas também muitas mais perguntas. Tive de me dissuadir de ser inundada por demasiada esperança ou expetativa.

O stresse pode causar doenças físicas. Durante a semana que antecedeu a viagem, sofri uma recorrência grave de um problema nas costas; durante vários dias apenas consegui rastejar uma curta distância

com dores consideráveis e era totalmente incapaz de me pôr de pé. Como o fim de semana em Malahide envolveria caminhar muito, esperava ter de cancelar os meus planos. No entanto, após uma noite particularmente dolorosa e sem dormir, a maior parte da qual passada no chão a forçar a minha coluna contra a superfície dura, consegui novamente pôr-me de pé.

Isto foi na quinta-feira, o dia anterior ao voo. Algo estranho acontecera enquanto eu jazia no chão: o cansaço e a dor tinham-me elevado a um estado de espírito peculiar, ligeiramente distanciado. Senti, de forma fatalista, que, se estivesse destinada a ir à Irlanda, conseguiria pôr-me de pé de manhã. Se não conseguisse, teria de aceitar que a viagem não deveria realizar-se e que a busca pelos filhos de Mary não era para prosseguir. Por isso, quando vi que conseguia estar de pé, tomei isso como uma confirmação de que estava a fazer a coisa certa.

Nesse dia, obtive alguma medicação do médico, seguida, no dia seguinte, pelos serviços de um fisioterapeuta que me manipulou para que eu pudesse caminhar um pouco. Não admiti a nenhum dos dois que planeava voar para a Irlanda no fim de semana mas, após o exercício, estava minimamente apta a carregar uma mala pequena e a permanecer sentada durante algum tempo. Não estava confortável, mas não ia perder esta oportunidade.

O avião atrasou-se. Não voava há dezasseis anos e tinha-me esquecido do que era esperar num átrio de aeroporto movimentado pelos anúncios dos voos. No meu nervosismo e entusiasmo, meti conversa com o jovem ao meu lado. Talvez tenha sido bom que ele estivesse feliz por conversar, pois poderia facilmente ter estragado a sua viagem se ele esperasse um voo sossegado. Eu não conseguia acreditar que finalmente estava a fazer a viagem e, por isso, queria partilhar com quem quer que estivesse disposto a ouvir os sentimentos e emoções que fervilhavam na minha mente: exteriorizar ideias torna mais fácil colocá-las em perspetiva.

O taxista no aeroporto de Dublin não fazia ideia de onde era o hotel ou a rua, por isso dirigi-o a partir do mapa. Não era longe do aeroporto até Malahide e a viagem levou apenas cerca de dez minutos. Ele conduziu primeiro para Swords e depois virou à direita em direção a Malahide, ao longo da mesmíssima estrada em que eu sentia que a família tinha vivido. Era uma noite sombria e húmida, mas isso pouco importava, pois eu estava tão entusiasmada com toda a aventura. Ao passarmos por uma ponte

pequena — sobre o meu riacho? — esforcei-me para ver se restava algum edifício antigo que pudesse possivelmente ser a casinha que eu queria encontrar. Vislumbrei brevemente uma candidata provável, no lado direito da estrada e no estilo e posição esperados. Mas houve pouco tempo para olhar para trás através do vidro traseiro encharcado pela chuva, enquanto ela desaparecia de vista.

Quando o táxi chegou ao hotel era o crepúsculo e, na altura em que tomei café e comi umas sanduíches, estava completamente escuro. Por isso, apesar do meu entusiasmo avassalador, não valia a pena tentar fazer nada naquela noite. Fui para a cama com o corpo rígido, mas dormi muito pouco. Estava finalmente em Malahide!

Na manhã de sábado, saí bastante cedo. Não havia funcionários no hotel e, como não queria incomodar ninguém nem esperar que se levantassem e destrancassem a porta principal, saí pela porta lateral. Esta trancou-se automaticamente atrás de mim, por isso eu sabia que demoraria algum tempo até poder regressar. Com uma mochila às costas contendo sanduíches, máquina fotográfica, caderno e mapa, parti ansiosamente. O ponto de referência mental mais próximo era o pontão, por isso saí de Grove Road para James Terrace.

O pontão propriamente dito revelou-se bastante moderno, mas poderia ter substituído um mais antigo. Era feito de betão, enquanto o pontão da memória era de tábuas de madeira. Um pequeno barco de pesca estava ali atracado e um pescador estava a organizar algumas armadilhas. A linha costeira curvava-se para leste, saindo do estuário em direção ao mar aberto. Estava perturbadoramente consciente de uma sensação de familiaridade forte e ridiculamente reconfortante e, embora lutasse para permanecer objetiva, estava consciente da necessidade de detalhes que pudessem ser confirmados. Enquanto ali estava, recordei mais uma vez a espera ao crepúsculo, envolta insuficientemente num xaile preto enquanto a brisa fria do mar soprava para o interior. Continuava sem me conseguir lembrar da pessoa por quem esperava. Muitas vezes tinha racionalizado para mim mesma que talvez o pai ou o marido de Mary estivesse no mar, embora essa perceção não estivesse realmente presente ou fosse muito forte.

Tinha pensado que, se o marido fosse marinheiro ou pescador, isso explicaria por que razão ele passava tanto tempo fora de casa. Mas, enquanto ali estava, essa ideia simplesmente não me pareceu correta, e

comecei a pensar que não era por ele que eu me lembrava de estar à espera. Era importante não interpretar as memórias, mas apenas aceitar os fragmentos tal como se apresentavam e tentar encaixar as peças quando as partes em falta surgissem.

No entanto, as sensações não iriam bastar; eu tinha de tentar encontrar algo mais substancial, se possível, por isso segui em frente. Procurei os portões de madeira de que me lembrava, mas parecia não haver rasto deles. Perguntei-me se teria a sua localização errada na minha cabeça. Virei depois à esquerda para a Church Road, que tinha mencionado sob hipnose e marcado nos meus mapas de infância. Era a estrada de norte a sul no centro de Malahide, e eu sabia que havia uma série de lojas na extremidade norte da mesma. A maioria dos edifícios era antiga e muitos tinham sido, obviamente, lojas durante bastante tempo. Mas fora apenas sob hipnose que eu descrevera o talho, que ficava no lado oeste, cerca de segundo ou terceiro a contar da esquina na extremidade norte.

Ao olhar para o outro lado da rua, ficou bem claro que ainda existia um talho na mesma posição. Era construído em pedra e de certa idade — certamente antigo o suficiente para estar de pé na época de que eu me lembrava. A fachada tinha sido rebocada, mas o reboco estava a começar a lascar nos cantos, revelando a pedra envelhecida por baixo. As janelas mais antigas tinham sido substituídas por grandes janelas modernas, mas, de resto, parecia virtualmente o mesmo. Quando perguntei na loja há quanto tempo era um talho, disseram-me que pensavam que deveria ser há, pelo menos, sessenta anos.

Subitamente, o meu entusiasmo e otimismo subiram ao rubro com esta confirmação de que ele ali estivera no tempo de Mary, além do simples facto de eu o ter descrito, bem como à sua localização, com precisão e de o ter reconhecido. Não esperava encontrar algo tão exato como isto. Talvez me tivesse habituado tanto a não conseguir fazer nada para localizar a família que o meu nível de expetativa tivesse baixado demasiado. Mas agora ali estava eu, a olhar para um edifício real que, até este momento, só tinha visto com a minha mente. O alívio surgiu em mim.

Enquanto ali permanecia, com o coração a bater e a adrenalina a correr-me nas veias, vieram-me pensamentos de Mary a fazer compras. Por que razão me lembrava do talho, não sei bem, pois nunca havia dinheiro suficiente para comprar carne lá. Qualquer carne que tivéssemos era

geralmente coelho ou aves selvagens apanhadas nas armadilhas que as crianças armavam nos campos. Enquanto a minha mente percorria a memória de cozinhar um guisado que continha mais batatas do que carne, senti um frémito de medo de que não ficasse pronto a tempo. A tempo de quê?

Reprimindo a memória — por que seria de medo? — decidi avançar pela Church Road e ver se conseguia reconhecer a igreja. A primeira de três a verificar, ficava no lado oeste, o mesmo lado do talho. Enquanto caminhava, senti uma sensação avassaladora de que aquela era uma estrada percorrida regularmente na vida de Mary; os edifícios mais antigos pareciam muito familiares. E quando cheguei à igreja propriamente dita, parei, enfeitiçada.

Sob hipnose, eu dera uma descrição bastante detalhada do exterior do edifício — e mais tarde tinha-o desenhado — mas, com a minha habitual falta de confiança, antecipara apenas uma vaga semelhança. Mas aqui, diante de mim, estava a grande empena que eu descrevera, plana e sem ornamentos, com pedras de remate ao longo do topo e um pilar integral em cada extremidade encimado por uma pedra. À frente estava um painel de avisos.

Este não era o antigo de madeira de que eu me lembrava, mas poderia facilmente ter sido um substituto numa posição semelhante. As partes da igreja que eu não tinha descrito eram as mais afastadas da estrada, que só ficavam devidamente à vista quando se entrava. Isto aumentou a minha sensação de que era um edifício pelo qual se passava regularmente, em vez de se entrar. Mas para onde estaria Mary a ir? Tanto quanto me conseguia lembrar, havia pouco de interesse na vida dela naquela direção.

A igreja — St Andrew's — era da Igreja da Irlanda, tal como eu esperava, e por isso não teria sido a que Mary frequentava, nem seria onde estariam quaisquer registos da família. A empena vista da estrada era quase uma fachada falsa e era certamente uma adição estrutural invulgar que, tendo sido descrita em detalhe, bem como desenhada, e a sua posição marcada em mapas, representava uma confirmação maravilhosa da exatidão das minhas memórias. Vi-me a tremer de entusiasmo. Agora podia aceitar muito mais detalhes do que até então. Podia relaxar mais, porque os sonhos, as memórias e as imagens libertadas pela hipnose tinham provado

ser reais e, por isso, havia uma hipótese muito forte de eu conseguir localizar as crianças.

Mal podia esperar para me dirigir ao caminho onde ficava a casinha. Sem pensar, virei à esquerda, esperando subconscientemente poder usar um atalho que sabia existir ali. Mas, ao olhar ao longo da lateral da igreja, percebi que as coisas tinham mudado. Havia um portão fechado, com uma casa mais atrás no campo, conferindo ao local um aspeto muito privado. Duvidei que aquela rota ainda fosse uma passagem pública. Em vez disso, voltei atrás pelo meu caminho subindo a Church Street, com a intenção de verificar as outras igrejas e a estação no caminho para a Swords Road.

A primeira igreja a que cheguei foi a grande igreja católica, St Sylvester's, que era impressionante e ornamentada, com um jardim e uma entrada ampla e majestosa. Como sempre pensara em Mary como sendo católica, esperava reconhecê-la, mas tal não aconteceu. Lembro-me de caminhar para a igreja como Mary, e das pessoas, por isso talvez o edifício tivesse sido menos importante do que o evento. Parecia ter uma memória de estar a conversar em frente a uma igreja antes de entrar para o serviço, por isso poderia ter sido ali. Não havia espaço em frente a St Andrew's para a quantidade de pessoas que me lembrava de ali ver reunidas.

Fiquei, hesitante, em frente à igreja onde sabia que Mary tinha prestado culto. Quis entrar, e claro que deveria tê-lo feito, mas uma série de coisas impediu-me. Era tão grande, as pessoas entravam e saíam num fluxo constante e, francamente, senti-me intimidada e deslocada. Não só tenho medo de grandes multidões, como não queria interromper o serviço que obviamente estava a decorrer.

E o padre estaria totalmente ocupado, de qualquer forma. Esta igreja pertencia ao meu tempo passado, eu já não fazia parte daquela fé e sentia que a verdade das minhas memórias não poderia ser aceite ali. Pois, no século VI, tornou-se parte da doutrina católica que a crença na reencarnação era heresia. Na minha necessidade desesperada de respeitar as crenças dos outros, não senti que pudesse ser bem-vinda ali.

Sabendo que talvez estivesse a perder uma oportunidade enorme, afastei-me e continuei a caminhar por The Mall em direção ao ponto onde esta se tornava a estrada de Dublin. Passei pela estação de comboios, cuja visão não me causou surpresa: era tal como eu a descrevera, recuada em

relação à estrada. Não houve aqui uma sensação de familiaridade realmente forte, apenas a sensação de estar correta. A terceira igreja, alguns metros mais à frente, era uma pequena e muito bonita igreja presbiteriana, recuada em relação à estrada. Era bastante recente e certamente não estaria ali na década de 1920.

Agora, finalmente, podia focar-me na casinha, e caminhei quase uma milha até ao início da Swords Road, onde sabia que ela tinha estado. O caminho começava tal como eu me lembrava, pelo menos do lado esquerdo. O lado norte, à direita, estava coberto de novos empreendimentos habitacionais, os mais antigos datando provavelmente da década de 1950. E o posto de gasolina na esquina eu não esperava de todo. O lado esquerdo do caminho era ladeado por sebes e árvores antigas durante cerca de cem metros; depois a estrada alargava e havia um novo empreendimento habitacional construído na década de 1960 ou por volta dessa altura.

Depois destas casas, as sebes regressavam e senti-me muito mais confortável. Atrás da sebe havia muitas árvores e, pelo meio, restos de um antigo muro de pedra. Este já não tinha a altura do que eu recordava, e as secções eram curtas e estavam a cair. Havia uma pequena abertura do tamanho de um portão com os restos de pilares de pedra, mas eu estava confusa com as mudanças e sentia-me incerta. Mais tarde, fiquei mais segura de que aquilo era tudo o que restava para eu encontrar, mas naquele dia ainda estava a procurar e a esperar encontrar a casinha de pé.

Durante um pouco, fiquei junto a estes restos tentando lembrar-me de como fora e se aquele era o local, mas a minha mente não conseguia lidar com a diferença entre o que eu conseguia recordar e o que estava lá agora. O caleidoscópio das minhas memórias continha geralmente uma imagem detalhada e aparentemente completa da casinha e dos seus arredores, mas na realidade não havia nada. Senti uma pontada de desilusão. Talvez os meus sonhos de apenas alicerces estivessem a dizer-me a verdade.

No lado oposto da estrada havia uma sebe antiga e um prado pantanoso remanescente; talvez tivesse sido demasiado húmido para drenar e construir. O riacho ainda corria pelo prado, por isso eu sabia que estava no sítio certo — o riacho ficava sempre a oeste da casinha. Por isso estava grata, pois tinha desejado tanto ver coisas que pudesse reconhecer. Fiquei a olhar para o fio de água no qual o riacho se tinha degenerado, e os meus pensamentos voltaram-se para as crianças, particularmente para a rapariga

mais velha, que ajudava sempre Mary de forma tão paciente e voluntariosa — indo buscar água aqui, por exemplo, talvez a uma bomba. Senti o familiar lampejo de ansiedade por ela — teria ela tido de assumir o papel de mãe após a morte de Mary, abandonando todas as suas esperanças de educação e de uma vida melhor?

Esperando contra toda a esperança, atravessei a ponte sobre o riacho e aproximei-me do edifício antigo que vira fugazmente do táxi na noite anterior. Uma parte de mim queria tanto que aquela fosse a casinha. Era o primeiro edifício antigo à esquerda, a distância ao longo do caminho estava mais ou menos correta e também ficava de lado para a estrada; mas algo no fundo da minha mente continuava a dizer-me que não estava bem certo. A configuração do terreno neste ponto estava errada, e havia diferenças no edifício, que estava a ser usado como celeiro. Também parecia estar demasiado perto do entroncamento com a estrada secundária.

No entanto, como era a minha única pista real, aproximei-me para procurar alguém com quem falar. Havia uma quinta logo a seguir, que não parecia demasiado moderna, mas quando atravessei a estrada e entrei no pátio fui enxotada por dois cães de quinta de bom porte que não tinham qualquer intenção de deixar ninguém aproximar-se. Devo admitir um certo nervosismo perante cães, por isso tirei algumas fotografias e decidi tentar pedir informações mais tarde por carta: alguém poderia viver ali que pudesse ajudar. O caminho tinha mudado muito mais do que eu esperava e, como aquele era o único edifício antigo, poderia ser a casa de alguém que tivesse vivido ali na década de 1920.

Caminhar de volta por Malahide até ao hotel foi, ao mesmo tempo, avassalador e dececionante. A área estava cheia de empreendimentos habitacionais recentes, típicos de qualquer lugar a uma distância de fácil deslocação pendular para uma grande vila ou cidade. Isto tornava mais difícil ver como o lugar poderia ter sido; tão pouco do que eu recordava permanecera intacto.

Passei de volta pela igreja católica para ver se seria mais familiar quando abordada pela direção habitual — vindo da casinha. Mas não despertou quaisquer ecos de memória, e continuava a intimidar-me, e perguntei-me, no entanto, se a fachada teria mudado nos cinquenta anos que decorreram, ou coisa parecida: os relvados poderiam outrora ter sido um cemitério, e a entrada para carros parecia certamente nova.

Ao regressar pela estrada de Dublin, começou a cair uma chuva miúda, refrescante e suave. Uma confusão de pensamentos atropelava-se na minha cabeça e, enquanto tentava dar-lhes algum sentido, uma nova sensação de calma e felicidade cresceu. Do outro lado da rua, em frente ao talho, havia um café onde uma bem-vinda chávena de café me fez companhia enquanto começava a escrever algumas notas sobre as descobertas da manhã.

O facto de eu ter sido capaz de caminhar pela aldeia como se a conhecesse, com a memória de como ela era e o presente estando estranhamente combinados, não parecera extraordinário. Eu conhecia, de facto, a aldeia, embora só tivesse esperado reconhecê-la em parte.

Quando regressei ao hotel à hora do almoço, fui ao bar e pedi umas sanduíches, que me foram trazidas a seu tempo por um homem de constituição robusta na casa dos trinta anos. De forma amigável, perguntou se eu estava de férias e dei por mim a abrir-me com ele. Assim que comecei a falar, experimentei uma grande necessidade de desabafar. Sentindo-me eufórica com o que encontrara, comecei a explicar que estava ali para fazer alguma investigação pessoal e que estava a dar seguimento a um sonho. Disse que tinha memórias de uma vida em Malahide e que desenhara mapas da área desde a primeira infância. Ele perguntou se eu já tinha estado em Malahide antes e respondi que era a minha primeira viagem. Depois esbocei a história das memórias e falei-lhe das coisas que tinha conseguido confirmar. Ele ficou bastante fascinado e interrompeu um par de vezes para me fazer perguntas como: «Haveria uma ligação familiar?» ou «Como é que acha que pode saber estas coisas?». Pela forma da sua conversa, parecia que era perfeitamente capaz de aceitar que havia algo de muito real e invulgar naquela investigação.

Depois, preocupei-me por ter sido demasiado aberta, mas logo percebi que a nossa conversa tinha as suas vantagens — constituía uma espécie de prova da minha busca. Todas as cartas de indagação, também, que tinham parecido uma tal perda de tempo no ano anterior, seriam evidências do que eu estava a tentar. Retrocedendo mais na minha mente, apercebi-me de um calendário de eventos e interações que também poderia ser útil do ponto de vista de prova. Perguntei ao meu confidente no hotel se ele teria alguma objeção em confirmar o conteúdo da nossa conversa, caso alguém precisasse de verificar a minha visita, e ele não teve. Isto provavelmente

não seria necessário, mas senti que todas as possibilidades deveriam ser acauteladas.

Durante o resto da tarde deambulei por Malahide, olhando novamente para os lugares que reconhecia, deixando a minha mente filtrar a informação, esperando que novas imagens ou memórias semiesquecidas surgissem. Passou-me pela cabeça que poderia ter procurado uma sepultura, ou sepulturas, mas não tinha a certeza de onde Mary poderia ter sido enterrada — teria sido em Malahide? — e, mais uma vez, não tinha a certeza de que o apelido que eu tinha, O'Neil, estivesse correto.

Quando telefonei para casa, o meu marido disse: «Suponho que já encontraste tudo e queres vir para casa agora.» Eu não me dava conta de quanta confiança ele tinha no projeto. Ele esperava que eu fosse capaz de encontrar tudo conforme descrito, porque tantas das coisas anteriores se tinham provado corretas.

A maior parte do resto do fim de semana parece ter sido passada a caminhar, a observar, a sentir e a recordar. Provavelmente tinha caminhado um pouco demais porque a dor nas costas, que estivera sob controlo, regressou. Agora apenas sentia falta da minha família e queria estar de volta com eles. Fiquei contente quando chegou a hora de chamar um táxi para me levar ao aeroporto. Sabia que, quando regressasse, haveria imenso trabalho a fazer e estava ansiosa por começar.

O que aconteceu durante a minha visita a Malahide foi importante. Finalmente tinha visto e tocado em algumas das coisas que até então tinham sido apenas imagens na minha mente; tudo subitamente se tornou muito real e, de certa forma, mais válido. Finalmente senti que havia confirmação suficiente para eu poder confiar em mim mesma e avançar a sério. Eu não tinha consciência de que tinha tão pouca crença em mim. Aqueles que me são próximos tinham visto isto, e fora o seu apoio, a sua crença em mim, que me tinha mantido no caminho.

Eu estava num portal entre a memória e a realidade, onde ficava claro, finalmente, que a única lacuna entre as duas era de tempo — ambas reais, mas em tempos diferentes. Uma tensão dentro de mim tinha-se dissipado rapidamente e fora substituída por confiança, um sentimento muito necessário. Toda a viagem fora sobre sentimentos — ser-me permitido curar. Era quase como se eu tivesse sido atingida na cabeça por tudo o que

me rodeava e me tivessem dito: «Claro que está tudo aqui! Agora continua o trabalho e para de te preocupar!»

Durante as semanas que se seguiram, a minha necessidade de exteriorizar e falar com toda a gente sobre a experiência trouxe uma resposta surpreendentemente positiva. As pessoas queriam ouvir sobre o assunto e estavam interessadas — o que provavelmente foi bom, pois iam ouvir sobre isso de qualquer maneira! Mas eu também precisava de ver se era possível discutir o projeto sem fazer com que os outros se sentissem desconfortáveis devido às suas próprias crenças. A maioria de nós leva muito tempo a formular as suas visões do mundo, e não me cabia a mim tentar minar aquelas que as outras pessoas detinham.

O encorajamento e o apoio foram tão reconfortantes que me senti capaz de discutir aspetos anteriormente não vocalizados por parecerem demasiado extremos. Subitamente, nada do que eu tinha mantido meio oculto por medo precisava de ser escondido por mais tempo. As ideias e teorias envolvidas na reencarnação eram um caso paradigmático. Ocorreu-me que deveria haver uma forma de apresentar o fenómeno de modo a que ele pudesse ser compreendido dentro de estruturas pessoais. Um dia, eu poderia ter de falar sobre isto com a família, com os filhos de Mary. Era importante para mim aprender a ser o mais gentil e justa possível, por isso, toda a discussão sobre o assunto servia de prática.

Normalmente, a forma como as pessoas poderiam reagir às minhas ideias ou pensamentos não era de grande importância para mim, a menos que houvesse o risco de as perturbar. Mas senti que era essencial descobrir como contactar a família sem melindrar ninguém, particularmente porque aquelas pessoas me importavam tanto. As discussões internas e externas eram um prelúdio para enfrentar os filhos de Mary com a maior consideração possível, caso tivesse a sorte de os encontrar.

Comecei agora a pensar em como me poderia apresentar a eles, ou se, de facto, deveria sequer fazê-lo. Perder um progenitor e o medo de ser abandonado contam-se entre os maiores receios que uma criança pode ter. Estas pessoas tinham sofrido tal perda na infância que eu bem poderia sentir que não tinha o direito de lhes causar mais qualquer inquietação. No entanto, onde residia a minha responsabilidade? Seria justo mencionar a reencarnação logo de início, ou deveria tentar deixar que eles desenvolvessem os seus próprios sentimentos sobre tudo isto sem

mencionar os meus? Questões que não me tinham incomodado antes pareciam subitamente muito importantes, e a responsabilidade parecia enorme.

Contudo, a minha recém-adquirida confiança não podia ser abalada, e fazia-me sentir um parentesco mais próximo com os outros. A consideração pelas necessidades alheias parecia ainda mais importante, e eu sabia agora que a busca pelos filhos de Mary podia realmente começar. Algures, havia pessoas que poderiam responder às minhas perguntas e conduzir a respostas. Tinha-se atingido um ponto onde não haveria volta atrás.

Capítulo 6

Busca pelos Meus Filhos

Neste ponto da busca — por volta do outono de 1989 — eu presumia que descobrir a família de Mary seria um processo longo. Por acaso, esta suposição estava errada. Do simples reconhecimento de que eu não estava a usar todos os recursos disponíveis, adveio o sucesso. Uma vez que pertencia à Mensa, podia contactar outros membros geograficamente melhor posicionados do que eu, e eles talvez pudessem descobrir o que eu precisava de saber. Assim, escrevi duas cartas para membros listados como residentes perto de Malahide, e fiquei tão surpreendida quanto encantada quando ambos responderam. Um, em particular, conseguiu dar-me o nome do proprietário do edifício antigo que eu vira ao longo da Swords Road, um Sr. Mahon.

Escrevi-lhe imediatamente, perguntando sobre o edifício — se estava lá há muito tempo; se alguma vez tinha sido usado como casinha; e se ele se lembrava de uma família, que tivesse vivido numa casinha naquele caminho, que tivesse cinco ou mais filhos e cuja mãe tivesse morrido na década de 1930. A sua resposta chegou bastante depressa. O edifício fora erguido na década de 1930 pelo seu pai, após o período que eu estava a investigar. Tinha sido sempre usado como celeiro. Ele também me deu detalhes das casas na Swords Road naquela altura — uma mera aldeia, rotulada no mapa como Gaybrook.

(Era obviamente por isso que o nome me parecia tão familiar, embora intimamente eu sempre soubesse que era ali que Mary tinha vivido.) Ele

não especificou se a casa sobre a qual eu perguntara era a primeira à esquerda, mas disse que aquela era a única no caminho com um grande número de filhos, e que aquela era a única família cuja mãe tinha morrido na década de 1930.

Sentindo que as peças do quebra-cabeças estavam a começar a encaixar-se, enviei apressadamente uma segunda carta na qual comuniquei mais alguns detalhes, tais como o nome Mary. Perguntei se o Sr. Mahon sabia alguma coisa sobre o marido, e o que tinha acontecido às crianças. Se estes detalhes também coincidissem, percebi que as probabilidades de esta ser a minha família da vida passada aumentavam grandemente. A minha principal esperança, porém, era que o Sr. Mahon me pudesse dizer o apelido da família.

Enquanto esperava impacientemente pela sua resposta, Colin Skinner — o estudante de teologia sediado em Dublin — contactou o nosso amigo comum, o Sr. Coulter, para relatar o seu progresso. Ele tinha encontrado a igreja em Malahide da qual eu lhe dera uma descrição e um desenho. Aparentemente, tinha-a reconhecido imediatamente, o que me encantou. Era um pouco de concordância independente, algo que eu esperava. (Ficava cada vez mais contente por ter envolvido outros, embora tivessem existido nomes duvidosos e alguma confusão nas fases iniciais.) No entanto, como esperado, o Sr. Skinner não tinha avançado mais com a investigação na igreja propriamente dita, pois, como eu já sabia, St Andrew's não era aquela onde os registos da família de Mary eram guardados.

E, como eu viria a descobrir em breve, O'Neil não era o nome da família. Isto significava que o Sr. Skinner tinha estado a procurar registos na igreja errada sob o nome errado. No entanto, encontrar a igreja tão substancialmente semelhante a um desenho que ele sabia que eu fizera com base em sonhos tinha reacendido o seu entusiasmo, e ele também tinha andado a escrever cartas de indagação.

Não muito tempo depois, recebi uma segunda carta do Sr. Mahon da Swords Road. Para minha alegria, ele conseguia lembrar-se dos nomes de todas as famílias que tinham vivido naquela estrada na década de 1920, e enviou-me uma lista. Havia um total de dezanove que viviam numa área de uma milha na estrada de Malahide para Swords. Ele deu detalhes sobre a família que mencionara antes e estes pareciam notavelmente — e

assustadoramente — semelhantes ao nome da minha memória. Parte da sua carta dizia:

Relativamente à mãe que morreu na década de 1930 — era a Sra. SUTTON. Creio que o seu marido foi um soldado britânico na guerra de 1914-18. Após a sua morte, os filhos foram enviados para orfanatos — mais tarde, a sua filha mais velha, MARY, regressou ao lar. Creio que o marido regressou ao Reino Unido para treinar soldados, 1939-45. Os seus filhos frequentaram as escolas católicas romanas, mas talvez o pai fosse membro da Igreja da Irlanda.

Finalmente eu tinha o nome! Isto pareceu-me ser um passo enorme em frente. A carta também me esclareceu sobre muitas coisas que me tinham deixado intrigada. Por exemplo, eu sempre sentira que o marido de Mary era um estranho ao meio, e que tinha tido algum envolvimento na Primeira Guerra Mundial. Como a Irlanda fora neutral nessa altura, pouco antes da partição, eu questionara-me se ele teria sido um voluntário. No entanto, se ele fosse um soldado britânico, isso poderia explicar a ligação.

O facto de os filhos terem sido colocados em orfanatos quando a mãe morreu não era uma notícia tão boa. Podia agora compreender que tinha tido boas razões para me preocupar com o bem-estar deles. A carta dizia "orfanatos" no plural, o que provavelmente significava que eles foram separados nesta altura traumática. Por que razão o pai não tinha mantido a família unida?

Embora eu tivesse sempre sentido que ele não desempenhava um grande papel no cuidado dos filhos, nem no pensamento de Mary sobre o futuro das crianças, não acreditava que ele pudesse ter ficado apenas a assistir e permitido que eles fossem levados. Lembrava-me de que havia necessidade de as crianças estarem quietas quando ele regressava a casa do trabalho — ele queria paz após os seus labores — mas certamente ele não os teria deixado ir?

De certa forma, comecei agora a sentir-me pior. Se esta era a família que eu procurava — e a coincidência era tão inacreditavelmente enorme que senti que tinha de aceitar que provavelmente era — sentia-me impotente. Toda a minha vida tinha sido passada a preocupar-me com as crianças, e a realidade era que a preocupação em si não tinha qualquer utilidade. Ao mesmo tempo, havia algum elemento de alívio. Um dos meus

medos mais constantes fora pela filha mais velha, que eu agora sabia que também se chamava Mary.

Ela era tão gentil e voluntariosa a ajudar que eu tivera medo que se esperasse que ela assumisse o comando e cuidasse dos outros. Se tivessem ido todos para orfanatos, ela também teria sido cuidada, pelo menos durante algum tempo até regressar a casa. Parecia um desfecho preferível. O sentimento de alívio, porém, parecia ser maior do que apenas a preocupação por ela, o que eu não conseguia compreender de todo na altura, e não compreendi totalmente até muito mais tarde, quando as peças finais do quebra-cabeças estavam a ser encaixadas.

Sentia agora um enorme sentido de determinação. O elemento mais forte era o de uma responsabilidade maternal, no sentido em que eu devia agora encontrar todas as crianças, apesar de terem passado quase sessenta anos. Mas havia também uma grande preocupação. Eu não queria causar-lhes qualquer tipo de perturbação. Sentia-me protetora, mas chegar até eles com a minha história poderia fazer mal. Queria ajudar, não magoar. Perguntava-me se isso seria possível.

Verifiquei todos os detalhes adquiridos até agora com os listados a partir das memórias, para ter a certeza de que havia realmente uma correspondência e para confirmar a sua extensão. Verificar e reverificar era essencial. Isto continuaria à medida que cada nova prova chegasse, porque era importante permanecer tão crítica e objetiva quanto possível. Seria demasiado fácil aceitar uma correspondência por necessidade: tinha de ser feito corretamente. Seria preciso coragem para fazer uma abordagem mesmo em circunstâncias normais de investigação genealógica, mas não havia forma de estas poderem ser consideradas circunstâncias normais.

Respondi ao Sr. Mahon, expressando os meus agradecimentos pela sua amável ajuda. Também senti ser necessário, neste ponto, explicar-lhe exatamente o que eu estava a tentar fazer, e porquê. Ele poderia decidir que não queria ajudar mais, mas eu não desejava enganar ninguém, mesmo que contar a verdade resultasse em tornar o trabalho mais difícil para mim. No entanto, eu tinha outro motivo. Este homem obviamente conhecia a família e parecia ter crescido com os filhos. Poderia tornar mais fácil para a família ajustar-se à ideia de mim e das minhas memórias se houvesse alguém com quem pudessem falar sobre o assunto.

Por uma vez, o tempo parecia quase irrelevante. Raciocinei que me tinha preocupado durante quase trinta e seis anos — toda a minha vida — e, mesmo que levasse a paciência de mais alguns anos, não me deveria preocupar. É estranho como, por vezes, nada parece correr bem e tudo é uma luta e, depois, noutras alturas, tudo avança vertiginosamente. Este era um tempo em que as coisas estavam, pelo menos por algum tempo, a avançar a uma velocidade vertiginosa.

Tendo finalmente obtido o apelido correto, era altura de pesquisar novamente os registos. Primeiro fui à biblioteca local, mas fui inicialmente frustrada porque faltava a lista telefónica de Dublin. Isto implicava uma viagem à biblioteca principal mais próxima, a cerca de quinze milhas de distância — pelo que o que deveria ter sido um salto rápido tornou-se uma expedição muito mais demorada.

Isto deu-me tempo para pensar, no entanto. Eu pretendia procurar o apelido que agora tinha e listar todos os que na área de Dublin o possuíssem, com vista a escrever-lhes a todos. Mas, durante a condução até à outra biblioteca, comecei a acalmar-me do domínio da obsessão e percebi que poderia ser mais sensato começar por escrever a apenas dois ou três. Assim, no conforto da biblioteca principal, maior e muito bem equipada, consultei a lista telefónica e listei todos os Sutton, mas escolhi apenas três para escrever uma carta semelhante à que tinha enviado aos O'Neil.

Escrevi também, nesta altura, a alguém com quem não tinha contacto há quase um ano, o primeiro Sr. O'Neil que eu tinha escolhido ao acaso da lista telefónica e com quem tinha falado ao telefone. Ele tinha sido suficientemente recetivo para me ligar de volta depois de olhar para os mapas das ruas e compará-los com o meu mapa desenhado à mão. Senti que ele também tinha estado suficientemente interessado para merecer agora uma explicação adicional, além de um resumo das minhas últimas descobertas. Não esperava que ele respondesse; escrevi apenas por uma questão de cortesia.

Pouco tempo depois, a sociedade de história local em Malahide escreveu-me. Duas pessoas tinham-nos contactado relativamente às minhas indagações sobre o edifício antigo na Swords Road. Fiquei encantada ao descobrir que uma delas era esse mesmo Sr. O'Neil. Eu quase esperava que ele desse de ombros e pensasse que era apenas aquela mulher louca outra

vez — mas ele tinha acreditado em mim, e acreditado *em* mim. A outra era um dos membros da Mensa a quem eu tinha escrito.

A Sociedade Histórica da Antiga Malahide, desconhecendo a verdadeira natureza da minha indagação, tinha feito um esforço considerável para descobrir coisas sobre o edifício — mas os seus esforços diziam respeito ao celeiro, não à casinha de Mary. Também me disseram que estavam em processo de estudar registos locais em escolas e igrejas, e ofereceram-se para transmitir qualquer informação que pudesse ser relevante. Respondi agradecendo a sua ajuda e dei mais detalhes da família, incluindo o apelido.

Ao longo do mês de dezembro, várias cartas foram e vieram. As três pessoas que partilhavam o apelido com a minha família responderam, cada uma dizendo que não eram parentes deles. Eu tinha esperado que, mesmo com uma escolha tão aleatória de três pessoas, pudesse ter sorte: como havia um grande número de filhos, deveria haver netos e bisnetos, e eu teria de encontrar certamente um parente. No entanto, não estava a ter sucesso por enquanto, embora me sentisse impressionada com a simpatia e generosidade destas pessoas. Era encorajador, particularmente à luz da anterior falta de resposta. Talvez as minhas cartas desta última vez tivessem sido imbuídas da confiança em mim mesma e nas minhas memórias que eu tão recentemente adquirira.

Um dos três Sutton, uma senhora de Enniskerry, Co. Wicklow — a sul de Dublin — escreveu que poderia ser capaz de ajudar de uma forma mais positiva. Tal como tinha feito para alguns canadianos que procuravam as suas famílias, ela poderia consultar documentos na Repartição de Registos de Dublin. Disse-lhe que eu própria tinha escrito para lá — com o novo nome e datas aproximadas — mas que, se eles não pudessem ajudar, ficaria feliz em aceitar a sua amável oferta.

Perto do Natal, ela enviou uma carta dizendo que a Repartição de Registos só podia fornecer uma pesquisa limitada e que, embora eu tivesse dito que tinha datas aproximadas, seriam necessárias datas mais precisas. A Repartição de Registos de facto escreveu-me de volta para me dizer que, com tão pouca informação, não poderiam considerar a procura dos registos solicitados — e, de facto, eles não se envolviam em investigação genealógica de qualquer maneira. Isto era irritante porque, se eu tivesse a

informação, não teria precisado dos registos! Talvez não tenha sido uma grande surpresa, mas foi dececionante.

Assim, sentindo-me um pouco constrangida, e dizendo-o na carta, solicitei a ajuda da senhora de Enniskerry. A sensação de total frustração por não poder simplesmente ir eu própria à Repartição de Registos e passar tempo em investigação física real era quase insuportável.

Mas depois pensei noutra fonte potencial. Os orfanatos para onde as crianças foram enviadas poderiam ter guardado registos. Assim, tendo compulsado mais uma vez a lista telefónica, comecei a escrever a todos os orfanatos e lares de crianças na área de Dublin, pedindo qualquer informação que pudesse estar relacionada com as crianças. É claro que alguns destes lares poderiam não ter existido na década de 1930 e, mesmo que tivessem, era possível que registos de há tanto tempo pudessem já não existir. Mas qualquer hipótese, por mais remota que fosse, tinha de ser explorada. Escrevi pelo menos catorze cartas, cada uma dizendo:

Caro Senhor,

Estou a tentar localizar uma fratria de crianças que foram enviadas para orfanatos em Dublin quando a mãe morreu. Compreendo que uma pesquisa possa exigir muito trabalho e que os vossos registos possam nem sequer recuar tanto no tempo, mas espero que me possam ajudar. Escrevi também para uma série de outros orfanatos.

O apelido da família era Sutton. Eram de Swords Road, Malahide, e crê-se que pelo menos seis crianças tenham sido enviadas para orfanatos. O nome da mãe era Mary, e foi após a sua morte, no início da década de 1930, que a família foi separada. Obrigada. Com os melhores cumprimentos, Jenny Cockell

As minhas investigações seguiam agora o curso de uma pesquisa genealógica bastante comum. A família existia — parecia haver poucas dúvidas sobre isso. Tudo o que restava era descobrir os nomes das crianças para que eu pudesse tentar localizá-las e, talvez, a certidão de óbito de Mary. Estas duas informações eram o mínimo necessário.

Comecei a pensar que poderia até ser capaz de lidar com a rejeição caso localizasse a família. Mas a ideia de não ser capaz de os encontrar de todo e, consequentemente, não saber se estavam bem, seria muito mais

difícil — especialmente tendo chegado tão longe ao longo dos últimos meses.

A investigação estendia-se agora por vários anos, e a oscilação entre a ebulição determinada e a antecipação nervosa tinha-se estabilizado num ciclo repetitivo. Esperar que os registos fossem descobertos era enervante. Embora tivesse havido uma série de detalhes verificados, eu sabia que não poderia começar a sentir-me à vontade enquanto não houvesse alguma prova definitiva e documentada da minha família.

A tensão causada pelo facto de o projeto estar a abranger um terreno algo invulgar fez com que a ideia de partilhar a experiência com um público mais vasto fosse uma forma de a normalizar. Quanto mais se pudesse falar sobre este tipo de coisas, menos eu sentiria que estava a arriscar-me. Tinha mantido notas ao longo de toda a busca e comecei a sentir que, se conseguisse dar-lhes um sentido coerente, elas poderiam ser de interesse para outros sob a forma de publicação. A possibilidade de tornar o caso público deu-me algo mais em que pensar e tornou tudo menos stressante. Também me deu a oportunidade de considerar a melhor forma de abordar a família.

Havia muitos aspetos a ter em conta. À família de Mary deveria ser permitido o anonimato, se assim o desejassem. Decidi também que era correto contactá-los se pudesse fazê-lo de uma forma que lhes permitisse tomar as suas próprias decisões. No entanto, o que quer que eu tentasse dizer no primeiro contacto seria muito difícil.

A minha maior esperança era poder encontrar-me com eles cara a cara: é mais fácil perscrutar outra pessoa e ver a verdade nas suas palavras, por mais estranhas que sejam, do que por carta ou mesmo por telefone. Preocupava-me não tanto em explicar-me, mas sim com as dificuldades que os outros poderiam ter com o que eu estava a dizer. A família era importante para mim, e valia a pena considerar qualquer meio de facilitar o caminho.

Tinha pensado em contactar um padre. Mary era católica e as crianças tinham frequentado a escola católica, de acordo com o Sr. Mahon. Parecia, portanto, apropriado fazer algum esforço para descobrir que tipo de reação poderia haver às minhas experiências. Percebi que procurava aprovação. A parte de mim que era Mary precisava de tranquilidade e o meu eu atual

precisava de saber se era possível racionalizar o fenómeno. Sabia que a visão óbvia, a reencarnação, poderia não ser aceite, mas perguntava-me se poderia existir uma interpretação mais ampla. Se um padre pudesse aceitar a minha história sem me condenar, sentir-me-ia mais segura.

Considerei escrever uma carta para as crianças, para ser incluída no meu relato da história. Se eu não fosse capaz de as localizar, pelo menos poderiam lê-la se a história da minha busca fosse publicada. Então percebi que todo o relato, que se transformou neste livro, foi escrito para elas e a pensar nelas. Ao lerem o relato em si, saberiam o que a busca significou para mim e o que elas significam para mim. Depois de o lerem, saberiam o suficiente sobre mim para saber se quereriam o contacto. A opção deveria ser sempre deles.

Outra consideração era que tornar o caso público parecia ter dois gumes. Poderia ajudar a legitimar o fenómeno, o que, por sua vez, poderia facilitar as últimas etapas da minha busca. Se eu fosse incapaz de localizar a família de uma forma comum — se todos se tivessem mudado, por exemplo — a publicidade poderia ajudar-me a encontrá-los. O lado negativo era que a família poderia tomar conhecimento da história indiretamente — um relato sensacionalista, por exemplo, poderia chegar até eles antes de eu ter a oportunidade de expor os meus pontos de vista, e poderia afastá-los.

Estava a sobrecarregar-me com infinitas possibilidades, uma autotortura sobre como lidar com esta ou aquela situação, muito antes de surgir a necessidade. O efeito do stresse era notório no meu dia a dia — infeções estranhas, irritabilidade e cansaço. Sabia que estava a reagir de forma exagerada, por isso tentei acalmar-me e deixar que as coisas seguissem o seu curso.

Durante este tempo, chegavam respostas de todos os orfanatos aos quais eu tinha escrito. A maioria informava que não tinha nenhuma família listada com o nome certo para o período correto. Mas, felizmente, antes que eu pudesse ficar desanimada novamente, chegou a peça seguinte do quebra-cabeças.

A 18 de fevereiro de 1990, recebi uma carta de um padre responsável por um lar de rapazes no centro de Dublin. Escreveu que as crianças Sutton não constavam dos registos do seu orfanato e que a maioria dos orfanatos

que tinham existido em Dublin e arredores na década de 1930 tinham entretanto fechado, devido em parte à política moderna de acolhimento familiar e adoção. O seu próprio lar de rapazes também estava prestes a fechar, por isso, se eu tivesse escrito uns meses mais tarde, nem sequer teria tido esta resposta. No entanto, ele já tinha feito indagações ao Departamento de Educação (responsável por todas as admissões em orfanatos controlados pelo Estado) e à igreja em Malahide, e tinha obtido registos de batismo para a maioria dos filhos de Mary. Enviou cópias destes, juntamente com uma nota, parte da qual dizia:

John Sutton e a sua esposa Mary (apelido de solteira Hand) não eram naturais de Malahide, Co. Dublin, mas vieram viver para a casa do guarda de Gaybrook House, Swords Road. Seis crianças foram batizadas na Igreja Católica de St Sylvester, Malahide.

Depois, os nomes de seis dos filhos de Mary — os meus filhos — estavam listados.

1. Jeffrey (1923) casou com Sarah O'Reilly
2. Philomena (1925) casou com Tom Curran
3. Christopher (1926)
4. Francis (1928) casou com Mary Mulligan
5. Bridget (1929)
6. Elizabeth (1932) casou com Thomas Keegan

A carta do padre ofereceu-me uma grande esperança e uma oportunidade real de localizar a família.

Capítulo 7

Uma Família Perdida é Encontrada

Todo aquele tempo passado a quebrar a cabeça, e o melhor que eu tinha conseguido fora andar em círculos. Mas este amável padre estivera disposto a investigar por mim e agora, como resultado, eu tinha os nomes de seis das crianças, os nomes de casada de duas das filhas e até os nomes das esposas de dois dos filhos.

Mais importante ainda, pela primeiríssima vez, eu sabia que o nome principal da minha busca estava correto. Estava agora confirmado que o nome da mulher de cuja vida me lembro era, de facto, Mary.

Na sequência disto, voltei à lista de Suttons que tinha copiado da lista telefónica de Dublin. Enviei as seguintes cartas para cerca de vinte pessoas com as iniciais corretas, na esperança de conseguir localizar membros da família.

Caro Sr. Sutton,

Estou a tentar localizar os filhos de John e Mary Sutton (apelido de solteira Hand) da Swords Road, Malahide, que foram levados para orfanatos após a morte da mãe na década de 1930.

São eles Jeffrey (1923), Philomena (1925), Christopher (1926), Francis (1928), Bridget (1929) e Elizabeth (1932).

Compreendo que isto possa não ter nada a ver consigo e devo pedir desculpa pela intrusão em qualquer caso, mas se faz parte desta família, por favor contacte-me, pois é de grande importância para mim encontrar esta família. Obrigada. Sinceramente sua, Jenny Cockell

Voltei depois à biblioteca e copiei os endereços de todas as pessoas com o apelido e a inicial corretos em todo o resto da Irlanda. Acabei por escrever a mais trinta e cinco pessoas com o mesmo apelido e iniciais dos filhos, e a dezoito Keegans, o apelido de uma das filhas após o casamento. Percebi que apenas as pessoas com telefone listado poderiam ser alcançadas desta forma, mas estava, no entanto, esperançosa. Mantive registos cuidadosos, para saber exatamente a quem tinha escrito e quem tinha respondido.

Sentia-me extremamente feliz. Todas as dúvidas e receios, o incessante questionamento e debate interno pareciam desvanecer-se. Tinha-me esforçado por não esperar nada porque sabia que não conseguiria lidar

com o facto de colocar as minhas expetativas demasiado altas e depois ficar desiludida. Sabia que tinha de continuar sem esperar demasiado mas, ao mesmo tempo, sentia-me aliviada. Finalmente, o meu objetivo parecia ao alcance da mão.

Senti que tinha de escrever de volta ao padre de Dublin para explicar que o meu conhecimento desta família que tentava localizar provinha de sonhos e memórias. Fi-lo em parte porque ele perguntou especificamente sobre a minha ligação, mas principalmente porque me senti no dever de o fazer, independentemente das consequências. Não foi fácil escrever tal carta, especialmente porque havia tanto que eu não conseguia explicar devidamente.

Era importante para mim que ele fosse capaz de ver além das palavras, a pessoa; por alguma razão, subconsciente e indefinida, senti necessidade do seu apoio. Ou talvez fosse de aprovação que eu precisava, vinda de alguém que pudesse ajudar-me a comunicar com as crianças. Estava a pensar e a sentir a partir de duas bases diferentes, a minha e a da minha memória de Mary. A partir desta última base, senti que precisava de discutir tudo isto com um padre.

A resposta do padre, quando finalmente chegou, foi maravilhosa — positiva, construtiva e atenciosa. A sua aceitação deste "fenómeno extraordinário", nas suas palavras, teve um valor considerável para mim. Ele tinha feito o que eu esperava ser possível: olhou para a história sem preconceitos e dentro da estrutura das suas próprias visões. Isto fez-me sentir muito mais feliz por partilhar a experiência sem ferir suscetibilidades ou perturbar as pessoas.

E então, a 3 de março de 1990, recebi da senhora de Enniskerry uma cópia da certidão de óbito de Mary e as certidões de nascimento de dois dos filhos (Jeffrey e Elizabeth), além de datas e detalhes de alguns dos outros. Tinha-lhe enviado apressadamente uma cópia da lista que o padre enviara e, por sorte, ela ainda não tinha começado o trabalho antes de a receber. Sem ela, a sua tarefa teria sido muito mais longa, embora já houvesse informação suficiente para ela ter obtido a certidão de óbito de Mary. Ela tinha-se saído bem ao encontrar tantos registos e conseguira fazer tudo numa só viagem.

Os registos eram das seis crianças que tinham sido batizadas na igreja católica de St Sylvester, em Malahide. Não havia nada sobre a rapariga mais velha de quem eu me lembrava, e que o Sr. Mahon tinha mencionado chamar-se Mary. Como o rapaz mais velho da lista tinha apenas oito anos em 1932, senti que poderia haver ainda mais crianças por encontrar. A última criança, Elizabeth, tinha nascido a 25 de setembro de 1932 e Mary tinha morrido um mês depois, a 24 de outubro, com trinta e cinco anos de idade.

A certidão de óbito indicava o seu nome como Mary Sutton, de Gaybrook, Malahide, e descrevia-a como mulher de um trabalhador rural. A causa da morte foi gangrena gasosa, pneumonia séptica e toxémia. O local onde morreu foi o Hospital Rotunda "no Distrito de North City n.º 2 na União de Dublin, no Condado de Dublin". O facto de o hospital ser utilizado, pelo menos em parte, para doentes de maternidade, entre outros, parecia ser confirmado por duas outras entradas patéticas do Rotunda na mesma página — o "filho de um trabalhador rural" que morrera com três dias de idade, e o "filho de um picheleiro" que morrera às cinco semanas.

Agora, finalmente, eu tinha a prova documental que procurava. Era estranho que as certidões parecessem subitamente menos importantes, embora estivesse extremamente grata por as ter. O que estava prioritariamente na minha mente era algo muito melhor — a oportunidade de contactar os filhos de Mary. Isso poderia, na verdade, acontecer muito em breve.

Era agora altura de olhar novamente para os detalhes e ver quanto tinha sido confirmado. Eu tinha trocado alguns nomes, mas pouco mais. A disposição do mapa estivera correta desde o início, o nome Mary estava agora provado como certo e, ao nomear Gaybrook, a carta do padre confirmava que a casinha ficava no lado sul da Swords Road. O facto de a casinha ser o primeiro edifício ainda precisava de confirmação. Eu já tinha apurado que aquela casa fora o lar da única família na estrada com cinco ou mais filhos e que a mãe morrera na década de 1930. Finalmente, a carta do padre confirmara que a família não era natural de Malahide e que o marido de Mary tinha combatido na Primeira Guerra Mundial.

Sob hipnose, eu tinha nomeado quatro das crianças como James, Mary, Harry e Kathy. James aparecia como segundo nome de Jeffrey, o rapaz mais velho, nos detalhes de batismo que o padre me enviara. Eu

suspeitara que uma das raparigas tivesse o nome da mãe e, embora ela não constasse da lista de batizados do padre, o Sr. Mahon, na Swords Road, nomeou de facto a rapariga mais velha como Mary, quando disse que ela voltara para casa passados alguns anos. Ela devia ser uma das crianças nascidas antes de a família se mudar para Malahide; eu parecia recordar-me do dia da mudança propriamente dito, quando Mary levava uma ou mais crianças nos braços.

Continuava a tentar visualizar as crianças na minha mente, para o caso de conseguir identificar algo específico que as ajudasse a reconhecerem-se nas minhas descrições. O rapaz mais novo passava a mão pela parte de baixo do casaco, brincando com a bainha. Parecia ser um hábito nervoso e talvez pudesse ter sido mantido na idade adulta. Poderia ele ainda ser um pouco solitário? A confiança e a frontalidade do rapaz mais velho eram memoráveis, tal como o humor e a resiliência do segundo. Esperava recordar-me do suficiente.

Conversando com a minha mãe enquanto a minha filha brincava com a minha boneca de bebé da infância, percebi que tinha chamado à boneca Elizabeth, o mesmo nome da filha mais nova de Mary. Perguntei à minha mãe se ela se lembrava de como eu chamava à boneca, e ela lembrava-se. Na verdade, a minha filha também sabia que a boneca se chamava Elizabeth. Mais uma vez, perguntei-me se Elizabeth teria tido o cabelo loiro e os olhos azuis do brinquedo que eu tanto estimara na infância.

Os detalhes na certidão de óbito eram razoavelmente consistentes com o que se esperava. Eu tinha indicado a data de nascimento de Mary como sendo por volta de 1898; era provável que tivesse sido em 1897, dado que a sua idade na morte foi registada como trinta e cinco anos. Ela morrera no Hospital Rotunda, o que explicava a sensação de estar longe de casa naqueles sonhos repetidos da morte de Mary. Lembrava-me de tinta branca e janelas altas que deixavam entrar muita luz. Mais tarde vi fotografias do hospital, que tinha, de facto, janelas altas e alongadas.

Muitas vezes me perguntei sobre o motivo da morte de Mary. Houve doença e um período prévio de cansaço ou má saúde. Isso poderia ter sido a toxémia, um nome antigo para várias doenças da gravidez. Houve febre e dificuldade em respirar, pelas quais a pneumonia teria sido responsável. A gangrena gasosa, uma forma de destruição de tecidos causada pelo germe do solo *Clostridium*, poderia também ter causado grande dor. Começaram a

chegar cartas em resposta às que eu tinha enviado para indagação, mas nenhuma com novidades. Escrevi então uma carta para o *Dublin Evening Press*, que foi publicada no início de 1990. Dizia:

Tenho tentado localizar uma família há alguns anos, ainda sem sucesso, e fui aconselhada a escrever-vos.

A minha família são os filhos de John e Mary Sutton, da Swords Road, Malahide. A 24 de outubro de 1932, Mary morreu, pouco depois do nascimento do seu último filho, e as crianças foram colocadas em orfanatos, provavelmente em Dublin.

Eles eram Jeffrey James (25/05/24), Philomena (03/08/25), Christopher (15/12/26), Francis (1928), Bridget (1929) e Elizabeth (25/09/32).

Se possível, ficaria grata por qualquer contacto relativo ao paradeiro desta família, nem que fosse apenas para saber como estão.

Escrevi também ao Dr. Stevenson, o americano que escrevera sobre o fenómeno das vidas passadas e que era uma autoridade na matéria na Universidade da Virgínia. E, na sequência de um documentário da BBC sobre reencarnação — *Many Happy Returns* — escrevi ao Dr. Fenwick, um psicólogo do Instituto de Psiquiatria de Londres, que fora nomeado no programa. Esperava que ele pudesse colocar-me em contacto com alguém que pudesse ajudar-me, a mim e à família, naquilo que poderia ser um encontro difícil.

Precisava de pedir ajuda porque estava a começar a entrar em pânico. Perguntava-me se tinha o direito de perturbar os filhos de Mary ou se, inversamente, tinha o direito de lhes ocultar a minha história. Estaria eu a tentar justificar-me, ou a minha necessidade de saber sobre o atual bem-estar das crianças baseava-se numa preocupação real e altruísta?

Os motivos da maioria das pessoas são mistos, por isso tive de aceitar que alguns elementos que não serviam os melhores interesses dos outros seriam inevitáveis. As minhas preocupações podem parecer excessivas, mas nunca deve ser esquecido que a base dos sentimentos envolvidos era a proteção maternal. As crianças, embora crescidas há muito e agora na sua maioria próximas da reforma, não deveriam sofrer qualquer tipo de perturbação.

Claro que havia a possibilidade de eu não ter de tomar qualquer decisão — de não conseguir localizar a família de todo. Por exemplo, se tivessem saído do país, seria muito difícil saber por onde começar.

Pouco depois disto, foi manifestado interesse pela minha história tanto pelo Dr. Stevenson nos EUA como pelo Dr. Fenwick, que me aconselhou a escrever a Gitti Coats, uma investigadora que trabalhava numa futura série documental da BBC sobre vários tópicos paranormais. Eles não podiam garantir que o meu caso seria incluído na série, mas eu e a Gitti trocámos cartas detalhadas e tivemos várias conversas telefónicas. Ela pareceu muito compreensiva. No entanto, os meus sentimentos sobre uma exposição pública descuidada continuavam muito divididos.

Comecei a sentir-me cansada. Tinha levado demasiado tempo apenas para confirmar que a família era real. Agora havia ainda trabalho a fazer, havia mais espera, e eu só conseguia antecipar mais stresse.

O fim de semana de Páscoa trouxe consigo uma experiência estranha e inesperada. Sonhos, premonições ou visões psíquicas podem surgir a qualquer momento sem aviso. Aqueles que não estão sujeitos a tais experiências achariam provavelmente — e com toda a razão — difícil compreender como é que um sonho vulgar ou um devaneio poderia parecer tão subtilmente diferente de um que é psíquico. A única forma de descrever o fenómeno é que ele tem uma qualidade tridimensional, um "saber" que tem a ver com algo que está a acontecer noutro lugar ou noutro tempo.

Nesta ocasião particular, eu era passageira num carro numa viagem algo longa. A minha mente derivava sem direção específica, o que, em retrospetiva, parece ser o estado ideal para tais experiências. Estava a passar a mão pelo meu cabelo e apercebi-me de que a textura era diferente. Notei então que ambas as minhas mãos estavam à minha frente, no meu colo, pelo que percebi que a sensação estava dentro da minha mente e não no presente.

Estava consciente dos restos emaranhados de cabelo de bebé nas pontas dos fios lisos e direitos, o que situaria a minha idade por volta dos dois anos ou menos. Quando olhei para baixo, não me vi de todo, mas sim pés descalços e pernas magras e morenas. Havia uma sensação de ser uma rapariga asiática, e as sensações eram de futuro e de eu próprio. Era como

se um eu futuro estivesse a olhar para trás enquanto, nesse mesmo estado ligeiramente distraído, estava sentada a passar os dedos pelo cabelo.

Tudo terá durado apenas um ou dois minutos. Não foi de todo preocupante, mas sim muito suave, confortável e reconfortante, embora bastante inesperado. Talvez ao aceitar o passado eu estivesse agora a tornar-me mais capaz de aceitar o futuro. Muitos poderiam achar esta revelação excessiva para aceitar, mas para mim é interessante, porque a considero parte da experiência de "continuidade".

A partir desse momento, tive mais experiências deste tipo e uma imagem mais completa começou a formar-se. O tempo está intimamente ligado às outras dimensões e não é estático nem necessariamente consistente. A teoria da relatividade afirma que, a velocidades próximas da velocidade da luz, o tempo abranda. A velocidades superiores à velocidade da luz, a teoria é que o tempo inverteria.

Torna-se então concebível que algum elemento de energia, neste caso o pensamento, talvez abrangendo um breve lapso de tempo, possa viajar suficientemente depressa para retroceder no tempo e ser experienciado no passado como se fosse uma premonição do futuro. Isto também poderia explicar por que razão a premonição parece algo que já aconteceu, em vez de algo que poderá acontecer; e por que razão os detalhes precisos dentro de uma breve premonição de um ou dois minutos podem vir a revelar-se exatamente corretos, embora, estando fora de contexto, possam causar confusão na interpretação.

Apesar de todo o meu trabalho cuidadoso e paciente, o primeiro contacto com os filhos de Mary ocorreu por acidente. A 20 de abril, obviamente em resposta à carta no jornal, foi-me enviada uma nota anónima, com carimbo de Dublin, que continha um pedaço de envelope no qual estava escrito o nome e a morada de alguém que poderia ser um dos filhos de Mary. O nome indicado era Tom Sutton — não era um nome da lista que me fora dada, mas escrevi na mesma. Um dia, pouco tempo depois, quando regressei do trabalho, o meu marido disse-me que tinha atendido uma chamada de uma cabine telefónica na Irlanda. Quem ligou dissera-lhe que eram da família certa e tinham ligado logo por curiosidade.

Enquanto esperava pela chamada de retorno, percebi que não fazia ideia do que dizer. Quase trinta e sete anos a questionar-me, mais de dois anos a procurar — e, ironicamente, não conseguia pensar com clareza.

Quando a chamada chegou, dei por mim a falar com a filha de um dos filhos de Mary. Ela disse-me que Mary tivera oito filhos, e que o seu pai não era Tom mas sim Jeffrey, o segundo dos filhos de Mary. Ele próprio falou brevemente comigo e pareceu maravilhoso. Tinha a sua própria família unida, e a filha que telefonou parecia muito protetora e zelosa pelo pai. Foi o suficiente.

O próprio facto de terem sido confirmados oito filhos tranquilizou-me. Eu soubera que havia mais do que os nomeados nas listas de batismo de Malahide. Foi um alívio saber que havia mais dois filhos.

Não me expliquei muito bem, principalmente à filha. Para começar, teria sido bom ter podido levar mais tempo na explicação. Mas, compreensivelmente, eles estavam muito interessados em indagar sobre a minha ligação com a família e o meu parentesco. A minha resposta não foi confiante nem fácil, pois estava a achar a situação muito mais difícil do que pensara. Disse: "Sei que vai parecer muito estranho, mas lembro-me da família através de sonhos".

Isto era uma simplificação da verdade, mas achei melhor dar um passo de cada vez. A resposta foi um cauteloso mas gentil "Ah, sim?". Para oferecer segurança, descrevi vários dos filhos e mencionei que, quando criança, o pai dela fora bastante traquina, com um sentido de humor fantástico. Ela disse-me que ele continuava na mesma. Com alguma surpresa na voz, ela pôde confirmar as descrições de alguns dos outros irmãos, tal como o facto de o mais novo ser solitário.

Apesar de uma confusão óbvia do outro lado da linha, foram-me dados vários detalhes da família e indicadas as moradas e números de telefone de dois dos irmãos, Sonny e Francis (Frank). Os filhos — Sonny, Jeffrey, Christopher e Frank — tinham-se todos reunido uns anos antes, mas o paradeiro das filhas era desconhecido. As raparigas tinham sido enviadas para um orfanato diferente, na verdade uma escola de freiras, e o contacto fora quebrado.

Prometi dar mais pormenores sobre a minha história assim que possível e, mais tarde, enviei uma cópia do diário que tinha mantido

cobrindo o progresso dos últimos anos. Estava cheio de confusões e do tipo de coisas que se escrevem para exteriorizar ideias, mas pelo menos dava a explicação mais completa possível. Isto foi precedido por uma curta carta tentando expor os meus motivos. Eu quase esperava a rejeição, pois não pensava que eles fossem capazes de aceitar nada daquilo.

Tinha quase a certeza de que os filhos de Mary me tomariam por algum tipo de lunática. O facto de ela e as suas memórias terem estado comigo toda a vida não significava que os outros fossem achar isso fácil de aceitar. Embora o projeto me tivesse ocupado os pensamentos durante tanto tempo, os conceitos podiam ser bastante estranhos para outras pessoas.

Contudo, agora que conseguira contactar um membro da família, algo tinha mudado. Finalmente conseguia aceitar emocionalmente que as crianças tinham crescido. Eu sabia que já estariam na casa dos cinquenta e dos sessenta anos, mas foi preciso um contacto real para me libertar daquela parte da memória que me fazia senti-los como as crianças que tinham sido. Os meus sentimentos continuavam fortemente maternais, mas eu conseguia compreender que as «crianças» eram agora autónomas. Não pudera ajudá-las durante a infância, e, no entanto, toda a razão de ser da memória era o desejo de as ajudar, o sentido de responsabilidade que sentia em relação a elas.

Sentia-me estranhamente livre, mas sabia que me tinha imposto à família para conquistar essa liberdade em relação ao passado. Assim, o sentimento de fazer parte do passado tinha mudado; o sentido de responsabilidade tinha mudado, embora não tivesse desaparecido completamente. Eu era livre tanto para olhar para o futuro como para aceitar o presente… Mas continuava a sentir-me como a mãe deles.

As respostas trazem frequentemente consigo mais perguntas — é uma das inevitabilidades da vida. A realidade da família de Mary era suficientemente positiva, mas agora eu perguntava-me onde pertencia. A resposta teria de ser que eu pertencia ao presente. Mas e quanto à família que encontrara? Aos meus filhos? A lógica dizia-me para não esperar nada. A única forma de poder ter alguma participação nas suas vidas seria se eles assim o quisessem. Só o tempo o diria…

Nessa altura eu mantinha Gitti Coats, a investigadora de televisão, informada sobre cada passo do progresso. Parecia haver uma possibilidade

razoável de o meu caso ser considerado para o documentário projetado sobre vidas passadas. Se o projeto avançasse, disse eu, queria que o bem-estar da família fosse uma consideração prioritária. Gitti impressionou-me pela sua atitude: parecia possível fazer isto com sensibilidade. Suponho que a minha proteção excessiva, um pouco neurótica, tenha tornado o trabalho mais difícil para ela, mas, ao longo dos meses seguintes, a sua diplomacia e consideração foram muito reconfortantes e de grande valor para mim, tal como o seu envolvimento na própria investigação. Foi útil que ela pudesse contribuir com uma abordagem metódica e científica para a análise da informação.

Não voltei a ter notícias do segundo filho de Mary nem da sua família. Era o que eu esperava, mas, claro, secretamente tinha esperado o contrário. Assim, depois de passar algum tempo a olhar para os endereços que me tinham dado, decidi estabelecer um novo contacto. Escolhi entrar em contacto com Sonny, o filho mais velho de Mary, porque vivia em Inglaterra e estava ao meu alcance, caso aceitasse encontrar-se comigo.

Na terça-feira, 15 de maio de 1990, reuni coragem e telefonei. Quando Sonny atendeu, ouvi a voz suave com um forte vestígio de sotaque do sul da Irlanda. Como me lembrava de ele ser muito direto e franco em criança, sabia que teria de ser muito sucinta quanto a quem eu era e por que motivo estava a telefonar. Não foi fácil, mas expliquei que me lembrara da família através de sonhos, falando-lhe muito brevemente da casa de campo e dizendo que era a primeira à esquerda. (Felizmente, já tinha transmitido estes detalhes à investigadora de televisão.)

Este homem de setenta e um anos (nascera em 1919) compreendeu rapidamente a essência daquilo que eu tentava explicar. Confirmou imediatamente que eu tinha razão quanto à posição da casa. Fiquei radiante. Era algo que até então eu não conseguira confirmar.

A conversa decorreu facilmente, muito mais facilmente do que eu ousara esperar. Sonny parecia não ter qualquer problema com o que devia soar a um conceito bizarro, completamente inesperado. Não houve qualquer sinal de rejeição, e as perguntas eram pertinentes e razoáveis. Durante toda a chamada telefónica, que não foi longa, senti-me como se estivesse num certo estado de transe, embora, ao mesmo tempo, existisse uma intensa espécie de lucidez.

Disseram-me brevemente onde os membros da família estavam ou onde se pensava que estariam. Nenhuma das irmãs mantinha contacto com os irmãos. O contacto entre os irmãos só fora restabelecido alguns anos antes, no início da década de 1980, quando Christopher, o quinto filho, decidira procurá-los a todos depois de regressar da Austrália para a Irlanda. A filha mais velha, Mary, aquela que eu esperava encontrar primeiro, morrera aos vinte e quatro anos — por outras palavras, antes de eu nascer. Enquanto me diziam isto, reprimi o desgosto, empurrando-o para um lado para lidar com ele mais tarde.

O filho de Mary manifestou vontade de me ver e discutir as memórias. Disse-lhe que adoraria fazê-lo e que organizaria um encontro o mais depressa possível.

Depois da chamada telefónica senti-me indescritivelmente feliz. A excitação misturava-se com o alívio e cada parte da vida se tornava mais fácil de suportar.

Na manhã seguinte contactei a investigadora de televisão para a informar deste novo desenvolvimento. Mas, depois de consultar o produtor, ela sugeriu que entrevistassem primeiro Sonny, antes de eu me encontrar com ele. Senti-me um pouco protetora e ligeiramente desapontada, mas concordei que ela lhe telefonasse para saber o que achava da ideia. Quando voltou a entrar em contacto comigo, disse-me que ele parecia bastante satisfeito, e foi marcado um encontro para a sexta-feira seguinte.

Isto significava que eu teria de esperar novamente — algo que sempre achei difícil; disseram-me, porém, que desta vez não seria por muito tempo, embora, para garantir que a investigação fosse conduzida corretamente, me pedissem para não estabelecer mais contacto. Queriam fazer perguntas a Sonny e comparar as suas respostas com os detalhes que eu já fornecera acerca da mãe dele e da sua infância.

Os assuntos tinham sido retirados das minhas mãos. Ao mesmo tempo, pensei que era mais fácil abordar a família de uma forma oficial como esta, e que haveria mais probabilidades de me levarem a sério. Tendo estragado um pouco o contacto inicial com Jeffrey, o filho que encontrara na Irlanda, disse a mim própria que tudo o que ajudasse a suavizar o impacto provavelmente valeria a pena. Não havia muitos membros da família para contactar, e eu não queria correr o risco de estragar tudo.

Não surpreendentemente, contudo, senti um pouco de ciúmes pelo facto de, naquela sexta-feira, outra pessoa ir conhecer primeiro o filho mais velho de Mary. Só na quarta-feira seguinte tive alguma ideia de quanto tempo demoraria até eu própria poder encontrá-lo. Sonny parecia satisfeito com a ideia de aparecer diante das câmaras, pelo que tiveram de organizar uma equipa de filmagem para estar presente quando nos encontrássemos pela primeira vez.

Disseram-nos que isso demoraria algumas semanas, durante as quais continuaria a não haver qualquer contacto entre nós, para que os detalhes pudessem ser analisados adequadamente sem que tivéssemos possibilidade de fazer comparações. Pediram-me que tentasse recordar mais alguns detalhes específicos e que tomasse nota de tudo aquilo que talvez não tivesse incluído no material já entregue à investigadora.

Durante cerca de quatro meses, cartas e telefonemas entre Gitti e eu sucederam-se de um lado para o outro. Ela também mantinha contacto com Sonny enquanto eu aguardava alguma data ou decisão definitiva. Houve momentos em que a frustração me tornava irritadiça e provavelmente difícil, mas tudo foi tratado com cuidado. Ela tranquilizava-me dizendo que o tempo talvez fosse útil para Sonny, pois podia ajudá-lo a refletir sobre tudo aquilo. E ajudava-me sendo atenciosa nos contactos com ele, algo que me preocupava e sobre o qual eu a incomodava constantemente.

Depois de vários atrasos, a companhia de televisão deu-me algumas datas provisórias para as filmagens; depois, alguns dias mais tarde, Gitti telefonou-me e, com muitas desculpas, disse-me que nem o meu caso nem o outro caso britânico seriam afinal incluídos.

Garantiram-me que isso não refletia de modo algum a qualidade do meu caso. A decisão devia-se em parte a questões políticas e em parte ao facto de a casa já não existir. Como a televisão é um meio visual, a falta de provas pictóricas tinha sido um fator importante. Mas, seguramente, o facto de a casa já não existir e, ainda assim, eu conseguir descrevê-la com precisão tornava o caso ainda mais forte?

Tanto Sonny como eu ficámos desapontados. Mas isto significava que estávamos agora livres para nos encontrarmos. Os meses de maio a setembro não tinham sido desperdiçados. Telefonei a Sonny para perguntar se o podia visitar, e combinámos fazê-lo no fim de semana seguinte.

Durante o resto daquela semana desejei que o tempo passasse depressa — mal podia esperar para conhecer o rapaz, o homem, que conhecera nos meus sonhos durante tanto tempo.

Capítulo 8

Reencontros

Em 23 de setembro de 1990 visitei finalmente o filho mais velho de Mary. Eram três horas de viagem de carro desde casa até Leeds, e a minha família veio comigo. Apesar de uma paragem, estávamos todos um pouco cansados à chegada. Eu estava excitada, nervosa e a tremer visivelmente.

A casa de Sonny ficava nos arredores da cidade e tive de usar um mapa detalhado das ruas para a encontrar no meio de tantos bairros habitacionais do pós-guerra. A própria casa estava situada acima do nível da estrada, e os sinais evidentes de um jardineiro entusiasta mostravam marcas dos danos causados pelo longo verão quente e seco.

Sonny abriu a porta. Parecia um homem calmo e gentil, ligeiramente abaixo da altura média e de constituição magra, sugerindo uma vida de atividade física. Tinha um sorriso caloroso e uma maneira suave que imediatamente me pôs à vontade. Fomos convidados a entrar sem demora.

Gitti sugerira que o encontro fosse gravado e eu levara um gravador, mas achei que seria uma intrusão utilizá-lo. Em qualquer caso, começámos simplesmente a conversar e não parámos tempo suficiente para pensar em montar o aparelho!

Enquanto a mulher dele distribuía gentilmente chávenas de chá e conversava com o meu marido e os meus filhos, o filho de Mary ficou a saber mais sobre os meus sonhos e memórias que me tinham levado a procurá-lo a ele e aos seus irmãos e irmãs. E eu comecei a descobrir até que ponto essas memórias eram exatas e detalhadas.

Devia ser óbvio o quanto eu estava nervosa. A minha conversa era por vezes rígida, mas Sonny estava bastante descontraído e, como logo percebi, não tinha qualquer dificuldade em falar com as pessoas. Em encontros

posteriores, Sonny comentou o quão nervosa eu estivera naquele dia, mas pelo menos compreendia-me.

Perguntou-me como eu podia explicar o que era esta memória. Para mim era muito importante responder cuidadosamente. Disse-lhe que, para mim, tinha de ser reencarnação, mas que essa não era a única forma de encarar a questão. Não esperava que toda a gente a visse da mesma maneira. Ele refletiu sobre isso e pareceu satisfeito em deixar as coisas assim.

Isto foi um enorme alívio para mim. Eu tivera tanto medo. Como sempre pensara em termos de reencarnação, via os filhos de Mary como meus, vindos de um passado distante. Era algo com que eu não tinha qualquer dificuldade, apesar de Sonny ter idade suficiente para ser meu pai! À medida que descrevia a sua vida, senti aquilo que só posso descrever como orgulho maternal por tudo o que ele alcançara. Da mesma forma, senti angústia quando mais tarde falou dos seus piores momentos.

Gitti enviara-nos a ambos uma lista de comparações que compilara, uma vez que já não havia razão para impedir que comparássemos declarações. Isso deu-nos uma ideia do que esperar e do que falar. Tratava-se de muitas páginas dactilografadas, abrangendo diversos tópicos que ambos tínhamos detalhado. Agora comparávamo-los ponto por ponto.

Quando o documento chegou, passei bastante tempo a examiná-lo. Fascinavam-me os detalhes que estavam corretos, até alguns pontos bastante pequenos. Estava sempre a mostrar partes ao meu marido e a dizer: «Olha para isto!» e «Também acertei nisto!» e «Até aquela memória muito vaga do cão era verdadeira!» Quando finalmente conheci Sonny, essa excitação inicial já começara a diminuir um pouco. Utilizámos a lista como ponto de partida para a conversa, mas, para mim, a verdadeira alegria estava simplesmente em estar ali.

A reação de Sonny à informação da lista foi maior do que a minha. O conceito de as minhas «memórias» serem tão precisas ainda era novidade para ele. Eu permanecia ali sentada num estado algo estranho de nervosismo, cansaço e cautela misturados com alívio, enquanto ele recebia cada revelação sobre a sua infância com entusiasmo e espanto. Como podia alguém saber tanto sobre o seu mundo privado?

Durante grande parte disto, a minha filha aconchegou-se a mim, não querendo sentir-se excluída. Achei o seu carinho reconfortante. Primeiro falámos da casa. Tratava-se da portaria ou casa do guarda de Gaybrook House, mas infelizmente nenhuma delas ainda existe. Tinham sido demolidas em 1959, segundo a investigação de Gitti. Eu descrevera a casa como térrea, castanha ou bege, embora talvez branca. Sonny confirmou que, ocasionalmente, era caiada de branco.

Disse-me que não tinha telhado de colmo e que o telhado apresentava uma acentuada curvatura — confirmando a minha memória. A casa estava colocada de lado em relação à estrada — virada para o portão de entrada da mansão, segundo Sonny — com uma porta situada aproximadamente ao centro. Cada uma das duas divisões ia da frente até às traseiras e existia efetivamente uma divisória de madeira logo à entrada da porta principal, obrigando as pessoas a virar à esquerda ou à direita para prosseguirem para o interior da casa. Mencionara também anexos contíguos. Sonny confirmou todos estes detalhes.

O portão da entrada tinha o tamanho de um portão agrícola e a estrada fora asfaltada em certa altura. Eu lembrava-me do que devia ter sido o asfaltamento — enormes cilindros a vapor e o cheiro do alcatrão — e Sonny também se lembrava. Acrescentou que a entrada formava um semicírculo com três portões, um grande e dois pequenos.

Um muro de pedra, que eu descrevera como desconfortável para nos encostarmos, estendia-se entre a casa e o caminho. Eu sentira que poderia haver pedras colocadas de cutelo ao longo do topo, o que de facto acontecia. Da mesma forma, ambos descrevemos o pedaço de terra ao lado da casa utilizado para cultivar legumes, bem como o riacho que corria de sul para norte em direção ao mar, passando sob uma ponte no caminho.

Eu sentira que estava escuro quando se entrava na casa e sabia que havia janelas na frente, poucas ou nenhumas atrás, e nenhuma nas empenas laterais. Sonny confirmou que as únicas duas janelas ficavam do mesmo lado da porta principal — duas, uma para cada divisão, com topos ovais que abriam.

Eu dissera que a casa era arrendada a um homem conhecido pela alcunha de Mac, que tinha trabalho ao longo da costa. Na verdade, pertencia a uma família chamada MacMahon, que também era proprietária

de Gaybrook House. (Tal como aconteceu com várias das memórias, a sensação relativa ao trabalho ao longo da costa pode ter pertencido a um detalhe separado que se confundiu e acabou associado ao lugar errado. Em alternativa, Mac poderá ter possuído outras propriedades ao longo da costa.)

A posição das zonas húmidas do outro lado da estrada — chamadas os «Bottoms» pela família, segundo Sonny — e os bosques próximos da casa tinham sido mencionados por ambos. Ele lembrava-se de brincar ali em criança.

Quando falámos das esperas de Mary no cais, sozinha e ao anoitecer, Sonny ficou realmente animado e mostrou-me um mapa de Malahide. Indicou-me o cais que eu visitara e que sentira reconhecer como sendo o da memória. Em tempos fora de madeira, tal como eu o descrevera.

— Vou dizer-lhe porque se lembra daquele cais — disse Sonny. — Em rapaz, eu costumava transportar tacos de golfe para os jogadores na ilha e, ao anoitecer, a minha mãe esperava-me no cais para regressarmos juntos a casa.

Ele ganhava dois xelins e seis pence (15 pence), dos quais entregava dois xelins à mãe e guardava os seis pence para si. Portanto, eu estivera de facto à espera de um barco, embora apenas de um pequeno barco a remos que fazia a travessia. Disse-lhe que fazia frio, algo que sentia através do xaile, e ele concordou que realmente devia estar frio por causa das brisas marítimas.

Falámos dos campos e dos bosques em redor da portaria. As crianças apanhavam faisões utilizando sacos castanhos de papel para açúcar contendo milho, ou então encandeando-os à noite com uma lanterna. Sem isso não teria havido carne na alimentação delas. Contou-me também como comiam legumes crus tirados dos campos e descascados com um canivete. Ele tinha realmente o pequeno cão preto que eu descrevera.

As crianças andavam descalças; as suas roupas eram feitas a partir de peças velhas, cortadas e refeitas pela mãe. (Isto era algo que eu também fazia com os meus próprios filhos.) Sonny descreveu a mãe como uma excelente costureira, algo que eu também mencionara.

Na tabela de comparações estava a descrição da lebre apanhada na armadilha. Eu descrevera a posição do laço, acrescentando que era de manhã cedo e que Sonny teria cerca de onze anos. Falei durante alguns minutos e depois ele ficou simplesmente a olhar para mim, perplexo, dizendo:

— Como é que sabia disso?

Eu pensara que a lebre ainda estava viva quando fora encontrada. Sob hipnose eu dissera apenas: «Ainda está viva!» Naquela tarde Sonny contou-me que realmente estava. Esta foi claramente a primeira informação cuja exatidão o chocou verdadeiramente. O incidente era algo tão privado para ele e para a família — como poderia outra pessoa saber disso?

Falámos durante algum tempo sobre comida. A principal refeição diária consistia em batatas cozidas com casca, manteiga e um jarro de leitelho. Sonny começou a descrever o tipo de papas de aveia que a mãe fazia ao pequeno-almoço, dizendo que eram feitas com aveia grossa cortada. Mas não precisou de concluir a descrição. Eu própria já utilizara esse tipo de aveia e sabia que produz umas papas mais espessas e substanciais do que outros tipos de aveia.

Falou do fogão integrado na lareira de que eu me lembrava. Tinha placas de ambos os lados e um gancho pendurado na chaminé para os tachos. Sentia-me bastante exaltada — tantos factos coincidiam exatamente com as minhas memórias! Era fácil esquecer que Sonny e eu não tínhamos partilhado o passado de uma forma normal. Estar sentada na confortável sala do filho de Mary, falando com ele sobre os anos que sentia ter perdido, era uma experiência traumática, mas fazia-me sentir mais completa do que nunca.

O facto de Sonny ser tão amável e compreensivo era maravilhoso. Se ele tivesse sido menos atencioso e menos capaz de aceitar revelações tão extraordinárias, não creio que eu tivesse conseguido continuar.

Discutimos em maior detalhe as pessoas mais próximas de Mary. As crianças. As minhas descrições delas eram bastante exatas, embora eu descobrisse que algumas estavam melhores do que outras. O facto de o filho mais novo, Francis, ser calado e mexer constantemente na roupa era uma característica de que Sonny se lembrava. Mostrou-me uma fotografia dos irmãos tirada alguns anos antes, quando se tinham reencontrado. Nela,

Christopher fazia-me lembrar muito o pai de Mary, tanto na constituição como na aparência. O estranho era que provavelmente tinha na fotografia mais ou menos a mesma idade que o pai de Mary tinha nas minhas memórias.

A bonita menina loira de quem eu me lembrava revelou ser a sétima criança, Bridget. A mais nova, a bebé Elizabeth, parecia, pela descrição de Sonny, muito semelhante à boneca que eu escolhera na infância e à qual dera o mesmo nome: tinha olhos azuis e cabelo loiro-areia. Poderia a minha boneca ter sido um substituto psicológico da bebé?

Dois bebés não sobreviveram. Morreu uma criança entre Sonny e Mary, bem como o filho de quem eu me lembrava pouco antes da última criança nascer. Este era particularmente recordado por Sonny. Tanto Mary como o marido tinham sido avisados de que, se ela tivesse mais filhos, seria ela a morrer. Dentro de um ano nasceu outra criança, o que efetivamente causou a morte de Mary. Sonny continuava a culpar o pai por isso.

A minha descrição da própria Mary pareceu ser aceite. Sonny disse que ela era de altura média (o que explica a sensação que tive aos treze anos de ter crescido demasiado), e uma pessoa firme, robusta e alegre. Usava o cabelo comprido e escuro apanhado num carrapito. Eu descrevera repetidamente as roupas de Mary — a blusa com mangas três quartos franzidas num punho estreito, a saia escura de lã até meio da perna e o xaile. Sonny confirmou todos estes detalhes. Aparentemente não usava joias — apenas a aliança de casamento.

As memórias da amiga que passava tempo em casa e conversava enquanto Mary trabalhava, e que eu sentia ir à igreja com a família, provocaram uma reação muito positiva. Não se chamava Molly, como eu pensara, mas Mary Monahan. Também participava nas viagens vagamente recordadas à cidade sem as crianças. Essas visitas eram feitas de autocarro, à sexta-feira à noite, para ir ao mercado.

Nesse momento interrompi Sonny e descrevi novamente o mercado e a rua com grande detalhe. Ele não conseguia lembrar-se de haver uma caixa de correio onde eu dissera, e eu não me lembrara das linhas do elétrico, mas o resto era igual — ruas empedradas e bancas. Foi um alívio. Eu tentara situar aquele mercado em Malahide, mas nada encaixava; agora compreendia. Sonny disse-me que era Moore Street, em Dublin, e que

ficava muito perto do Hospital Rotunda. Sonny e o filho de Mary Monahan iam esperar o autocarro quando este regressava, e os dois rapazes acompanhavam as mães a casa.

A memória do pai de Mary sempre trouxe consigo enormes sentimentos de calor humano e afeição. Eu lembrava-me dele vestido com roupas gastas e a cuidar dos campos. Não tinha a certeza quanto ao seu trabalho, e Sonny disse que ele era chefe da estação de Portmarnock, uma aldeia a sudeste de Malahide. Vivia na casa da estação. Embora eu tivesse memórias de observar comboios a vapor, mas não de viajar neles, nunca fizera a ligação. Tudo passou a fazer muito mais sentido quando me disseram que Portmarnock era uma estação de passagem onde os comboios normalmente não paravam. O seu trabalho consistia em manter a estação limpa e cuidar dos campos pertencentes à propriedade ferroviária. Não usava uniforme, mas sim calças de bombazina atadas nos tornozelos com cordel. Era natural do Yorkshire e fora empregado pelos proprietários britânicos da linha ferroviária. Tinha um verdadeiro sentido de humor, algo também recordado por Sonny.

Eu descrevera a casa dos pais de Mary como sendo de pedra e isolada, e naturalmente as casas de estação costumam ser isoladas. O nome da estrada que eu indicara como Walldown Lane era, na realidade, Watery Lane (pelo menos acertara na inicial!). Mary e o marido viveram ali durante algum tempo após o casamento, antes de se mudarem primeiro para Kinsaley, a duas milhas de Malahide, e depois finalmente para Gaybrook Lodge. Teria sido talvez ali que vivera a família Lett, em Portmarnock ou nas proximidades?

Os dois irmãos de Mary de quem eu me lembrava e que partiram para o estrangeiro eram Michael e Christopher. Michael foi para Inglaterra, para Kettering, em Northamptonshire, enquanto Christopher morreu durante a Primeira Guerra Mundial em Lucknow, na Índia, aos dezanove anos. Era a fotografia dele, vestido com uniforme militar, que eu mencionara vagamente estar pendurada na parede da casa. A fotografia era bastante grande e estava rodeada por uma moldura em forma de ferradura com a lista das batalhas. Outra fotografia naquela casa, de que eu não me lembrava, era a da própria Mary, com o cabelo apanhado num carrapito.

Aparentemente, Mary tinha também uma irmã, embora eu não me lembrasse dela. Tinha quatro filhos e vivia em Malahide, em The Hill, o

prolongamento de Church Road. Sonny falou das visitas que lhe fazia ali, o que esclareceu mais um dos mistérios. Para ir e voltar de The Hill, Mary tinha de passar tanto pela loja do talhante como pela igreja de St Andrew, aquela que eu descrevera tão claramente e desenhara a partir das minhas memórias. Eu perguntara-me para onde Mary ia, e finalmente sabia.

As minhas memórias do marido sempre foram vagas. Conseguia recordá-lo em jovem, elegante e bonito, mas um pouco vaidoso e ligeiramente arrogante. O toque de egoísmo nessa idade parecia torná-lo talvez mais atraente para a jovem e algo ingénua Mary. Certamente lembro-me da sensação de que ele era atraente. Mas, mais tarde, raramente estava presente e os sentimentos alteraram-se. Sentia que via os filhos como rivais pela atenção de Mary, e as poucas palavras trocadas pareciam secas e ríspidas. Lembrava-me dele como soldado na Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, trabalhando com enormes madeiras no alto dos telhados. Via um homem trabalhador, de altura média, forte e de ombros largos.

O trabalho do marido de Mary, em que tanto Sonny como eu concordávamos que ele era extremamente competente, era o de montador de andaimes. Trabalhava com orgulho, usando enormes postes presos com cabos de arame — daí as memórias dos telhados, das grandes madeiras e do cheiro a serradura. Chamava-se John Sutton e tinha sido soldado, mas não era britânico. Era do condado de Kildare e, durante a Primeira Guerra Mundial, servira nos Royal Dublin Fusiliers. Sonny concordou que era um homem muito elegante, de altura média, muito em forma e magro, e disse que tinha cabelo preto a ficar grisalho nas têmporas.

Sonny contou-me que o pai fora violento tanto com os filhos como com a mulher, batendo-lhe e espancando as crianças com um cinto grande de fivela de latão. Era alcoólico desde que Sonny tinha memória, passando a maior parte do tempo livre no pub. Se Mary queria garantir algum dinheiro para as despesas da casa no fim da semana, tinha de o obter dele enquanto ainda estava sóbrio e antes que gastasse tudo.

Esta revelação fez-me compreender tantas coisas — explicava o sentido esmagador de responsabilidade pelas crianças, que eu nunca conseguira realmente compreender, a sensação de cautela silenciosa, o medo ocasional. Como Mary, eu não tinha qualquer recordação da violência, mas também, na minha própria vida, quase não tenho

recordações da violência do meu pai. Em ambos os casos falaram-me disso, e eu lembro-me do medo, mas pouco mais. Creio, e isso é amplamente reconhecido, que quando as pessoas sofrem um acidente ou algo igualmente traumático tendem a apagar a pior parte da experiência.

O abuso, seja físico ou psicológico, prejudica o sentimento de autoestima, e recordá-lo com clareza torna os que sofrem tão receosos da vida que se torna quase impossível continuar. Ou se vive em medo constante e sem qualquer respeito por si próprio, ou se empurram os acontecimentos o mais para longe possível para conseguir prosseguir. Foi isso, em certo sentido, que eu fizera durante toda a vida por causa do que sofrera na infância. Quando percebi que, como Mary, carregara o mesmo tipo de horror reprimido, deixei de me admirar com os problemas que dominaram a minha vida.

Como Mary, lembro-me do medo, mas não da razão pela qual sentia medo. Lembro-me de que o marido de Mary estava ausente durante longos períodos e, no entanto, eu tinha de esperar e estar preparada para o seu regresso. Lembro-me da sensação de ter de fazer tudo corretamente, mas não do castigo que se seguiria se não o fizesse. A principal emoção era sempre uma enorme necessidade de proteger e ser responsável pelas crianças.

Ao pensar em John Sutton, o marido de Mary, comecei quase a sentir pena dele, em vez de raiva. Se tivesse sido o tipo de pessoa capaz de falar dos seus sentimentos, se não tivesse tido de trabalhar tantas horas, se não houvesse tantas crianças, não poderia ter sido um homem diferente? Depois da morte de Mary, permaneceu na portaria durante alguns anos e depois voltou a casar-se, indo para a Escócia no final de 1939 ou no início de 1940. Não surpreendentemente, isso deixou-me muito zangada, sobretudo quando Sonny continuou a contar o que acontecera às crianças.

A melhor coisa em conhecer Sonny, para além de ficar a conhecer uma pessoa adorável, foi descobrir finalmente o que acontecera à família depois da morte de Mary. As notícias acerca deles estavam longe de ser boas, mas pelo menos agora eu sabia.

A bebé Elizabeth fora levada pelo tio paterno enquanto o pai estava fora. Sonny entregara-lha e mais tarde fora severamente repreendido pelo pai por o ter feito. Mas ele era apenas um rapaz, tentando fazer o que o tio

lhe dissera. Não poderia ter tomado conta de um bebé aos treze anos; nem o pai o poderia fazer, já que trabalhava o dia inteiro. O pai foi à casa do irmão, em Leixlip, no condado de Kildare, para recuperar a bebé. Recusaram devolvê-la. Acabou por aceitar a derrota, e a menina foi adotada pela família do irmão. Sonny não foi convidado a visitá-la, pelo que nunca mais a viu.

As outras crianças, exceto Sonny, foram retiradas ao pai pelas autoridades, por este ter sido considerado incapaz de cuidar delas. Os três rapazes foram colocados na Artane Industrial School, um orfanato dos Irmãos Cristãos em Dublin. Fugiram de lá um ano depois e foram colocados noutra instituição em Cork. Incapaz de viajar tão longe, Sonny perdeu contacto com eles durante quase cinquenta anos. As outras três raparigas foram enviadas para um colégio conventual em Booterstown, Dublin, pelo que Sonny conseguia visitá-las de vez em quando. Por muito que elas talvez odiassem aquilo, eu não conseguia deixar de sentir que estavam melhor ali do que teriam estado em casa.

Para Sonny, porém, que continuava em casa, as coisas pioraram muito. O pai devia sentir-se completamente destruído e tornou-se ainda mais violento.

Aos dezassete anos, Sonny mentiu sobre a idade e alistou-se no Exército do Estado Livre Irlandês. Depois disso casou-se, foi para Inglaterra e juntou-se à RAF. A sua primeira mulher morreu, mas mais tarde voltou a casar-se muito feliz.

Com Sonny ausente, Mary, a filha mais velha, foi retirada do orfanato e enviada para casa para cuidar do pai. Depois de ouvir como a vida fora dura para Sonny durante aqueles anos sozinho com o pai, suportando espancamentos e agressões constantes, eu só podia imaginar o que acontecera à irmã. Acabou também por conseguir escapar. Teve a sorte de encontrar um marido muito atencioso e amoroso. Foi uma tragédia que morresse tão cedo, ao dar à luz.

Philomena e Bridget eram muito mais novas do que Sonny, por isso, enquanto ele estava no Exército, elas ainda permaneciam no convento e ele via-as pouco. Contudo, antes de deixar Dublin definitivamente, viu duas das irmãs casadas e com filhos. Philomena teve oito, e Bridget dois.

Durante cerca de uma semana depois de visitar o filho de Mary, estive tão feliz que várias coisas não encaixaram imediatamente. Não percebi todas as implicações do nosso encontro. A minha própria infância foi suficientemente desagradável para que agora me seja difícil ou doloroso tentar recordá-la. Eu tinha treze anos quando os meus pais se separaram e, embora a vida fosse uma luta, a minha mãe conseguiu aguentar-se. Conseguiu encontrar um lugar para vivermos, dinheiro suficiente para nos alimentar e, por fim, proporcionar-nos uma vida melhor, ainda que modesta. Sonny tinha treze anos quando a mãe morreu. A sua vida familiar sempre fora má, com um pai alcoólico que batia na mulher e nos filhos, mas, depois da morte da mãe, tornou-se inimaginavelmente pior.

Eu fizera com que alguém que desejara tão desesperadamente encontrar, cujo bem-estar era tão vital para mim, recordasse e revivesse os piores momentos da sua vida. Mas Sonny parecia aceitar-me e trocávamos cartas frequentemente. Eu, da minha parte, tentava dizer coisas que não conseguira expressar no nosso encontro, enquanto ele descrevia mais uma vez a infância após a morte da mãe. Esta carta pungente foi, na verdade, uma carta que ele enviara a Gitti:

«Depois da morte da minha mãe, em 1932, a minha vida, aos treze anos, ficou em completo tumulto; o chão desapareceu debaixo dos meus pés… Ela vivia para os filhos, mas ao mesmo tempo tinha de suportar os espancamentos e os olhos negros. Muitas vezes, quando era rapaz, metia-me entre eles e então o meu pai bêbedo batia-me por interferir. Era pior quando ele chegava do pub bêbedo, com cortes por toda a cara por causa das lutas com os companheiros. Descarregava a vingança na minha mãe e em nós, os filhos. Nenhum de nós estava seguro quando ele bebia.»

Mais adiante na carta descreve o tipo de alimentação com que tinham de sobreviver.

«A nossa principal refeição eram batatas cozidas com casca, leitelho e alguma manteiga que ela conseguia arranjar ao lavrador. A maior parte da nossa comida era à noite. Quando escurecia, íamos aos campos roubar batatas, couves e nabos para que a nossa mãe pudesse alimentar-nos. Muitas e muitas vezes ela não recebia dinheiro nenhum do meu pai, porque ele gastava tudo no pub.

Alguns de nós trabalhávamos nos campos por alguns tostões; os outros iam aos bosques cortar ramos das árvores e transformá-los em lenha para a nossa mãe poder acender o fogo e fazer pão. Mas, se não o fizéssemos e a refeição do meu pai não estivesse pronta, a minha mãe e nós, os filhos, levávamos uma grande tareia.

Ela era apenas uma mulher jovem, mas parecia uma velha; a vida tinha-lhe sido sugada pelos partos e pelas surras que levava.»

Numa visita posterior descobri que, para meu alívio, embora recordar a infância tivesse levado Sonny a reviver várias experiências dolorosas, o efeito global fora o de desabafar. Tivera um resultado positivo em vez de negativo.

Mais tarde Sonny enviou-me outra carta, novamente sobre os anos após a morte de Mary.

«Eu tinha apenas treze anos. Tinha de ir à escola, trabalhar nos campos e cuidar da casa desde o momento em que chegava da escola. Tinha de ter a refeição dele pronta à hora a que regressasse; se não, levava uma tareia.

Saí da escola aos catorze anos e fui trabalhar para um agricultor… em Yellow Walls. O meu dia começava às quatro da manhã.»

O seu trabalho consistia em encher dois carros puxados por cavalos com legumes, como couves e batatas, e com palha ou feno. Depois caminhava com os carros durante nove milhas até aos mercados de Dublin e podia permanecer lá até às seis e meia ou sete da tarde, ou até vender a carga. Em seguida, podia ainda ter de entregar parte dos produtos noutras zonas da cidade antes de regressar a um armazém em Dublin e carregar estrume para a viagem de volta. Depois caminhava novamente as nove milhas até Malahide. Quando trazia os carros de legumes de regresso, fazia uma refeição em casa do agricultor e depois descarregava e preparava os carros para o dia seguinte. Nessa altura já era tarde. Recebia menos de uma libra por semana, mas nunca em dinheiro.

«O agricultor também tinha uma loja», escreveu ele, «por isso, em vez de receber o salário em dinheiro, levantava-o em coisas como cigarros para o meu pai, pão, chá e açúcar.»

Se permanecesse em casa, esperava-se que cuidasse da casa para o pai como a mãe fizera, e era ele quem suportava o peso da agressividade do pai. Diz:

«Tive mais olhos negros e nódoas negras do que um pugilista.»

Passava frequentemente fome, e os vizinhos começaram a alimentá-lo.

«Aguentei aquele tratamento durante um ano. Então comecei a dormir fora de casa, em celeiros de feno e valas, em qualquer lugar onde pudesse abrigar-me durante a noite. E ele andava à minha procura. Encontrou-me algumas vezes e até hoje não esqueci as surras que levei. Os meus amigos e vizinhos não me davam abrigo para passar a noite porque, quando ele descobria, ia às casas deles arranjar problemas. Às vezes chegava a pôr a polícia à minha procura. Aguentei aquela vida durante quatro anos, por pouco.»

Alistar-se no Exército sendo menor de idade foi provavelmente a melhor coisa que poderia ter feito, porque depois disso libertou-se do pai.

Sempre que Sonny e eu nos encontramos surgem mais coisas relacionadas com as memórias, ou com aspetos do meu próprio comportamento, que se ligam ao passado. Sonny contou-me que os pais discutiam, o que inicialmente me pareceu uma situação de confronto mútuo. Estava prestes a discordar quando ele esclareceu o que queria dizer. Aparentemente era tudo unilateral, pois Mary não se atrevia a contradizer o marido nem a defender-se. Isso parecia corresponder à forma como eu recordava as coisas.

Também se relacionava com a maneira como eu própria sou, especialmente na infância e no início da idade adulta. Se alguém levantasse a voz comigo ou fosse particularmente dogmático, eu preferia afastar-me a manter a posição. Só nos últimos anos descobri que às vezes é possível expor um ponto de vista com calma, mesmo quando os outros levantam a voz, sem receio de represálias.

Outros detalhes também começaram a encaixar. Sempre tivera dúvidas sobre se o marido ia à igreja com a família. Aparentemente era católico e acompanhava-os até à igreja, mas nunca entrava; possivelmente foi isso que causou a confusão.

Sonny mencionou a garagem na esquina da Swords Road que eu não reconhecera na minha visita a Malahide. Conversando, percebemos que ela fora construída alguns anos depois de um incêndio num edifício próximo da esquina. O incêndio ocorrera em 1926. Ou seja, a garagem foi construída na época da morte de Mary ou até depois disso.

Eu pensara que a zona da cozinha ficava do lado da casa voltado para a estrada, ocupando todo o edifício da frente às traseiras, e isso era realmente verdade. De qualquer modo, existiam apenas duas divisões. As crianças dormiam todas em duas camas no quarto; a cozinha era onde Mary e o marido dormiam, embora, com apenas duas divisões, a palavra «cozinha» não descreva adequadamente a função daquele espaço.

Com a minha paixão pela música tradicional irlandesa, especialmente ao vivo, não fiquei surpreendida ao saber que os únicos verdadeiros passeios da família eram duas ou três visitas por ano a Crossroads, em Yellow Walls, onde havia dança ao som de um grupo tradicional. Este era certamente o passeio ocasional na direção oposta ao centro de Malahide de que eu me lembrava e que mencionara.

Sonny falou-me de um estaleiro de construção em Malahide pertencente a alguém aparentado com o marido da irmã de Mary. Quando esclarecemos a localização — em The Mall, quase em frente ao fim de Church Road — eu disse que já não existia. Depois perguntei acerca dos grandes portões de madeira que tinham um significado tão marcante nas minhas memórias. O estaleiro tinha um par de grandes portões de madeira, disse Sonny, e mais um mistério foi resolvido.

Eu descrevera um pão achatado e redondo, e isso revelou ser o tradicional pão de soda irlandês. E quando Sonny disse que preferia o pão feito na grande forma, consegui descrever a maneira como ele crescia e saía por cima da forma durante a cozedura.

Cada vez que vejo Sonny, falo com ele ou recebo uma carta sua, mais peças são acrescentadas ao puzzle e a minha imagem torna-se mais completa.

Sonny incentivou-me a entrar em contacto com Frank e Christopher para lhes dar a conhecer o que estava a acontecer. Tinha muita vontade de que tudo fosse tratado de forma justa e queria que eu estabelecesse esse contacto. Escrevi a ambos, mas nenhum respondeu. Contudo, como

resultado direto das minhas cartas, os dois voltaram a escrever a Sonny. Pelo menos isso foi positivo, e senti-me satisfeita por os meus instintos maternais terem servido para reacender os laços familiares.

Depois, em outubro de 1990, através de um anúncio que eu colocara no *Dublin Evening Press*, tive notícias da mais nova dos filhos de Mary, Elizabeth, a menina que fora adotada. Fiquei radiante. Agora chamada Betty Keegan, de Rathfarnham, tinha sessenta anos, era casada e tinha seis filhos.

Só aos dezasseis ou dezassete anos lhe disseram que era adotada e que tinha irmãos e irmãs; nessa altura não fazia ideia de onde o resto da família poderia estar. Sempre quisera encontrar os parentes, e o anúncio no jornal parecera-lhe enviado do céu. A sua carta, porém, era reservada e cautelosa, escondendo os verdadeiros sentimentos de entusiasmo, que só mais tarde expressou.

Como agora eu sabia o que acontecera às crianças e tivera uma reação tão positiva de Sonny, não senti necessidade imediata de explicar a Betty a razão do meu envolvimento. Era mais importante dar-lhe a oportunidade de descobrir a própria família sem que eu me intrometesse ou acrescentasse uma complexidade desnecessária. Pus Sonny e ela em contacto um com o outro e também lhe dei os endereços dos outros três irmãos, caso quisesse escrever-lhes.

Outra razão para a minha reserva era o facto de, dos quatro irmãos com quem estabelecera contacto, apenas Sonny ter querido falar comigo. Jeffrey nunca mais voltara a entrar em contacto, e Christopher sentia-se mais confortável em perguntar coisas ao irmão do que em falar diretamente comigo. Mas, com o passar do tempo, fui sendo aceite por mais membros da família.

Voltei a escrever a Frank em outubro para lhe dizer que conseguira localizar a irmã Betty. Só no final de dezembro as filhas dele me responderam, pedindo desculpa pela demora. Explicaram que o pai era muito cético e não acreditava em reencarnação. Elas próprias, contudo, estavam interessadas e queriam saber mais acerca da avó e da história da família. Poderia eu contar-lhes? Seguiu-se uma troca de cartas lenta mas constante.

Ter esse contacto com um número crescente de membros da família de Mary foi um enorme alívio para mim, e senti-me incrivelmente feliz. Mas houve alguns ajustamentos necessários na minha própria vida que eu não previra.

Nunca me ocorrera que os meus dois filhos se sentissem ameaçados pela minha descoberta dos filhos de Mary, pois eu tinha com eles uma relação tão próxima e de tanta confiança. Mas a minha filha atravessou uma fase muito difícil quando percebeu que Sonny, em particular, iria continuar a fazer parte da minha vida. Sofrendo daquilo que só posso descrever como rivalidade entre irmãos, precisava de muitas garantias de que era especial na minha vida e continuaria a sê-lo. A conversa teve de ser conduzida com extremo cuidado.

Eu não podia diminuir aos olhos dela os sentimentos que tinha pelos filhos de Mary, ou ela poderia sentir que se tornaria menos importante para mim com o tempo ou com a idade. Contudo, precisava de saber que a forma como eu sentia por ela era especialmente única. Acabámos por encontrar uma fórmula aceitável. Ela era especial; todos os filhos são especiais para as mães; e os meus sentimentos pelos filhos de Mary também eram especiais — mas diferentes, porque eu agora era diferente. O ciúme foi diminuindo lentamente à medida que passávamos tempo a discutir a situação repetidamente até que ela se sentiu segura de novo.

O meu filho não reagiu da mesma maneira, mas não consegui evitar compará-lo com Sonny na mesma idade. São pessoas muito diferentes, mas alguns sentimentos e semelhanças exigem comparação. Vejo o mesmo sentido de independência e responsabilidade, a mesma abordagem aberta mas realista da vida, reforçada por uma gentileza e consideração que distinguem um homem acima dos outros. É com grande alegria que espero por um futuro que sinto ter-me sido retirado uma vez antes; ver os meus filhos tornarem-se adultos.

Enquanto procurava a minha outra família, reuni um grande e pesado arquivo de cartas e informações. Guardei a conta do hotel em Malahide, os detalhes da minha viagem aérea e todas as cartas desde esse momento. Tinha mapas obtidos desde 1980, bem como dezenas de cartas de lares de crianças e de pessoas com o mesmo apelido de Mary e das crianças, que poderiam ser parentes. As cartas mais importantes eram as do senhor Mahon, em Swords Road, e do padre de Dublin que fora tão amável. Tinha

também a certidão de óbito de Mary, as certidões de nascimento de Jeffrey e Elizabeth e todas as comunicações com a investigadora de televisão.

Havia duas razões para eu precisar de um dossier tão completo. Representava a minha prova, um registo de todas as comunicações e descobertas que outros poderiam verificar, se necessário, quanto a detalhes, datas e assim por diante. Mas, acima de tudo, era a minha compensação pelo tempo perdido enquanto as crianças cresciam. Todas as mães guardam recordações da vida dos filhos, e assim os meus arquivos eram uma espécie de consolo, algo que me ajudava a sentir-me envolvida e parte da família. Ler novamente todas aquelas cartas ajudava-me a aceitar que já não precisava de me preocupar nem de me sentir tão atormentada e responsável.

Em março de 1992, a coleção de cartas crescera consideravelmente à medida que o número de familiares em contacto comigo aumentava lentamente. Tinha também uma árvore genealógica e muitas fotografias. Queria saber tudo o que a família quisesse contar-me. Havia tanto para recuperar. Sonny tinha oito filhos — quatro rapazes e quatro raparigas — a mais nova das quais conheci na minha segunda visita e achei ser uma senhora amável e gentil da minha idade.

Sempre que nos encontramos fico a saber mais acerca dos filhos dele, bem como da sua própria vida. Uma das descobertas mais recentes, por exemplo, é que nascera em Inglaterra. Os pais passaram algum tempo com Michael, o irmão de Mary, em Kettering, imediatamente após o casamento, antes de regressarem à Irlanda e à casa dos pais de Mary, em Portmarnock.

A segunda criança era Mary, a filha que partilhava o nome da mãe. Nasceu em 1922 e morreu aos vinte e quatro anos. Tudo o que tenho no meu arquivo acerca dela é um documento de pesquisa do Registo Civil mostrando que não conseguiram localizar o seu nascimento — certamente antes da mudança para Malahide, talvez em Portmarnock? — e uma fotocópia de uma fotografia que o marido guardou consigo toda a vida até ele próprio morrer, no Natal de 1991.

Vivia perto de Sonny e mantivera o contacto e a amizade ao longo dos anos. Gentilmente permitiu-me pedir emprestada a fotografia e fazer cópias para mim e para Sonny. Também lhe enviei uma ampliação, já que o original era uma pequena fotografia de grupo, e tudo pelo correio de

retorno, para que não ficasse demasiado tempo separado daquela recordação tão querida.

Tinha fotografias de Jeffrey, o segundo filho, dadas por Sonny. Tinham sido tiradas alguns anos antes, por ocasião do reencontro dos irmãos. Este fora o filho com quem eu primeiro entrara em contacto, mas de quem não recebera mais nenhuma resposta. Também no meu arquivo estavam o recorte da minha carta ao jornal de Dublin, procurando a família, e o pedaço de envelope rasgado com a morada correta mas o nome próprio errado, enviado anonimamente.

A quarta criança, Philomena, que nascera em 3 de agosto de 1925, residira pela última vez, segundo se sabia, na Dolphins Barn Road, em Dublin, mas isso fora em 1955. O marido trabalhava nos campos de golfe de Velvet Strand, em Portmarnock. Tentei as igrejas da zona, mas sem sucesso. Sonny acreditava que ela poderia ter ido para Londres, por isso mais uma vez coloquei anúncios em jornais londrinos e telefonei para todas as pessoas na lista telefónica de Londres com o apelido de casada dela. Por fim recorri aos serviços do Exército de Salvação, mas sem êxito.

Christopher, o filho nascido em 1926, ainda esperava visitar o irmão Sonny — não se viam desde aquele reencontro — mas tivera de adiar repetidamente devido a problemas de saúde. Fui convidada a conhecê-lo, mas ainda não tive contacto direto com ele. As respostas continuam a chegar através de Sonny. Fora ele quem conseguira localizar os irmãos e reuni-los novamente.

O filho mais novo, Frank, nascido em 1928, alegrou-me o dia ao falar comigo ao telefone no Natal de 1991. Eu estivera em contacto com as filhas dele durante cerca de um ano, e elas enviaram-me a certidão de nascimento dele para eu fotocopiar e devolver. Para mim, isso indicava um nível invulgar de confiança.

A criança seguinte, a sétima, Bridget ou Bridie, aquela de quem me lembro como doce, bonita e loira, ainda não fora encontrada. Nascera em 1929 e, já adulta, vivera em Rathmines, Dublin. O marido estava na Força Aérea. Acredita-se também que Bridget tenha ido para Londres na década de 1950, mas o Exército de Salvação não conseguiu encontrá-la.

A oitava criança sobrevivente, Elizabeth ou Betty, a menina que nascera em outubro de 1932 apenas algumas semanas antes da morte de

Mary, ainda não entrara diretamente em contacto comigo. Contudo, acabei por lhe explicar a minha ligação à família, cerca de um ano depois da sua primeira resposta ao anúncio no jornal. Tenho apenas uma breve carta dela no meu arquivo, a resposta inicial, uma cópia da certidão de nascimento e uma cópia a cores de uma fotografia enviada a Sonny e que ele depois me emprestou. Ele sabe como todas estas pequenas coisas são importantes para mim. Sonny foi o meu apoio e incentivo ao longo de todo o processo.

De cada membro da família com quem mantenho contacto recebo notícias de filhos e netos, e alegro-me com cada pequena informação, extremamente grata pelo nível de aceitação e amizade que me oferecem. Sinto-me muito afortunada.

Em 1992 Sonny decidiu que queria visitar a família na Irlanda. Fez os preparativos para ir em julho e perguntou-me se eu poderia organizar algum tipo de cobertura jornalística — afinal, ia ver Betty pela primeira vez em cerca de sessenta anos! Escrevi então para o *Irish Independent* e, quando Sonny se encontrou com Betty em 24 de julho de 1992, o jornal publicou um pequeno relato da história deles e uma referência muito breve ao facto de ter sido a minha investigação que os reunira. Sonny conseguiu também visitar Christopher e Frank, embora não tenha conseguido ver Jeffrey. Só tive pena de não poder estar presente.

O artigo de Geraldine Collins no *Irish Independent* acerca do reencontro foi seguido por outro texto de Steven McGrath mencionando as razões da minha investigação. Fora Frank quem promovera isso e, para mim, foi maravilhoso. Despertou muito interesse e talvez ajudasse a localizar Philomena e Bridget, além de fomentar maior confiança por parte dos filhos. Depois da publicação do artigo recebi uma carta adorável de Betty. Talvez Sonny a tivesse tranquilizado quanto ao facto de eu não ser completamente estranha nem inacessível.

No entanto, a melhor coisa que aconteceu foi o reencontro com Philomena, ou Phyllis, como agora era conhecida. Depois de todas as minhas investigações em Inglaterra, ela afinal vivia na Irlanda. O filho leu no jornal o artigo sobre Sonny e Betty e pensou que devia tratar-se da família da mãe. Ela contactou o jornal e recebeu os endereços dos irmãos. O *Irish Independent* chegou mesmo a escrever-me, o que considerei extremamente amável da parte deles.

Apesar de ter conseguido localizar tantos membros da família, continuei a ter sonhos e devaneios que recordavam pequenos aspetos da vida de Mary. Tinha regressado ao ponto de partida e talvez agora pudesse permitir-me aceitar tudo como aceitara na infância.

Um desses detalhes era o de esperar à porta da escola local com os almoços para as crianças. Elas saíam para recolher a comida e a bebida e regressavam rapidamente ao edifício escolar. Foi depois de conhecer Phyllis, em 4 de outubro de 1992, que isso foi confirmado por ela. Disse-me lembrar-se da mãe levar chá e sanduíches até ao portão da escola à hora do almoço. Falou também do atalho ao lado da igreja protestante, que eu tentara encontrar e utilizar durante a minha estadia em Malahide.

Disse-lhe que agora tinham construído uma casa no campo e que já não me parecia possível atravessar por ali. E, como algumas das minhas primeiras memórias eram de pedir à filha mais velha, Mary, para ir buscar água, a descrição que então me fizeram das irmãs indo até à bomba de água foi importante para me tranquilizar quanto a mais um pequeno detalhe.

O encontro com Phyllis — em casa de Sonny — deu-me grande prazer, bem como algum alívio. Era apenas a segunda das crianças que eu efetivamente conhecia. Provavelmente o ponto alto foi o facto de Phyllis possuir a única fotografia conhecida ainda existente de Mary. Gentilmente providenciara cópias para cada membro da família e uma para mim.

A fotografia mostrava Phyllis com cerca de dois anos, ao lado da mãe. Mary teria cerca de trinta e um anos quando a fotografia foi tirada. Era algo que eu queria e precisava. Poder olhar para uma fotografia e ver a prova física, preencher aquela peça do puzzle, ter a certeza. Não conseguia parar de olhar para a imagem. Emoldurei a minha cópia e coloquei-a num lugar onde a possa ver ao acordar todos os dias.

Era inevitável que procurasse comparações no rosto dela. Seria como eu esperava? Seria como eu a descrevera? De facto, era. Procurei semelhanças comigo própria e senti que existiam semelhanças de postura e expressão. Poderia ter havido uma relação familiar, embora eu soubesse que não havia.

A conversa nesse encontro foi extremamente construtiva. Phyllis tivera menos tempo para se adaptar ao fenómeno do meu envolvimento e falara com amigos para tentar compreendê-lo melhor. Eu própria

descobrira, ao longo da busca, que isso era necessário. Um padre sugerira-lhe que a reencarnação não era sustentável, mas apresentara uma visão que lhe parecia mais facilmente aceitável. Segundo essa visão, Mary falava através de mim para reunir a família.

Obviamente, não é assim que eu vejo o fenómeno, mas também não é meu papel insistir para que a minha própria perspetiva — a de que fui Mary numa vida anterior — seja aceite. Bastou-me ser aceite pela família da forma como eles estiveram dispostos a aceitar-me.

Como resultado, as coisas estão muito melhores. Sinto como se tivesse atravessado uma barreira e o tivesse feito não sozinha, mas com a ajuda do meu marido, dos meus filhos e da minha mãe, dos amigos próximos e, claro, dos filhos e netos de Mary. Percebo que, seja eu quem tenha sido, agora sou eu própria e tenho esta vida para viver. Mas se puder fazer isso e, ainda assim, manter-me ligada à família de Mary, continuar em contacto e sentir-me autorizada a participar de algum pequeno modo, sentir-me-ei recompensada, completa.

Sempre que olho para o meu pesado arquivo cheio de fotografias e cartas, alegro-me com a família e com as pessoas que se deram ao trabalho de ouvir o que eu tinha para dizer, em vez de me descartarem. Continuo a manter alguma distância, sem me impor, com receio de causar incómodo. Provavelmente guardarei sempre alguma reserva — faz parte integrante da minha natureza. Ainda me custa acreditar que a busca esteja quase terminada. Quase? Há ainda uma pessoa por encontrar, Bridget. Talvez seja encontrada, talvez não. Neste ponto, pelo menos sinto-me disposta a aceitar que o que tiver de acontecer terá de ser aceite.

Desde que me lembro, Mary fez parte de mim. A preocupação com as crianças, por vezes em pano de fundo, por vezes em primeiro plano, esteve sempre presente. Agora, aos trinta e nove anos, encontrei a maioria dessas crianças e sei o que lhes aconteceu. Se nenhuma tivesse estado disposta a ouvir-me, eu nunca teria descoberto nada. Pela sua aceitação, Sonny deu-me aquilo que eu procurara. O sentimento de responsabilidade e culpa desapareceu, e sinto uma paz que nunca conhecera verdadeiramente antes.

Capítulo 9

Regresso a Malahide

Durante as semanas imediatamente anteriores à visita a Malahide, em 1989, sonhei várias vezes que ia até ao local da casa e encontrava apenas as fundações e alguns restos de pedra. Nesse sonho eu estava com outras pessoas e procurávamos juntos os vestígios que eu sabia existirem ali. Quando visitei Malahide nessa altura, estava sozinha e não encontrei as ruínas. Mas, em 1992, Sonny visitou o local com a mulher, a irmã e alguns familiares dela, e encontrou os restos. Eram exatamente como tinham aparecido naquele sonho.

Era como se me estivessem a dizer para não procurar uma casa ainda existente, mas eu também sentia que ainda teria de regressar ao lugar acompanhada por outras pessoas e viver plenamente aquele sonho. E, de facto, em fevereiro de 1993, depois de terminar todo este relato, visitei Malahide novamente.

No início dessa primavera, numa conversa com os meus editores, decidiu-se que seria útil eu regressar à Irlanda durante um dia para tirar fotografias e talvez ver alguns dos lugares que não conseguira visitar na viagem anterior. A máquina fotográfica que levara comigo nessa altura estava avariada, pelo que regressara a casa com apenas algumas fotografias aproveitáveis.

Desta vez seria conduzida de um local para outro e seria possível visitar Portmarnock, onde Mary crescera, e Kinsaley, a aldeia onde Mary vivera antes de Malahide e onde, segundo me disseram, poderíamos encontrar a sua sepultura. A lista dos locais a visitar era a seguinte:

Em Malahide:

Os restos da casa ou portaria.
Os restos dos suportes de pedra do portão de entrada de Gaybrook House e da portaria, que eu vira mas me tinham confundido.
A igreja católica romana de St Sylvester.
A igreja de St Andrew, em Church Road.
A loja do talhante em Church Road.
O cais.

Em Portmarnock:

A casa do chefe da estação onde Mary crescera.
A quinta pertencente à família Lett, onde Mary trabalhara antes do casamento.

Em Kinsaley:

A igreja e o cemitério onde me disseram que Mary fora enterrada.

Em Dublin:

Moore Street, onde existira o mercado de sexta-feira.
O Hospital Rotunda, onde Mary morrera.

Foi com grande tristeza que soube, poucos dias antes da viagem, que o segundo filho de Mary tinha morrido. (É o único dos filhos para quem não usei o verdadeiro primeiro nome, chamando-lhe antes Jeffrey.) Sonny telefonou-me para me informar. Jeffrey fora o primeiro dos filhos de Mary a contactar-me e a falar comigo, e senti uma profunda tristeza.

No aeroporto de Dublin fui recebida por Genny, a representante irlandesa da Piatkus Books, e seguimos diretamente para Malahide. Aparentemente, era ali que Genny passara as férias de infância, e o lugar evocava-lhe memórias agradáveis.

Ao conduzirmos pela Swords Road em direção ao local de Gaybrook, era óbvio que muita coisa mudara mesmo nos poucos anos desde a minha primeira visita. Estacionámos numa urbanização que não existia em 1989 e caminhámos em direção a Malahide à procura dos restos do portão. Houve um momento súbito de absoluto horror quando percebi que uma grande área do lado sul da Swords Road naquele ponto tinha sido arrasada. Máquinas de terraplanagem tinham removido a camada superficial da terra, árvores tinham sido arrancadas e existiam marcas para novas casas.

Continuei a dizer: «Acho que desapareceu», mas então, mesmo na extremidade do terreno, vi os pilares do portão. Pareciam mais danificados do que antes, mas agora eu tinha muito mais certeza de que aquele era o lugar correto. Em muitos aspetos, a limpeza do terreno tornara a área mais acessível. Havia menos coisas para causar confusão, tornando mais fácil concentrar-me no local certo.

Restava um pequeno troço do muro de pedra, com o topo formado por pedras colocadas de cutelo, e este ligava-se a um dos pilares ainda de pé. À direita, o fio de água que sobrava do riacho fora canalizado para dentro de

um conduto de betão. A área de terreno selvagem e descuidado, coberta de árvores e silvado, limitava-se agora a uma secção muito pequena logo atrás daquele pequeno resto de muro de pedra. Ao ficar junto ao muro, percebi que, através de uma massa de silvas, estava a olhar para a empena lateral da portaria, a minha casa.

Tentei aproximar-me entrando pelo antigo portão e caminhando na direção do lugar onde outrora existira a porta. Isso revelou-se impossível devido aos arbustos e às silvas. Depois de várias tentativas, voltei à estrada e trepei o muro para tentar chegar à casa pela parte de trás. O anexo que estivera ligado à divisão principal, ou cozinha, tinha um muro à volta que agora só chegava aproximadamente à altura da cintura. Ultrapassado esse obstáculo, encontrei-me dentro da estrutura em ruínas da casa.

Durante um ou dois momentos permaneci ali, consciente simultaneamente do passado e do presente. As ruínas daquela minúscula casa tornavam as minhas memórias mais nítidas e eu conseguia visualizar as paredes interiores, o fogo onde se cozinhava e outras partes que agora já não existiam.

As recordações inundaram-me e os vestígios físicos acrescentavam uma dimensão extra, tornando tudo tão fácil de recordar. Sabia que tudo de que precisava era da oportunidade de estar ali, de recordar aquele lugar de uma forma especial e depois despedir-me. Parecia que o tempo finalmente alcançara a minha casa, mas permitira que permanecesse abandonada e intacta tempo suficiente para eu a conseguir encontrar. Agora as escavadoras estavam prestes a avançar.

Genny trepou o muro e ficámos do lado de fora, no que outrora fora o jardim. A área onde antes se cultivavam batatas estava agora coberta de mato e arbustos. Algumas árvores grandes cresciam onde terminava a horta, e para além dessas árvores estendiam-se campos abertos. Falei a Genny do bosque que existira ali e do prado junto à portaria. Tinha consciência das mudanças, mas sentia-me encantada pela oportunidade de voltar a olhar para aquele pequeno pedaço de terra, desta vez através dos meus próprios olhos, como eu própria, não como Mary, não como uma memória.

Passeámos por Malahide e revi aqueles marcos que me eram tão familiares. Passámos pela igreja de St Andrew, junto da qual Mary passava

nas visitas à irmã, pela loja do talhante e fomos até ao cais. Genny lembrava-se também de o cais ser de madeira durante a sua própria infância.

De regresso ao centro da vila, entrámos na igreja de St Sylvester. Apenas senti que estava demasiado silenciosa sem pessoas. Numa manhã de terça-feira como aquela estava vazia, mas a minha única memória dela era cheia de pessoas reunidas e conversando à entrada. Na minha memória, aquilo fora tanto um acontecimento social como religioso.

Encontrámos a igreja em Kinsaley, mas não conseguimos localizar a sepultura de Mary. Ao longo do dia tentámos vários cemitérios — sem sucesso. Mais tarde descobri que o antigo cemitério de Kinsaley era realmente o correto, mas que a sepultura, situada no canto esquerdo junto à estrada, não tinha qualquer marca.

Em Portmarnock encontrámos a linha ferroviária, mas a antiga casa da estação onde Mary crescera já não existia. Um homem que ali estava, cujo filho trabalhava para os caminhos de ferro, disse que realmente existira ali uma casa, mas não conseguiu ajudar-nos mais.

Percorremos Dublin de carro e encontrámos uma igreja mencionada por Sonny, onde pensávamos que Mary se tinha casado. (Mais tarde descobriu-se que era a igreja errada.) Depois seguimos para Moore Street e para o Hospital Rotunda, atravessando a movimentada cidade sob um sol brilhante. O hospital era praticamente como eu esperava e, embora existissem vários edifícios de aspeto temporário na parte traseira, mantinha-se relativamente inalterado em relação às minhas memórias e ao antigo postal que eu encontrara alguns anos antes.

No registo central de nascimentos, óbitos e casamentos, em Lombard Street, encontrámos os dados do casamento de Mary. Agora tínhamos uma data e o nome da igreja onde Mary casara. A data era 22 de julho de 1917, e as testemunhas tinham sido o irmão e a irmã de Mary. Tratava-se do mais novo dos seus dois irmãos, aquele que morreria pouco tempo depois.

Os distritos de Portmarnock, Kinsaley e Baldoyle pertenciam à mesma paróquia, pelo que Mary casara na igreja de Baldoyle. Visitámos a igreja e mais tarde soube, através de alguém de lá, que a data de nascimento de Mary era 1 de dezembro de 1895.

Muita coisa mudara. Lugares que tinham sido pequenas aldeias eram agora bastante movimentados. Muitos edifícios que poderiam ainda existir desde a década de 1920 ou antes já tinham desaparecido: alguns demolidos para urbanizações, outros simplesmente deixados ao abandono até ruírem. A casa original da estação em Portmarnock provavelmente não era muito grande; a minha memória é a de uma casa relativamente pequena. E a quinta onde eu acreditava que Mary trabalhara podia ter desaparecido ou tornado quase impossível de localizar. Mas, mesmo sem encontrar tudo, o dia fora extremamente produtivo.

Para mim, talvez a melhor parte do dia tenha sido encontrar-me com três dos filhos de Mary no aeroporto antes de partir. Ao conhecer Frank e Betty pela primeira vez, e Phyllis apenas pela segunda, tive uma consciência profunda da sorte que tivera desde o meu primeiro telefonema nervoso a Sonny. Nunca esperara que alguém quisesse ouvir-me, mas Sonny ouvira-me e ajudara-me. Graças a isso, fora-me permitido expressar alguns dos sentimentos pela família que estiveram reprimidos durante tanto tempo. Agora mantinha contacto com cinco dos filhos e conhecera quatro deles. Cada um é importante para mim — são pessoas especiais que merecem respeito e consideração. A bondade e a aceitação deles ultrapassaram tudo o que eu poderia ter esperado. Restava apenas um membro da família por encontrar: Bridget ou Bridie.

Capítulo 10

O Fim da Jornada

Por fim, o livro ficou concluído e a sua publicação, bem como a digressão promocional, aproximavam-se rapidamente. Durante a última semana de abril de 1993, os cinco filhos de Mary e eu participávamos nas filmagens de um documentário na Irlanda. Era a primeira vez que a família estava reunida desde 1932 e a primeira vez que Christy e eu nos conhecíamos. Todos os cinco estavam satisfeitos por participar no programa, algo que anteriormente me preocupara bastante. O meu sentido de proteção em relação às «crianças» parecia destinado a continuar.

O editor do programa, David Alpin, manifestara vontade de tentar localizar Bridie. Phyllis conseguira descobrir que Bridie e o marido tinham emigrado para a Austrália na década de 1950 e que o filho, vindo da

Austrália, visitara um hotel em Dublin nos últimos anos. Era provável que a família ainda estivesse lá.

David começou a tratar do assunto contactando várias estações de rádio na Austrália e pedindo que fosse transmitida uma mensagem cuidadosamente redigida. Esta mencionava a família e a companhia de televisão, mas não a natureza da minha investigação. Contudo, quando as filmagens começaram, ainda não havia qualquer resposta de Bridie.

Embora houvesse apenas um dia de filmagens com a família na Irlanda, existia uma enorme alegria por estarmos juntos. Os cinco Sutton, uma nova família e amigos, a equipa de filmagem e eu própria criámos uma atmosfera semelhante à de uma festa. Passámos muito tempo a conversar, tanto diante das câmaras como fora delas, e todos apreciámos a oportunidade de estarmos juntos.

Graças ao facto de Sonny ter feito logo de início várias perguntas pertinentes, todos nos sentimos à vontade. Discutimos os nossos pontos de vista e cada membro da família explicou como compreendia o fenómeno da minha memória da vida da mãe deles. As explicações iam desde a aceitação da reencarnação até à crença de que Mary falava através de mim. Esta última visão era sobretudo partilhada por Betty e Phyllis. Falar de forma tão direta foi, pelo menos, muito libertador e, para mim, representou mais um passo no caminho da compreensão e da aceitação. Mesmo nesta fase, o apoio oferecido pela minha família continuava a ser extremamente importante.

Também tivemos oportunidade de revisitar a portaria de Gaybrook, e a família e eu permanecemos juntos entre as ruínas, recordando como tudo fora e relembrando acontecimentos passados ali. Christy, que não regressava àquele lugar desde a infância, conseguia lembrar-se exatamente do ponto onde estava quando a mãe foi levada dali para o Hospital Rotunda. Fora a última vez que vira o rosto de Mary e, para ele em particular, todo o dia foi extremamente emotivo. Ao falar das suas últimas memórias de Gaybrook ficou visivelmente à beira das lágrimas, e não pela primeira vez naquele dia.

Betty e Frank tinham ambos muitas perguntas. Betty não se lembrava da casa que deixara quando ainda era um bebé muito pequeno, e Frank, que também fora muito novo, sentia-se inseguro quanto a detalhes da

disposição interior da portaria. Rapidamente se tornou evidente que ninguém achava estranho que eu conseguisse indicar onde tinham estado a lareira ou a porta e falar da vida na portaria com a mesma facilidade que qualquer um dos membros mais velhos da família. Nessa altura, todos já se estavam a habituar.

O programa reconstituiu vários acontecimentos do passado com atores, e assisti a uma dessas reconstituições na noite anterior ao reencontro. Era no cais de Malahide. Uma atriz estava ali com um xaile escuro sobre os ombros enquanto um pequeno barco a remos se aproximava. Uma brisa fresca vinda do mar fez-me estremecer quando o rapaz que representava Sonny saltou para terra e os dois se abraçaram. De repente descobri que não conseguia conter as lágrimas. Foi uma surpresa considerável para mim e, de certa forma, um embaraço, perceber que era completamente incapaz de esconder a profundidade dos meus sentimentos. Ver as minhas memórias representadas daquela maneira devolveu-me abruptamente à realidade de tudo o que conseguia recordar como Mary e descobri que ainda me sentia muito frágil e vulnerável.

Foi várias semanas mais tarde que David Alpin telefonou para dizer que tinha sido contactado por uma estação de rádio australiana. Um homem respondera e havia fortes probabilidades de se tratar do marido de Bridie. A má notícia era que, se fosse realmente a pessoa certa, então Bridie morrera quase vinte anos antes.

Tive de admitir que, quando procurávamos tanto Phyllis como Bridie, eu esperava encontrar Phyllis, mas era incapaz de visualizar Bridie na minha mente. Parte de mim não esperava encontrá-la. Contudo, isso não tornou a notícia mais fácil de suportar. Senti a minha própria tristeza e sabia o quanto os outros ficariam desapontados.

Por minha sugestão, foi Sonny, e não eu, quem estabeleceu o contacto. Eu tendia a evitar o contacto inicial com os membros da família encontrados mais recentemente devido à minha posição invulgar. Alguns dias depois, Sonny telefonou-me para dizer que o homem era o viúvo de Bridie. Tinha telefonado a Sonny da Austrália e falado sobre Bridie, os filhos dela (três raparigas e um rapaz) e a vida que tinham construído juntos.

Pouco depois, Sonny partilhou comigo uma longa carta que recebera de duas das filhas de Bridie, incluindo fotografias da família, entre elas uma de Bridie. Depois disso, e encorajada por ele, estabeleci contacto e senti um enorme alívio ao ser bem recebida. Fiz várias outras viagens à Irlanda para promover o livro e, numa dessas ocasiões, pude levar comigo a minha família. Desta vez, as duas famílias encontraram-se. Os meus filhos do passado conheceram os meus filhos e marido da vida presente, e tudo decorreu muito bem.

Sonny apareceu comigo num programa de televisão enquanto o meu marido e os meus filhos, juntamente com Frank, Betty, Phyllis e Christy, estavam sentados na assistência. Enquanto Sonny falava em direto, expressou as suas opiniões sobre a reencarnação e deixou claro que agora aceitava esse conceito. Esta manifestação pública de apoio apanhou-me um pouco de surpresa, mas foi uma surpresa extremamente calorosa e bem-vinda.

Ao longo dos poucos dias que estivemos em Dublin houve ainda oportunidade para conversar mais com alguns membros da família. Tanto Sonny como Betty me fizeram, independentemente um do outro, a mesma pergunta, e ela foi tão tocante que me surpreendeu e abalou. Ambos queriam ter a garantia de que eu continuaria em contacto com eles! Eu estivera tão preocupada com a minha própria insegurança que nunca me ocorrera que algum deles pudesse recear perder o contacto comigo depois de toda a agitação desaparecer. Estivera tão ocupada em tentar não ser demasiado insistente nem esperar demasiado que eles próprios tinham dúvidas quanto ao meu compromisso contínuo de amizade. A única resposta possível pareceu ser abraços para todos e um firme: «Claro que sim.»

Perguntam-me frequentemente como o meu marido e os meus filhos lidam com as minhas memórias de uma família anterior. Sempre achei difícil responder. Na verdade, não sou diferente agora da pessoa que eles sempre conheceram. Não há motivo para se sentirem inseguros porque o assunto sempre foi discutido e tratado como algo relativamente normal. Os meus filhos foram incentivados a formar as suas próprias opiniões sobre tudo, por isso foi uma transição mais ou menos tranquila chegar ao ponto em que estamos hoje.

Outros familiares e amigos convivem com as minhas memórias desde a minha infância. Um tio lembrou-me recentemente que eu lhe falara disso quando tinha seis anos. Todas as pessoas mais próximas de mim tiveram tempo para se habituar à ideia das memórias, por isso elas deixaram de ser algo estranho para se tornarem simplesmente parte da vida e uma parte de mim.

Várias outras perguntas voltaram repetidamente. Ter encontrado a família resolveu o meu tormento emocional? Sinto-me agora em paz? A palavra que melhor resume os meus sentimentos é alívio. Sinto alívio por ter encontrado a resposta ao localizar a família e alívio por ter sido aceite por ela. Sinto-me confortada pelo apoio dado por todas as pessoas próximas de mim e ainda um pouco surpreendida pela quantidade de apoio oferecida por outras pessoas.

E houve uma mudança. Depois da catarse que culminou neste livro, sinto-me agora mais confiante e descontraída, possivelmente por ter feito as pazes comigo própria tanto quanto por ter encontrado respostas. Nunca mais tive depressões. Sem dúvida, sinto-me em paz.

É como se tivesse atravessado uma porta. Depois de anos a seguir um caminho tortuoso, em que os meus próprios medos e sentimentos de inadequação me atrasavam tanto quanto os obstáculos reais, cheguei a um ponto em que sinto que me é permitido falar sobre os meus pensamentos e experiências muito mais abertamente do que alguma vez antes.

E foi estranho descobrir quantas pessoas têm experiências «estranhas» que nunca conseguiram discutir com os outros por receio do ridículo. Agora sentem-se capazes de mas contar. Tudo isto leva-me a perguntar se as experiências «paranormais» não acontecerão de facto a mais pessoas do que imaginamos, mas simplesmente não são discutidas abertamente.

As reações sob a forma de cartas e chamadas para programas de rádio, mesmo nas primeiras semanas após a publicação na Grã-Bretanha e na Irlanda, tranquilizaram-me quanto ao facto de eu ter feito a coisa certa. Houve uma reação tão positiva, tantas pessoas que se sentiram confortadas ou inspiradas. O melhor de tudo foi perceber que estava a alcançar algumas daquelas pessoas que, tal como eu, tinham memórias de vidas passadas e começavam a tentar compreender essas imagens, apesar da oposição

cultural. Descobri que, simplesmente ao partilhar a minha história, estava a apoiar outras pessoas, e isso fazia-me sentir bem.

Os meus principais objetivos agora são passar tempo com a minha família e manter contacto e visitar a minha outra família, os Sutton. Mas um novo desafio começa agora a emergir da resolução do passado. Sinto-me cada vez mais intrigada com outro aspeto frequentemente evasivo: a premonição do futuro. No auge da minha busca pelas crianças de ontem, tive um vislumbre do que agora acredito ser a minha próxima vida. Como já relatei anteriormente no Capítulo 7, durante o fim de semana da Páscoa de 1990, tive um breve vislumbre da vida de uma rapariga asiática — nepalesa, na verdade — no próximo século. Quero descobrir se é possível saber mais sobre essa nova vida e se consigo obter informação suficiente para localizar a área e confirmar alguns dos detalhes que vi. Sinto um grande sentido de continuidade através da consciência das vidas passadas, presentes e futuras. Sei que mais tempo da minha vida será ocupado por esta nova busca. Já não procuro a resposta para o ontem; livre de um fardo que levou metade de uma vida a resolver, o amanhã começa agora a chamar por mim.